



0

ALABAMA



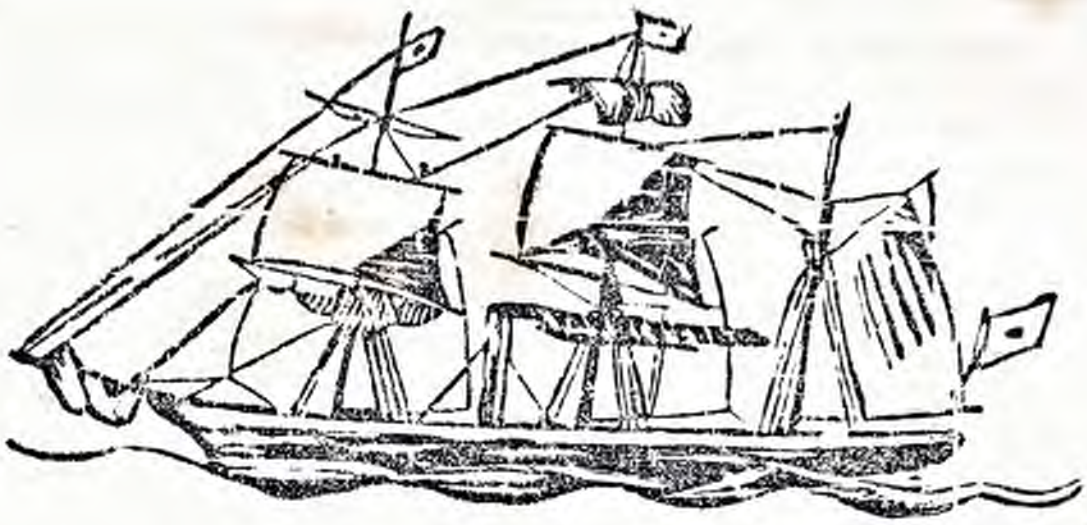
1869

A

1870



I.C.H.V.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 54

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

4 DE AGOSTO DE 1869.

N. 533

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
3 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que, na sexta-feira, foi castigado barbaramente por um caixeiro do Sr. Moreno, de nome Coelho Vianna, o creoulo Vicente escravo do mesmo Sr. Moreno, no cortume de couros do mencionado senhor, no Engenho da Conceição, o qual se acha com o rosto disforme e o corpo todo cheio de cevicias, e não obstante tão rigoroso castigo, está mettido em um tronco, comendo de vinte em vinte e quatro horas, por authorisação de seu senhor que consentiu o castigo feito por seu caixeiro. Em vista do que acima fica exposto, espera-se que S. S. dê as providencias que o caso urge.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, dizendo-lhe que espera-se da solicitude e zelo com que S. S. costuma desempenhar as attribuições a seu cargo, uma providencia á pôr cobro ao insolente procedimento de dous desastrados meninos da casa 21 C, á rua do Bispo, os quaes ou andam pelas ruas arrebatando doces das caxinhas e outras *gentilezas*, ou divertem-se em casa em atirar petelecos em quem passa. Uma vez que as pessoas encarregadas de sua educação não se dão ao trabalho de mandar-lhe dar um officio,

S. S. obrará bem remettendo-os para bordo, onde se poderão tornar optimos cidadãos, uteis a si, a sua patria, e aos seus, na linguagem do presidente desta provincia.

REQUERIMENTO DESPACHADO.

Moradores da rua das Veronicas e Caminho Novo, pedindo que seja admoestada a esposa do Sr. Machado, ferreiro, para que não continue no systema de castigar demasiadamente e a cada passo, um filho, cujos gritos e lamentos causam grave incommodo.—Remettido ao Sr. subdelegado da Sé, para providenciar.

—Dõe no fundo d'alma ver esta desgraçada preta.

—E é digna de compaixão; uma pobre velha, septuagenaria, a quem a idade ja fez vergar o corpo e mal pode arrastar os pés.

—E ainda assim é obrigada a pagar doze vintens diarios a sua senhora!

—Oh! que revoltante crueldade!

—Incapaz de outro trabalho, a infeliz decrepita é empregada em tirar esmolos.

Porem, no dia em que a charidade publica tão cavilhosamente exterquida, não é prodiga em completar os doze vintens, ai da miseranda!...

Prova do pão que o diabo amargou.

—Si houvesse um asylo, onde fosse recolhida a mendicidade, essa senhora ou esse verdugo, não especularia assim com a bene-

ficencia publica, commetendo ao mesmo tempo uma falta de humanidade.

—Ou ao menos si a policia esmerilhasse certas cousas.

—Mas isso não lhe compete.

—Neste caso pode quanto cavalheiro de industria quizer, viver a custa da bolsa publica.

Então uma escrava, cuja senhora se utiliza de seus serviços, mandando-a carregar agoa, levar comida, é para andar tirando esmolás, não para si, mas para seus senhores?

—Nesta terra ha muitos meios de viver.

Mas de quem é ella escrava?

—De uma Sra. D. Roza, ao becco do Arcebispo.

—Si fosse em outra-terra a melgueira se acabava, mas aqui... quem sabe?...

—O *Jornal da Bahia* publicou, ha dias, que em virtude de noticia do *Alabama*, o subdelegado da Conceição da Praia procedeu a averiguação no 3.º andar da casa n. 23, a rua Nova do Commercio e que nem pela frente, nem por detraz, encontrou a mulher de cor parda, que se dizia rigorosamente castigada por um africano á mandado de seu senhor.

—Mas devia acrescentar que, um pouco mais adeante, na casa n. 10, foi effectivamente encontrada a infeliz no estado que se affirmara, tanto que o subdelegado a remetteu a policia.

—E que alem disso, achou-se mais uma outra, creoula, que se diz forra e estar alli occulta, para ser vendida, por meios capciosos.

—As cousas são assim.

Não sei que interesse teve o *Jornal* em omitir isto.

—E para estas falcatruas de reduzir á escravidão pessoas livres, é que a authoridade deve ser escrupulosamente minuciosa.

—Quem teria a lembrança de deitar aqui este cavallo morto?

—A vista do esquecimento de quem deve mandar apanhal-o, é provavel que permaneça neste Campo da Polvora até que os urabús deem cabo d'elle.

—Mesmo que os bichinhos ja comecem a osvoaçar em derredor.

—Com sobras de razão; o animal exposto aqui ha dous dias começa a putreficar-se e a desafiar o fardo dos passaros carnivoros.

—Não diziam que a camara actual vinha fazer e acontecer?

—E de factos.

—Mas ainda não teve olhos para ver o la-

maçal e buraqueira da Luleira da Fonte dos Padres. E nem tambem se lembrou de reparar o gradil da mesma, cuja maior parte está arrancado.

—Não é cousa de tanta urgencia.

—Pode me apontar o que tem feito ella de mais urgencia?

—A economia; ja tem bastante dinheiro em cofre; tanto que vae pagar a seus credores.

—Pois eu achava que tal dinheiro seria melhor empregado em provêr as necessidaes publicas do que amontoado nos cofres.

—A companhia de Vehiculos vae provando que se torna credora da animação publica.

Tendo completado as obras do assentamento dos trilhos de ferro até o Pilar, alterou desde o 1.º do corrente o ponto de partida das diligencias, que até agora se tornava incommodo pela longitude do lugar.

—Assim é que eu gosto. Quem não é para as cousas não se mette nellas.

—Tambem é de esperar da companhia, logo que o possa fazer, a diminuição nos preços das passagens, porque, quanto mais barato for ella, tanto maior será a concorrencia.

—A *Reforma Liberal*, do Amazonas publica o seguinte:

«ACTO MERITORIO.—O Sr. coronel Leonardo Ferreira Marques libertou hontem (30 de junho) onze escravos.

«Registramos o facto, digno de louvor, com tanto maior satisfação quanto o seu author, todos sabem, é nosso adversario politico e permanecemos com tal na mesma posição.»

Este nosso presidente,
E formado em brincadeiras,
Esquece-se da charidade
Por politica, faz asneiras!...

—Por fallar n'isso; que providencias deu o presidente da provincia a respeito do desfalque do Monte-Pio dos Artifices?

—Ainda não sabe?

—Não.

—Mandou chamar o relator da commissão de inquirito, e depois de seu ajudante de ordens dizer-lhe:

«—O senhor correu para o *Alabama* e para o *Diario* porque não teve as providencias de prompto, não?

«—Senhor, diga-me si a sociedade Monte-Pio dos Artifices é composta somente de minha humilde pessoa?

«—Não sei; espere que o official de gabinete de S. Ex. ja lhe vem fallar.»

—Vá a secretaria tomar o seu officio. S. Ex. não pode dar providencia alguma porque sua representação não está legalizada com as assignaturas do numero de socios que corresponda ao da assembléa geral; e si quer providencia, va legalisal-a e volte.

—Mas elle não deu o officio ao relator da commissão de inquirito, e sim um outro em resposta ao delle, o qual vem publicado no *Diario*.

—E' verdade.

—Agora diga-me; si S. Ex. não tem ingerencia nas sociedades, segundo se deprehende de suas palavras, de que serve então os poderes que lhe são conferidos pelo decreto 2,711?....

—Bem que elle sabe; mas S. Ex. não dá cavaco, porque é uma sociedade de artistas, e não valem nada os artistas!

—O que me está parecendo é que S. Ex. logo manda as irmans de charidade tomar conta daquillo, e então enterpretará o decreto da maneira que lhe convier!!

—Como o Sr. Cansansão entregou a ellas os cincoenta contos de reis que deixou o Méu-roa para edificar-se uma casa de asylo para os pobres..

—Está provado. Segundo os embraços que está pondo o presidente da provincia na nomeação do presidente da sociedade, dentre os novos eleitos por ella, é que elle pretende acabar com aquillo..

—Mas o que importa a S. Ex. o orphão, a viuva, a mãe, e irman do pobre artista? vão esmolar o pão da charidade publica, que será prazer para S. Ex. vel-os de porta em porta, porque elle ignora o amor de um pae a seu filho, de um marido a sua esposa, de um irmanão a sua irman, e de um filho a sua mãe!...

Permitta-me que diga, que S. Ex. não tem alma, é um homem sem coração, um homem sem humanidade, porque si assim não fosse, vendo que aquella sociedade, é uma sociedade de beneficencia; de charidade, já teria dado as providencias que o caso urge!.....

Á PEDIDO

O AMOR CONSULAR PARDALESCO OU
O DEVASO GALEGO PIGMEU.

(Continuação dos ns 530 e 531.)

SCENA V.

—Até que enfim, foi-se o maldito caixeiro do theatrol.

Safal

Que homem diabolico! ..

—Esteu completamente desacreditada e

deshonrada para sempre! Meu Deus, compadecei-vos desta esposa infeliz!

—Tranquillise-se minha senhora, que isto é uma bagatella...

—Oh, senhor consul! Então é bigatella a honra de uma esposa?

—A honra neste mundo, minha senhora, é chimera!

—Como?

—Eu lhe explico:

E' honrado áquelle homem que seduz moças donzellas e as atria no lodaçal da prostituição; é honrado aquelle homem, que como eu, seduz as senhoras cazadas; é honrado aquelle homem que rouba de orphãos e viúvas; é honrado o juiz que dá sentenças por dinheiro; é honrado o procurador que vende a causa do seu constituinte a parte contraria; é honrado o thesoureiro de sociedade, de irmandade ou mesmo da fazenda, que negocia com o dinheiro que tem de baixo de sua guarda; é honrado o marido que transige com a honra de sua esposa; é honrado o sacerdote que abusa do confissionario para perverter donzellas; é honrado o escriptor que vende sua consciencia; é honrado o ministro que rouba do estado, porque enriquece de momento, etc., etc.

Deixemos de honra, porque isto é pèta!

—Mas, senhor consul, quando eu entro agora no scenario minhas companheiras riem-se e me apontam!

—Inbecis! Que importa a senhora o riso dellas, quando tem creado as suas ordens e o mais que lhe é preciso.

—Sim; mas...

—Mas o que, minha senhora?

—Nosso filho, senhor consul, o fruto do nosso criminoso amor!...

—Aceite, minha senhora, a proposta; deixe seu marido e fique...

—E sua mulher, senhor consul.

—E que lhe importa, minha senhora, isso? Por ventura o homem cazado não pode ter amantes?

—Então, o senhor...

—Prometto ser seu constante, e...

—Jura, senhor consul?

—Juro, como juram todos os amantes!

—Porem, eu tenho um contracto.

—Eu me comprometto, a arranjar a resolução do contracto.

—O senhor?

—Sim, meu anjo.

—Meu Deus! Que boa alma tem esse homem!

Ficou!... Serei muito feliz em sua companhia!

—Oh ventura! O passaro cahiu no laço!

—Eim? O que diz senhor consul?

—Que amo-a, e que a amarei sempre!

—Jure commigo.

• A fé de meu juramento,

• Reciba e jure tambem,

• Ser-me firme até a morte,

• Sem amar a mais ninguem.»

—Devo repartir um bocadinho do amor com minha mulher.

—Sim; somente com ella!

(Cahi o panno.)

Exm. Sr. capitão de Alabama.—Os moradores do Pau do Pavilhão e do becco de Maria Chicara, vem respeitosa-mente queixar-se contra os famulos de uma casa titular, os quaes para gavião so lhes falta as azas.

E' o caso que não pode por alli parar um vivente gallinaceo, que os taes milhafres não lhes passem as unhas.

No sabbado, 24 do passado, a dona de uma soberba gallinha, foi tiral-a ja de dentro do nobre solar, aprisionada por um molecote de calça e camisa azul, á mandado da mocama Luz inda.

A 20 do supracitado, foi um formoso gallo apprehendido mesmo debaixo das baterias de seu dono.

E neste gosto vão disimando a creação dos outros.

Ora, uns crear, para outros achar, é duro.

A' vista do exposto, e certos de que, quem quer encher a barriga á tripa forra, vae para a portaria de S. Francisco, os recorrentes esperam de V. Ex. providencias.

—Capitão, tenho minhas queixas contra a empreza dos trilhos urbanos.

—Porque, meu amigo?

—No dia 30 do passado, tinha de partir do Xixi o trem das 6 e 20 da noite e querendo ir de passagem, apresentei ao Sr. Soares, caixeiro da empreza, o bilhete, que me garantia um lugar; porem este Sr. oppoz-se, a pretexto de estarem todos completos.

Resignei-me; embora reconhecesse comigo que a empreza devia ser mais precavida, para que o publico não viesse a ser prejudicado.

Mas o que veio me sorprehender foi ver o mencionado caixeiro, momentos depois, dar entrada a dous passageiros!

Ainda assim pedi-lhe prudentemente uma explicação do que significava aquella preferencia e fui bruscamente respondido!

Ora, não acha V. Ex. que é um abuso?

—Assim como o Sr. diz é. Logo que tinha de ante-mão bilhete, assistia-lhe todo direito.

—Portanto fique V. Ex. convencido de que

as instituições nesta terra, por melhores que sejam as intenções, são sempre falseadas na execução.

VARIÉDADES

MISCELLANEA DE QUATRO COUSAS

Quatro cousas servem ao homem de maior gosto na vida—ganhar, viajar, casar, e envelhar.

Quatro cousas não se podem soffrer sem serem boas—Café, vinho, poeta, e melão.

Quatro cousas são a zanga dos homens quando se achão juntas em um homem só—cabeça calva, olhos azues, marca pequena, e voz de sovelão.

Quatro cousas podia escusar muita gente—café, cigarro, neve, e banhos.

De quatro cousas se deve guardar o homem—de mão visinho, de companhia de traidor, de amigo que falla em tudo sem principios, e de compadres mal creados.

Quatro cousas dão a morte do homem antes de tempo—mulher ma, herba crua, restos de vinhos, e quedas.

Quatro cousas empobrecem o homem—jogo, demandas, banquetes e namoração.

Quatro cousas deve ter o vinho para ser bom—ser maduro, claro, velho, e de graça.

Quatro cousas mettem o homem no inferno em vida—Cunhada invejosa, sogra desconfiada, mulher ciumenta, e filho tolo.

SONETO.

Qual é no mundo a cousa tão amada,
Que todos em geral aborrecemos?
Todo o bem que nos dá por mal o temos,
Todo o mal que nos dá redonda em nada?

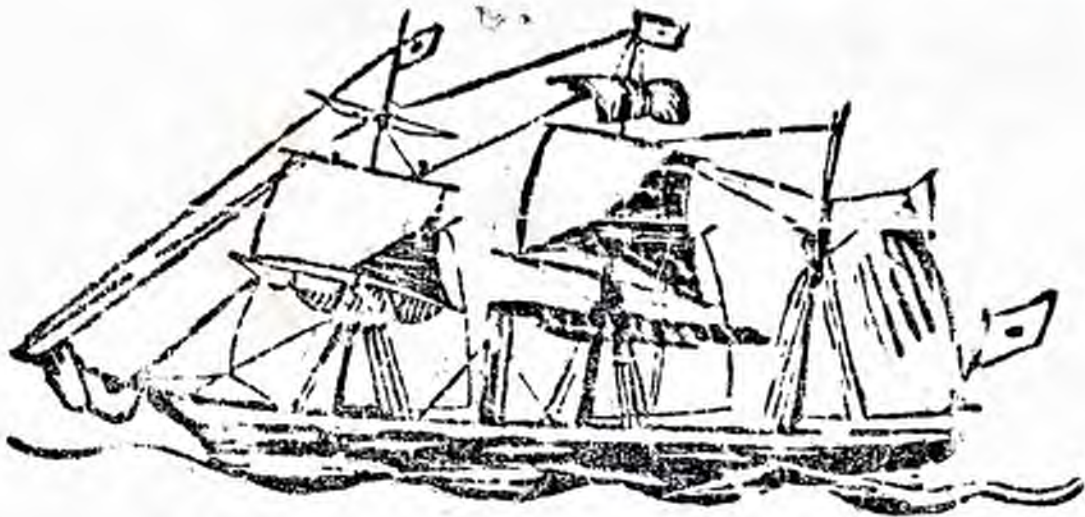
Do grande e do pequeno desejado,
Navega com velas, mas sem remos,
Com olhos corporaes jamais a vemos,
Não foi por niuguem vista nem achada.

Não é pedra, nem pau, agua, nem vento,
Não é cousa creada, nem nascida,
Não é memoria, voz ou pensamento.

Em cada qual de nós anda escondida,
De sorte que sem ella um so momento.
Não pode conservar-se a propria vida.

Por Antonio Carlos R. de A. M. e Silva.

A vida, disse alguém, é uma mesa onde se ajuntam 4 jogadores: o tempo está na cabeceira, e passa; o amor faz o seu resto e, treme: o homem tem boas esperanças, e a morto ganha tudo.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

ANNO VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 54

Preço d'assignatura — 40 rs, por serie de 10 numeros, ou 50 rs. por 6 series.

BAHIA

7 DE AGOSTO DE 1869.

Ns. 534 e 535

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
6 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, representando-lhe contra os excessos das praças do destacamento da freguezia do Pilar, os quaes estão contrariando as vistas que teve S. S., quando tomou a deliberação de estaccionar n'aquelle ponto uma força.

Ainda hontem, á noite, arrastaram um portuguez embriagado, com uma brutalidade propria de selvagens, e a não ser a intervenção do capitão José, Vicente Ferreira, matariam, de certo, o pobre homem.

Na convicção de que a policia é para accommodar e não para provocar, espera-se que neste sentido S. S. expeça terminantes ordens.

—Ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude pública, pedindo a intervenção de sua authority para que seja removida a fabrica de vellas de carnaúba da *Rocinha da Inveja*, as Portas do Carmo, pelo pernicioso encommo que causa aos moradores; o que espera-se.

—Ao Illm. Sr. commandante do corpo provisório de policia, recommendando-lhe summo cuidado na grande porção de *phosphoros* que, consta, existe no quartel do seu commando, os quaes, a irem no progressivo augmento em que vão, podem fazer explosão,

caso que, segundo affirmou o *Interesse Publico*, ja ia acontecendo no commando do tenente coronel Freire de Carvalho.

REQUERIMENTOS DESPACHADOS.

Florencio, procurador, pedindo a este commando providencias sobre um temivel cão que ha no sobrado n.º 22, á rua Direita do Collegio, o qual morde as pretas que vão venderem no dito sobrado, acontecendo ficar a alma sua escrava mordida nas pernas e com a saia em tiras.—Reemendou-se ao muxingueiro Evaristo para que vá ao supra dito lugar deitar a-bolla.

—Julio Feijoada, pedindo licença para descompor á quem quizer pelas tavernas, quando estiver bebado.—Remettido ao muxingueiro para escovar o pello desse insolente, com a taca bem ensabada, pela sua atrevida pretensão.

—O que é de utilidade nesta terra, evapora-se!

—Predomina entre nós um caiporismo inconcebivel!

—Ora attenda:

Aqui ha tempos, a policia estabeleceu como medida preventiva de algum desastre, que nas ladeiras do Tabão e Caminho Novo os carros de condução de generos subissem exclusivamente por uma e descessem por outra.

—Uma boa lembrança; evitava confusão e atropello aos transeuntes.

— E por ser boa, dura pouco.

Hoje é um labyrintho infernal a ladeira do Taboão! Os carros sobem e descem por ali aos encontros com risco imminente de quem transita.

— E' preciso muito cuidado para não ser pisado.

— Nas horas mais ardentes do dia é um inferno; os annuaes, extenuados pela fadiga, não podem resistir á pesada carga dos carros e estes despençam pela ladeira, em risco de esmagar a quem vem subindo.

Outra vez são caixões de sabão e outros generos que rolam, por que os conductores, com a usura, fazem uma *gangorra* muito alta, de sorte que, com os tombos, vae-se tudo quanto Martha fiou pela ladeira abaixo.

— Tudo isso é encommodo para o publico.

— Alem de outro perigo a que está exposto o publico:

— Qual?

— O gradil da ladeira da Fonte dos Padres está arrancado em parte, e é bem provavel que em uma occasião, em que o peso da carga, superior ás forças do animal, arraste o carro para traz, va elle despenhar se por ali.

— Pode ser que não chegue a acontecer isso. Estou certo que a policia ha de tomar uma medida.

— Ora vamos a ver.

— Os carnicheiros ja não se limitam a roubar o publico no peso da carne.

Vão muito além.

— O que fazem então?

— Dão pancada.

— Essa é que é boa!

— Quem reclama apanha.

O cortador do talho n.º 9, M, á Baixa dos Sapateiros, poz a cara de uma mulher em lastimavel estado, na quarta feira.

— Que bruto!

— Depois de esbofetear-a com o proprio peso de carne, quebrou-lhe a cara com um pau.

— Assim sem mais nem mais?

— A victima, reconhecendo o roubo, recusou-se a receber a carne, e isto bastou.

— Foi preso?

— Não.

— Que terra! Pois um lugar onde se ajunta tanto povo!

— O malvado, assim que viu o effeito de sua boa acção, fugiu mandando um collega tomar conta do açougue, o qual foi preso pelo ordenança do major Marinho.

— Bom, para não ser adiantado.

— Houve quem se oppuzesse á prisão; mas na minha opinião foi muito justa.

— Que duvidal

— Estes conegos da cathedral, bençãos Deus!

São remissos até onde se pode ser!

— A semana passada pregaram uma reverendo logro aos fieis.

Por tres dias consecutivos não appareceu um si quer para celebrrrr missa.

— O coro é resido constantemente com um ou dous conegos.

— E chamam-se os obreiros do culto divino! os exemplificadores do christianismo!

— Na Barra e em Itapagibe apparecem agora vultos estranhos, fora de horas.

Quebram vidracas, atiram pedradas, etc.

— Como sabe'disso?

— Disseram-me. A policia está em movimento para descobrir.

— Homem, cale sua bocca. V. anda atoa no mundo. Ha muito quem atire o foguete e va depois apanhar a flecha.

— Foi ver a estréa da companhia dramatica?

— Isso não se pergunta.

— Que tal achou os artistas?

— Bons; notei somente uma cousa, — a falta de concurrencia, o que desanima a empresa.

— Convem pedir ao respeitavel publico desta cidade a sua frequencia no theatro, affim de que não venha-se a ficar sem o unico divertimento que nos resta.

— Apoiado!

— Capitão, tome!

— Que é isto?

— E' um folheto de poesias criticas, intitulado — *Traços e sombras ou pequeno esboço das bellezas da Bahia* — obra de um pintor brasileiro, que se digna offerecer a V. Ex.

— Manté agradecer a seu author a delicadeza e recommende a sua leitura ao respeitavel publico desta cidade!

— Veja como as filhas de S. Vicente de Paula praticam charidade.

— Va dizendo.

— Maria Francisca de Santo Antonio, mulher valetudinaria, habitava por esmola no corredor de uma loja da propriedade do Sr. coronel Fortunato, ao Maciel de Cima.

Sentada na porta, recorria a charidade publica, ia passando.

Cahi gravemente enferma, estava ali abandonada, e perecendo a mingoa.

Houve quem condoido de tão deploravel

estado, fizesse um requerimento á authoridade para mettê-la no hospital.

Na quarta-feira, chegando á porta daquelle casa pia para recolher-se, foi estacada e repellida pelas impedernidas *charidosas* que não queriam recebel-a.

Depois de porfiada reluctancia, consentiram em dar entrada a doente, porem, como si ella estivesse douda, atiraram-na na enfermaria das doudas, até que chegando a noite, succrateiramente a expulsaram para fora do hospital!

— Daquelle casa, cujo titulo attesta que foi creada para abrigo dos que por sua nimia indigencia recorressem a ella! na doença!

— Pois, meu capitão, as *santas* mulheres expulsaram deshumanamente, á noite, a pobre enferma, a qual, atacada de estupor nas pernas, não pod a andar!

— Oh, que mulheres sem alma!

E continuam os seus apologistas a enleusar-as, á vista de tantos factos de requintada deshumanidade!

— Houve um defloramento.

— Onde?

— No palacio do archbispo.

— Pois lá?!.. No tabernaculo do pulor! no abrigo da castidade!

— Não se assuste; foi um escravo de S. Exa. Revma. que desvi ginou a uma menina.

— Homem, eu li, que S. Exa. offerecera um escravo para a armada, seria este?

— Qual gentes! O tal, S. Exa. querendo reparar o mal, pretende cazal-o com a offendida. E' o que me consta.

— Está bom; louvores lhe sejam dados.

— Capitão, as vezes sou curioso.

— Sempre.

— Não me responderá uma causa?

— Falle.

— Porque é que a Ordem 3^a de S. Domingos não festeja o seu patriarcha?

— Rapaz vontade tinha eu de lho responder, mas não posso.

— E' extraordinario!

Festeja-se o Senhor do Bonfim com esmollas, faz se outras muitas festas na egreja e so o padroeiro com um rendoso patrimonio não é festejado!

— V. quer saber por que é?

— Por isso perguntei.

— Então espere que eu von aqui e ja volto.

— Capitão, a policia apatriciaando os caloteiros.

— Ora saia-se dahi!

— Eu lh'o provo.

— E' o que eu quero ver.

— Então esente:

Conhece o *Bigoleiro*?

— Um rapaz laborioso; emprega-se em commissão de mandados e cobranças.

— Já vê que não é um vadio, um reu de policia.

— Está claro; continue.

— Pois esteve trancafiado por tres dias no chilindró, por causa de um devedor se ir queixar a policia.

— Santa Virgem, que arbitrariedade!

Prende-se a alguem nesta vida por queixa?

— Quando eu digo que o pobre não tem direito nesta terra, V. Exa. d'outra.

— Rapaz, talvez V. esteja enganado. N'um paiz, onde a lei é igual para todos, não se pratica tao estupenda violencia.

— Si V. Exa. se recusa a acreditar, é outra cousa.

— Nem posso crer.

Como é que um pobre homem cunça as pernas mais de vinte vezes em ir á porta do Sr. Fulano de tal e este a *mer* que venha logo, volte amanhã, não por falta de meios mais por que sua baldá é não pagar a quem deve, e porque n'um dia o cobrador, um pouco azedo, diz uma *leria*, elle corre á queixar-se á policia, e isto é bastante para ser privado de sua liberdade?

— Tal seja a posição do queixoso, capitão.

— O a qual!

— Pelo menos é preciso ter cara de pau para ir confessar que deve e não quer pagar.

— Não é com maus termos que se cobra; porem tambem a policia não pôde prender alguem por isso.

— E depois, a paciencia tem limites; ha nada que masse mais a paciencia do que um *porreteiro*?

— Agora, si esse homem, cujo meio de vida é cobrar dividas, perseguido, abandonado e der em tratante e larapio, não é peor para a sociedade?

— Talvez seja o fim almejado; para ao depois dizerem que os brasileiros são preguiçosos, vadios e reus de policia.

— Capitão, tudo hoje está baralhado.

— Pois si o mundo anda ás avessas, o que quer?

— Antigamente cada profissão exercia o que lhe competia sem se intrometer na alheia. O padre dizia missa, o medico curava, o soldado empunhava as armas, e assim andava tudo no seu natural.

— E' verdade; mais o que quer dizer com isso?

— Aqui fizeram uma bicha de sete cabeças.

por que um frade abandonou-lo o escapulario andava arrematando obras e trepando nos andaimes para examinar o trabalho dos pedreiros, o que não diriam si estivessem em Goyaz?

—O que houve por lá?

—Um conego dando regra em negocios militares.

—Meu rapaz, V. não está em si.

—O *Correio Official* de Goyaz é quem diz. Quer que leia?

—Leia.

—Attenda:

EDITAL.

«Pela thesouraria de fazenda d'esta provincia se faz publico que, em virtude do officio da Exma. presidencia da provincia, n.º 441 desta data, até o dia 22 do corrente recebe-se propostas em carta fechada para fornecimento ao 2.º corpo de caçadores a cavallo, dos seguintes objectos, a saber:

Bonnets redondo sem palla.	40
Gravatas.	40
Calças de brim branco.	40
Camisas de algodão.	40
Camisolas ou blusas de brim.	40
Fardetas de brim.	40
Luzas, pares.	40
Mantas de lã.	40
Sapatos, pares.	40

«Preferindo-se a proposta que offerecer mais vantagens á fazenda nacional.

«Adverte-se que os proponentes ou pessoas por elles autorizadas deverão estar presentes na occasião da abertura de suas propostas, não sendo attendidas as d'aquelles que deixarem de comparecer.

«Secretaria da thesouraria da fazenda em Goyaz, 14 de junho de 1869.» —O official.—
Conego Pio Joaquim Marques.

—Logo vi' V não attente que o homem é empregado na thesouraria.

—Mas estão me diga, capitão, si os padres abandonam o seu estado, quem ha de dizer missa?

—Eu de certo não sei.

—E neste andar pode breve si ver um maricheiro feito sachristão.

LA VAE VERSO.

CANÇÃO POPULAR.

A desgraça.

«Você me diz: Vamos, vamos...»

«Para onde havemos de ir?»

«Quem nasceu para a desgraça,

«Para onde ha de fugir?»

—Maria, vamos, Maria,

Por esses mundos d'além.

Quo nos persegue a desgraça...

Ferinas dores tambem!

Vamos, vamos esconder-nos,

Onde não saiba ninguem.

«Você me diz—vamos, vamos...

«Para onde havemos de ir?»

«Quem nasceu para a desgraça?»

«Para aonde ha de fugir?»

—Nova terra, nova sorte...

Acharemos a ventura;

Com estes nove filinhos

Fujamos em noite escura...

Quê nos não veja a desgraça ..

Da flicidade em procura.

—Tenho fome; tenho sede...

Para aonde havemos de ir?

Os filhos sem roupa e carnes...

Maria, vamos fugir!

E fugiram... Polres velhos,

Por esses mundos d'além,

Com seus filhinhos magrinhos,

E com seus trapos tambem:

—Vamos, vamos esconder-nos,

Onde não saiba ninguem.

—Descançemos... que desmaio...

Para aonde havemos de ir?

Morre o filho pequenino...

Maria, vamos fugir!

Caminharam toda noite.

Caminharam todo o dia...

Sem alento...descançaram

Quando o sol esmorecia...

E viram, com sua trouxa,

Feia velha que os seguia.

—Adens, velha! «Adens, ó filho...»

—Para onde havemos de ir?

«Sou a Desgraça...fugistes...»

Comvosco quero fugir.»

«Sempre em vossa companhia

Por esses mundos d'além;

Outras penas vão na trouxa...

Na trouxa prantos tambem;

Vamos, filho, não vos deixo...

Ninguem me fuge, ninguem!

—Voltemos, mulher? «Voltemos...»

«Para onde havemos de ir?»

«Quem nasceu para a desgraça,

«Para onde ha de fugir?...»

J. G.

À PEDIDO

—O' muxingueiro!

—Prompto, capitão.

—Vão procurar o Lima-Texto o diz a esse

gallego de um dardo, que deixe em paz a porta das moças do piano na queima do trapiche.

—Eston ouvindo, capitão.

—Previnirás á azemola que, si continuar a introduzir-se a sarrelha na dita casa, ondo pretende plantar a deshonra, lhe darás tantas tacadas quantos sejam os copos de cachaca que tem sorvido semelhante bebado.

—Capitão, e este senleiro não é casado?

—É!

—Safado! Não receia a pena de talião!

—Como está, meu charo?... Dou-te os parabens.

—Ignoro de que?

—O' lá! pois não foi demittido o Moreirinha que era o maior obstaculo que V. tinha para seus arranjos?

—É verdade; mas que trabalho me deu para me ver livre daquelle embirrantel!

—Não diga assim; o homem cumpria seu dever.

—Ora essa! Si todos fossem a cumprir o seu dever, ja sabe que eu nunca poderia viver na minha boa vidinha; isto é, passar folgadinho sem trabalhar.

—E como elle lhe fez voltar para a agulha e dedal, é mau.

—É verdade; e si não fosse a influencia do meu compadre e dos seus amigos eu estava mal.

O mal lito vinha toda noite da Mangueira espreitar os meus passos!

—V. é um finório larapio; agora, como seu compadre é o capitão da lancha, tem V. a tripulação as suas ordens, e pode muito bem guérar alguma alvarenga.

—Tres individuos, por casualidade, viram Pedro arrombar e roubar um deposito de generos.

Si a authoridade soubesse do negocio, inqueria dos tres individuos e elles, conformes com seus depoimentos, poriam Pedro em maus lençoes.

Pedro, porem, que é meninório, antecipa-se, e dá uma queixa contra cada um dos individuos no juizo de paz e na sublelegacia.

Pedro possui suas patacas, e faz os processos; os quaes dirigidos por bom advogado correm a galopé; são pronunçados os tres individuos, estão portanto inutilizadas as testemunhas do arrombamento e roubo.

Ora, não existem outras pessoas que presenciassem o delicto, e assim não tera logar a denuncia, porque, mesmo quando não estivessem elles pronunçados e podessem prestar seus depoimentos, o advogado de Pedro

allegaria atrocellção por parte do denunciante que foi tão infeliz nas provas de accusação, que até apresenton como testemunhas que as fundamentassem, pessoas inimigas do accusado Pedro, o que este prova apresentando certidões em que se esclarece a inimizada capital.

—E assim se inutilisa a acção da justiça!

—E fica o crime impune!

—Capitão, este ladrão acaba de roubar-me descaradamente.

O mais audacioso saltador de estrada não o facia com mais cynica coragem!

—Quem é elle?

—Provavelmente algum forçado, evadido das galés de Toulon, que veio ajuntar dinheiro nesta Latronopolis.

—A nacionalidade é que eu pergunto.

—Nem lhe sei dizer.

Carcamano, francez, o diabo é tudo.

—Vá lá; vamos ao que seerte. Então roubou-lhe?

—Com uma astueia do pasmar.

—Conte-me.

—Este bruto cria cavallos, vende cavallos, aluga cavallos, troca cavallos, finalmente vive entre cavallos, aqui em Latronopolis.

—Encerte o mais que puder a sua historia.

—Precisei de um para alugar e fui a elle.

Mostrou-me um animal pessimo, regeitei; segundo e terceiro o mesmo; o quarto agradou-me.

Exigiu 5 Drs, paguei.

O bandido mandou sellar a montada; fiquei a esperar.

Em lugar de vir o animal que eu ajustara, veio um dos que tinha regeitado.

Reclamei; sabe qual foi a resposta?

«Ou ha de montar nesse, ou va-se embora.»

Mas si eu não quero?

«É mais facil eu rasgar o dinheiro do que eu dar; prova que o cavallo não presta.»

Sahi em busca de quem melhor protegesse o meu direito; porem na volta, o ladrão com incrível affouteza declarou que aquella occasião era a primeira em que me encontrava o nunca tratara negocios comigo!

Não sei como não perdi a cabeça ao ver a protervia e sangue frio com que este refinadissimo ladrão sustentou em minha face que não me tinha roubado.

—Assim é que semelhantes canallhas, esses refugos da Europa, vão exaurindo o sangue dos filhos desta terra.

Mas tambem o Sr. foi culpado.

—Como, capitão?

—Em fazer negocio com tal rapina.

- E com quem queria que eu fizesse?
 — Fosse ao *Pedoyè*, na ladeira de S. Bento.
 — Ora, capitão! Quer cassuar comigo?
 — A razão?
 — Pois ambos *não são os mesmos*, quero dizer do mesmo officio? Era preciso que eu tivesse desconfiança.
 — Mas é que um praticou o que V. diz e o outro *passa por serio e não o faria*:
 — Esta o que mo fica é de escarmento; a meu pae não dou um real sem recibo.

- A portaria-Paranhos ja surtiu effeito no arsenal de guerra.
 — Quem soffreu primeiro o golpe?
 — O Rastelli. Está suspenso por que requereu uma licença ao governo, sem ordem do director.
 — O' homem! nem por ser conservador como elle?
 — V. Exa. está no mundo da lua.
 O Paranhos nunca foi homem de partidos. Como militar segue sempre a quem governa,
 — Que idea favoravel faz V. do coronel!

MOTTE.

GLOSADO POR UM SERTANEJO EM VIAGEM.

*Quem anda correndo o mundo,
 Por destino é desgraçado;
 Determina o Deus de amor
 Que o homem cumpra seu fado.*

GLOSA.

De seus lares desterrado,
 Terras alheias pisando,
 Mil flagellos supportando
 Vive o pobre desgraçado;
 Si nas lhe mostram agrado,
 Outros odio sem segundo,
 Da miseria chega ao fundo
 Tudo o faz desanimar,
 Custa muito a se aguentar
Quem anda correndo o mundo.
 Vive a todos agradando,
 Com geito e veneração,
 Sempre de chapéu na mão,
 A ver si assim vae passando;
 Lada a ninguem aggravando,
 E' por todos odiado,
 Por que vivendo o coitado
 Fora de sua morada,
 Passa vida amargurada,
Per destino é desgraçado.
 Lada sendo bem nascido,
 Entre pessoas de bem,
 Vive so sem mais ninguem,
 Onde não é conhecido;
 Dão-lhe o nome de fugido
 Querem delle ser senhor;

Esta magoa, esta dor,
 Esta incruel imprudencia,
 Supportar com paciencia
Determina o Deus de amor.
 Triste vida xai, passando
 Como lhe permite a sorte,
 Até que lhe chegue a morte
 Que espera de quando em quando,
 Ora riado, ora chorado,
 Ora alegre ora acanhado,
 Soffrendo sempre calado
 A dor que explicar não sei;
 Deixou Cupido esta lei,
Que o homem cumpra seu fado.

ANTIPATHIAS.

Os grandes tem antipathia singulares.
 Alguns explicam este phenomeno psychologico pela irritabilidade nervosa; outros pela affinidade dos objectos antipathizados com alguma circumstancia da vida no passado, etc.
 Por minha parte entendo que isto nada explica, e a questão continúa a subsistir no mesmo r. é.

Para fazermos uma observação *in anima vili*, appliquemos o principio aos sete salvadores da patria que nos cahiram do ceu, como o maná no deserto.

Não sei si será muito proprio comparar homens como maná; e, si puzerem alguma duvida a este respeito, chamo a auctoria o Sr. Alencar que é entendido nestas cousas.

Voltando, porem, á questão das antipathias, observa emos o seguinte:

O Sr. Antão fica rubro, quando se falla em nariz, principalmente depois de jantar.

O Sr. Itaboraby perde as estribeiras, quando se falla em importação de escravos.

O Sr. Paulino vae ás nuvens, quando se falla em papel moeda.

O Sr. Alencar sobe á serra, quando se falla em padre.

O Sr. Muritiba fica possesso quando se falla em sangue.

O Sr. Cotegipe fica furioso, quando se falla em carvão de pedra.

E o Sr. Paranhos, cora como uma donzella, quando se falla em Mariquinhas.

E porque será? Não sei; registro apenas a observação.

(Extr.)

VARIÉDADES

REGRAS INFALLIVEIS PARA FINGIR IMPORTANCIA.

Trazer sempre chicote de cavallo e esporas passeiando, para inculcar que tem bons cavallos.

Sahir á tarde a passeio auidando de vagar, de palito na bocca, para se saber que juntou subito bem.

Cortejar todas as moças das janellas, para dar a entender que tem relação com as familias.

Perguntar os preços dos objectos mais ricos que estão nas lojas.

ROMANCE TENEBROSO.

(Continuação)

II.

As ondas erguiam-se furiosas dentro da bahia; os dous temerarios luctavam com grande difficuldade.

Ora o baixel se erguia a uma altura immensa, ora se lançava com uma rapidez desmedida n'um abysmo profundo; uma após outra, não lhe davam tempo para respirar. Uma vaga o inundava de agoa; outra com o movimento que lhe dava a lançava fora.

Assim navegando, mil vezes se julgaram submergidos, mas a hora destes homens não era ainda chegada, a ampulheta que marcava a duração de suas vidas não estava ainda exausta.

A vida do homem está traçada no grande livro do destino, por mais que procure a morte, ella não lhe apparece si seus instantes não estiverem contados.

Si este baixel fosse lançado nestes transees, por uma fatalidade, a sua perda era inevitavel; mas como ousados se lançaram n'um perigo que a hallucinação de um fazia desconhecer, e o servilismo de outro fazia arrotar, nada lhes succedeu.

Chegaram á praia de..., o bote encalhou. O embaçado saltou em terra e disse para José:

— Espera-me aqui.

A tempestade tinha amainado um pouco.

A chuva ja não cahia com tanta abundancia.

A trovoada ia ja longe; tinha seguido caminho de seu destino.

O embaçado seguiu pela raa que lhe estava em frente. Chegando ante um portão, que precedia a uma casa de bella apparencia, parou.

Tirou debaixo do capote duas chaves; com uma abriu o portão que deixou entre-aberto, e encaminhando-se para a porta abriu-a com a outra chave, e pé ante-pé chegou á porta da sala.

Seus olhos cravaram-se em dous vultos que estavam sentados no camapé.

A sala era allumiada apenas pela fraca luz de um candeeiro.

Os dous vultos que se achavam na sala

era um homem e uma mulher que, embebidos em amor como estavam, não deram pela presença de um terceiro.

No momento em que entrava, o embaçado acabavam de dar um beijo, do qual o som repercutiu na sala e chegou aos ouvidos do mesmo que exclamou:

— Infames!...

A mulher soltou um grito e cahiu sem sentidos para traz; o homem estremeceu e pondo-se em pé retorquiu:

— Quem sois vós?

— Aquelle que vem desafrontar a sua honra ultrajada, disse o embaçado, deixando cahir o capote.

Era um homem pouco mais ou menos de trinta annos, barba preta e serrada, cor rosada e boa presença.

O outro vendo exclamou:

— O Sr. B....!

— Sim, eu mesmo..... não me esperavas ver agora aqui, não é assim?

O outro não respondeu; deixou cahir o rosto sobre o peito.

O Sr. B. continuou:

— Emmudeces, infame e vil seductor?

Homem ingrato, que te esqueceste de quem te fez bem; e que essa fronte e activo olha para mim. Julgastes que nunca serias descoberto? Como te enganastes!...

Não sabias que o homem que presa sua honra procura meios de descobrir as culpas daquelles que a ultrajam? Não sabias? responde.

E encruzou os braços:

O outro esteve ainda castibacho alguns momentos; mas fazendo um esforço sobre si; levantou o rosto e ousado respondeu:

— Sei tudo isso; mas também deveis saber, Sr. B..., que quando se intenta destas emprezas, não se anda só, ha quem o acompanhe.

E mostrou-lhe um punhal.

— Mas os maridos zelosos, são mais prudentes, retorquiu o Sr. B...,

E n'um rapido movimento, enterrou lhe o punhal no peito.

Aquelle apenas pode dizer:

— Ai! que me matou!

E cahiu morto.

(Continua.)

SALA-BALÃO.

A todos os serviços que a sala balão já tem prestado ao bello sexo, devemos acrescentar mais um; que é referido por uma folha de Paris, nos seguintes termos:

Ha dias, n'uma casa da rua do Covento em Anvers, uma gralada ficou de tal modo

impressionada com uma reprehensão que a ama lhe dá que correndo para a janella, precipitou-se da altura do terceiro andar sobre o pavimento da rua.

Fulgaram que a desgraçada ficasse morta no acto; não aconteceu porém assim; a criminosa fez-lhe o effeito de para-queda.

A sensível rapariga só soffreu a torcedura de um pé e diz-se que está resolvida a não tornar a dar tão grande salto.

ESTA É DAS ARABIAS.

Certo petit-maitre, a quem a plebe havia conferido o título de doutor, entrando um dia em uma loja para comprar um par de luvas, perguntou ao logista si as havia; ao que respondeu este affirmativamente, accrescendo, porém, que eram de má qualidade.

— Não importa, replicou o doutor, pois que são para cavallo.

Note-se bem que o tal doutor ex-abrupto costumava andar a cavallo, e para esse fim as queria.

PERGUNTAS E RESPOSTAS.

— Onde é o lugar mais longinquo e remoto?

— No c. de Judas.

— No que mais se parece o frade com o burro?

— Em ambos terem cella.

— Quaes são os lugares mais ricos, porque nelles vão girar os negocios dos incautos e perdularios?

— Pantanas ou Vaza-barris.

— Qual é a occasião em que a gente se acha em maiores apuros?

— Quando se vê em calças pardas.

— Qual é a coisa mais difficulosa do mundo?

— A que nos dá agua pela barba.

— No que se parece o beoouro com o cego?

— Em andarem ambos as cabeçadas.

A MULHER DE DEMOCRITO.

Democrito, o philosopho, que andava sempre a rir das loucuras do mundo, era homem corpulento, e casou com uma mulher de pequenissima estatura.

Perguntaram-lhe um dia porque sendo elle tão alto procurara mulher tão baixa. Responderam:

— Porque do mal o menor.

Si Democrito assim pensava, não fazia loucura em casar, e antes de rir dos outros não deveria rir de si mesmo? Cremos que sim.

ENIGMAS.

Primeiro fui esmagado

Debaixo d'immundos pés,
Por lugares e toneis
Passei p'ra ser apurado;
Mais hoje sou estimado
Té no lugar mais honroso,
Em vaso mui decoroso;
Nelle sou depositado,
Honrosamente offertado
Te ao rei mais poderoso.

DESABONTAMENTO.

Ir-se a uma entrevista amorosa, e no lugar aprazado, encontrar o pae da namorada com um bom bacalhau.

MEDICINA A PROPOSITO.

— Eu ca por mim, acho melhor o systema de Hipocrates; dizia um medico sctario de Raspail, empregado n'um hospital de caridade do Rio de Janeiro; é logico que *contrariis curantur!*

— E eu assevero-lhe, arguia um collega homœopatha, que é mais facil curar o mal com o mesmo mal: *similia similibus.*

Neste momento entrou no hospital um predo que fora encontrado estendido na rua; julgáram-no victima d'um ataque apoplectico, mas não passavo d'uma tremenda embriaguez.

O amigo da camphora, e da agua sedativa examina o preto e manda vir umagarrafa d'aguardente.

— Que faz, doutor? exclama o homœopatha vendo o collega infiltrar a nova medicina no estomago do preto.

— O preto embriagou-se com aguardente, disse, mysterioso e sarcastico, o inimigo dos globulos; eu estou experimentando o seu systema: *similia similibus curantur!*

(Extra)

RECADO QUE UM VIOLEIRO DEU Á UMA MOÇA EM UMA RODA DE CATIRETÊ:

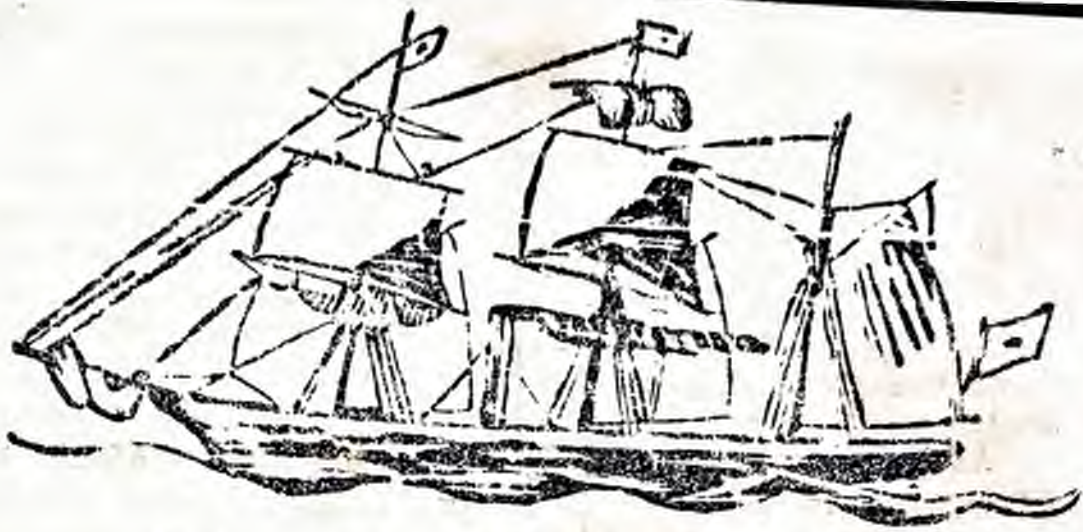
Deus vós salve todas as tres,
Eu não sei qual d'ellas é,
Manda dizer, não sei quem,
Que vá lá, não sei quem é.

O casamento é o acto mais grave da vida do homem, e com tudo é communmente o que se pratica com maior irreflexão.

DECLARAÇÃO

Distribuc-se hoje a folha 71 do—ROCAMBOLE.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura - 4 Rs. por serie de 10 numeros, ou 50 Rs. por 6 series.

Serie 34

BAHIA

14 DE AGOSTO DE 1869.

N. 536

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
10 de agosto de 1869.

Officio á Illma. camara municipal, pedindo-lhe que mande retirar da estrada de S. Gonçalo os animaes mortos que por ali se encontra em adiantado estado de putrefacção, o que incommoda bastante as pessoas que tem necessidade de transitar por aquella estrada, além de serem os miasmas que exhalam taes corpos prejudiciaes á salubridade publica. Espera-se da Illma., em vista de tao justo pedido, promptas providencias.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, reconhecendo a actividade com que se presta a providenciar sobre as reclamações que lhe são dirigidas, e chamando sua attenção para uma especie de *modus vivendi* adoptado nesta terra por algumas pessoas, que alias não estão no caso de a pôr em pratica.

Consiste em manlarem á noite os escravos csmolar em seu proveito.

Ja ha dias fallou se em uma senhora, do becco do Arcebispo, que manda uma preta decorepita illudir a beneficencia publica e a maltrata com pancadas quando ella não tira a quota estipulada; agora tem-se noticia de uma outra, moradora á rua d'Ajuda, que da mesma sorte especula com a boa fé do povo. Chegou se ao conhecimento deste facto,

pela identidade dos nomes das referidas senhoras e por ter a ultima tomado a carapuça do que se disse a respeito da primeira. Sendo sobre modo reprovavel tal *minestra* para usurpar o suor alheio, espera-se que S. S. tome qualquer medida que ponha termo á ganancia.

—Ao mesmo, chamando sua attenção para um individuo, de nome Cassiano, cujas proezas merecem bem que a policia dispense sua vistas sob e elle.

Sem occupação licita, esse individuo, perfeito vagabundo, tem se tornado o terror das moertrizes em casa das quies vive a dar *beneficios*.

Na noite de S. João incendian lo uma casa na rua Direita de Pulcio com um buscapé que jogou na morada de uma das taes *filhas da noite*; dias depois quebrou-lhe parte dos móveis com uma formidavel pedra; na semana passada praticou na mesma rua, um pouco mais a liante, facto identico, e cuja pedra, parece, existe na sublelegia da freguezia. Em outras muitas partes tem feito cousa igual.

O ponto favorito do sujeito que, segun lo consta, o Sr. capitão Braga *conhece bem*, é no billar do Eugenio, ao Largo do Theatro.

Costuma alardear grande proteccão e na qual auferiosa neste involve o nome de S. S.

Sem intenção de molestalo, S. S. relevará a seguinte observação: —*si o artista*, na opinião de S. S., *não pôde arlar -lorde*, —como é que uma pessoa, sem meio de vida

honesto, traja luxuosamente, e faz gastos superfluos e dispendiosos?

Submettendo ao seu esclarecido criterio semelhantes considerações, confia-se que uma medida energica fará que esse sujeito não continue em sua vida desresgada a offender a moralidade por todos os meios.

—A' administração do accoio da cidade, communicando-lhe que na ladeira de Nazareth para a Fonte Nova se está formando uma montanha de cisco, a qualja vae tomando fórmas collossaes. E' de urgencia que essa administração a mande desbistar.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, dizendo-lhe que não convém que a decencia publica esteja sendo ultrajada pelos capadocios que perseguem a uma mulher de nome Inilia, a quem alamburam com um escheo olsecno, que sem respeito as familias pronunciam em alta voz, toda vez que passam pela porta da referida mulher na rua que fica de um lado da igreja de S. Pedro á direita.

Semelhante desacato tem se tornado em extremo escandaloso, em razao da assuada que em bando fazem os ditos capadocios tanto á noite como de dia.

Portaria ao fiscal de S. Pedro, extranhando-lhe a indesculpavel negligencia com que se tem havido em dar cumprimento á determinação da postura n.º 99 em relação a um ferreiro, morador na rua de Baixo, o qual cria porcos em seu quintal. Cumpra.

—Si ha progresso nesta terra, é o da gente do olho-vivo.

—A' vista dos factos, quem ousa lhe contestar?

—Escute la a peça que acalam de pregar ao Sr. Valerio Alves.

Veio esse senhor á cidade e hospedou-se em casa da creoula Felicidade, conhecida pela *Gaguinha*, a qual mora na rua do Gravata.

Deitou-se tranquillamente no domingo á noite, e quando accordou no outro dia, nem as botinas encontrou.

— Foi uma perda menos mal.

—Levaram lhe em dinheiro 150.000 rs., duas lettras de 1.000.000 rs., e alguns objectos, o que tudo se achava no quarto onde dormia, e si lhe deixaram a creoula e a camisa, foi porque deitou-se com ellas.

— Si o roubo não foi feito por pessoa de intimidade na casa, é um verdadeiro prodigio!

— Talvez partes de algum apaixonado.

— E' o que muito bem pode ser.

Fosse quem fosse, o ladrão penetrou pela estrada, para cujo lado a casa deita os fundos, abriu a porta subtilmente e foi até ao quarto.

— Vejo facilidade de mais em tudo isso, mas enfim...

— Enfim, é que o prejudicado trata de ganhar outro dinheiro, que este perdido está.

Capitão, si não fossem as *condescendencias* esta terra marcharia melhor.

— E' um mal enraizado e difficil de extirpar.

— Quanto se bradou contra os atrocissimos castigos com que eram torturados os escravos de certa casa, á ladeira dos Gatos, e ninguem se mecheu!

— E' verdade; fallou-se a arrebentar; as authoridades fecharam sempre os ouvidos.

— Nessa casa dava-se pancada desde que raiava a luz do dia, até altas horas da noite!

— Houve occasião em que o ovo agglomerou-se na porta da casa e reclamou.

— Mas então agora?

— V. Ex. sabe que a impunidade do crime o authorisa.

— E' innocavel.

— O subdelegado da Sé teve sciencia de que em casa da Sra. D. Amancia Philomena, á ladeira dos Gatos, uma creança de 12 annos era insolitamente castigada, e murfundo-a vir á sua presença e reconheceu com seus olhos a barbaridade com que aquella infeliz era tratada.

A menina Militana, de 12 para 13 annos, tem o corpo coberto de cicatrizes recentes e antigas, um olho cego, resaltado, dizem, de porta de chicote, o outro horriavelmente deformado proveniente de uma dentada, apresenta sevizias que parecem de ponta de thesoura, queimaduras e mordedelas; enfim tudo quanto a cruel lide humana pode imaginar para trucidar a seus semelhantes!

— E' muito canibalismo!

Me repugna acreditar que uma senhora pratique tanta deshumanidade.

— Pode não praticar, mas então authorisa.

— E a justiça desta terra o que faz?

— Talvez dando tempo ao tempo.

— Não ha considerações quando se trata de cumprir deveres.

Quem é peado pelas *conveniencias*, não se encarregue de executar a lei.

— Mesmo que, si o escravo não encontrar amparo na authoridade contra as atrocidades de seu senhor, so lhe resta um recurso desesperado de que valer-se—o dique ou as cordas.

— O subdelegado da Sé, a quem está o negocio affecto, ha de dar uma sahida.

— Ao menos que a infeliz não volte ao jugo da tyrannia; lembrando-se que a creança e o velho são as duas edades que mais carecem de amparo.

- Prompto, capitão.
 — O que quer, meu aspirante?
 — Venho pedir-lhe uma graça.
 — Pode dizer.
 — Para dispensar-me de bordo no dia 15 da corrente.
 — Tem negocio de urgencia provavelmente.
 — Tenciono dar um passeio ao Bomfim.
 — Já sei, vae pagodear.
 — V. Ex. não sabe que é o anniversario da abertura do hospital da sociedade portugueza de Beneficencia?
 Ha uma função esplendida.
 — Ah! magano, e V. quer aroveitar o ensejo para ir recrear se nos trilhos urbanos!
 — E como eu, ha de ser muita gente.
 — Bem, va na paz de Deus.

A PEDIDO

— Capitão, creaturas vis e abjectas, desperadas pelo asco com que são olhadas na sociedade, pretendem equiparar os mais ao nivel in mundo de lodo em que se arrastam, procurando traiçoeiramente denegrir a reputação alheia.

Não presando a propria dignidade, ferem a alheia com a impertabilidade e sangue frio do bandido!

Cog melos da sociedade, pretendem sobrepuzar os raios da honestidade.

A rectidão, a modestia, a circumspecção, e comedido, são predicados que nenhum apreço lhes merece.

O hon em irreprehensivel, justo e honesto, é atacado em sua honra com a mesma furia com que o tigre se lança á presa.

Acobertem se nas trevas, rebuçam-se com o manto do incognito e de revés atiram o golpe com o punhal da calumnia e da infamia á!

Nenhum caracter por mais puro e são se acha isento dos assaltos dos salteadores da honra!

Quem por ahí não tem sorvido sua parte nesse calix lethifero que se chama calumnia?

— Já lhe ouvi com demasiada paciencia; agora advi to-lhe que avie-se.

— Capitão, meu fim é pedir-lhe uma reparação a uma falsidade com que inimigos rancorosos pretenderam desconceituar um caracter honesto, inventando uma historia de *Lima-Teso*.

— Então o Sr. affirma o contrario?

— São embustes com que entes rasteiros e cobardes pretendem magoar a uma pessoa que lhes é muito superior em procedimento.

E a prova é que não serão capazes de se mostrar a descoberto.

— Pois va feita a sua vontade, fica o dito por não dito.

— Capitão, V. Ex. da licença?

— Suba, entre e sente-se.

— Aceito e fico-lhe obrigado.

— A que vem o senhor aqui?

— E' communciar-lhe uma historia que se passou na *Ilha grande*, a qual julgo ser um novo modo de comer calado.

— E' a bitola porque se mede a actualidade.

Para V. Ex. não é caso novo; immensidade de alieninas, como esta, tem chegado ao seu conhecimento.

— Diz á verdade; porem conte, que talvez a esta, embora de espantar, si possa dar algum remedio.

— Certo que V. Ex. pode; ao menos com a taca do muxungeiro.

— Não haja duvida em lhe fazer a vontade.

— V. Ex. está certo de que houve em Latronopolis um governo que contra tou homens para povoar um logar, na *Ilha grande*, fazendo lhes a vantagem de lhes dar gratis o transporte para aquella terra?

— Parece me que houve isso.

— E como agora cobram o importe do transporte?

— E o, senhor tem certeza disso? Não é possivel que o governo falte a fé de seus tractos.

— Ao menos, o acto foi praticado pela gente do governo.

— Porem o senhor o que quer? ahí ha espartos, que commettem quanta bandalheira ha e dizem que o governo é quem mandou fazer.

— Não ha duvida; porem, si assim fosse, o infractor não passava recibo e assignava sendo elle o maioral da terra.

— Como se chama elle?

— Não lhe posso dizer, nem por Santo Antonio, pois que elle sendo esidente nos *Gomes*, ha de passar na *villa de Aça*.

— Pois bem: vou saber do governo de Latronopolis si ordenou semelhante extorsão, assim como, si esta recolhido ao competente cofre a quantia recebida.

— Estou á ordem de V. Ex.

— E' passar bem.

VARIÉDADES

ROMANCE TENEBROSO

III.

(Continuação.)

— O Sr. B... aproximou-se do canapé,

lançou a mão no braço da mulher e puchando-a bruscamente disse:

—Agora nós, senhora!

A mulher, como si fosse tocada por uma machina electrica, estremeceu, e sabindo do estupor em que jazia, exclamou com voz sumida:

—Piedade!....

—Piedade!.... piedade para ti? julgas accáo que eu a possa ter?

Vês alli aquelle cadaver banhado em sangue? Foste tu que lle deste a morte; foste tu que o arrojaste no caminho da seducção!...

Tu, porém, não sobreviverás por muito tempo ao teu amante.

—Perdão, senhor, perdão, disse ella arrojando-se aos pés do Sr. B. . .

— Não, não hei de perdoar-te. Não sabias que eras metade da minha alma? Não te tinha dado provas inabalaveis de minha amizade? Para que manchastes o melhor de todos os meus bens — a honra?

— Fui iludida.

A mulher é um ente fragil, mas de uma fragilidade diabolica.

— Não acredito!

Seu coração insondavel, occulta todas as perversidades; e dessa fragilidade tira todo o seu poder. Ella não se deixa illudir, mas sim perverte, quando quer.

E tu, mulher, não te lembraste do homem que te tirou do pó, da miseria em que jazias, junto com tua familia.....

Não te lembraste da dedicacão sem limites, do amor até a idolatria, que te consangreí.....

Tudo esqueceste!.....

Presentiste que teu marido estava ausente, e aproveitaste o ensejo para perpetrar teus infames designios!

Não sabias que o coração de um marido zeloso tudo advinha?

Tudo isso sabes, mas não quizeste desmentir a inconstancia, apanagio de teu sexo.

—Piedade!... tornou ella a repetir.

—Tiveste-a tu de minha honra?

Não te recordaste que me lançavas na frente uma nodoa que jamais se apagaria? Pois essa nodoa vai ser lavada, mas lavada com sangue!.....

Morre, indigna mulher, ludibrio de teu sexo desleal.

E com o punhal tinto do sangue da outra victima, deu a morte a mais esta, que agonisante, só ponde soltar um

—Ai!....

Com que den fim a vida.

—Está completo o meu intento!... disse elle.

Meu Deus! Meu Deus! apiedai-vos das almas destes dous infelizes.

Tomou o capote, embuçou-se, sahiu da casa e seguindo o mesmo caminho, apresentou-se aonde o estava esperando José!

Tornou a metter-se no botte.

—Para a Boa-Viagem! disse.

(Continua.)

O CAVALLO TURCO E MORDOMO DE UM FIDALGO.

Tendo um judeu vendido a certo fidalgo um cavallo, quiz persuadillo de que era turco; o fidalgo, depois de o pagar por bom dinheiro, mostrou-o ao seu mordomo, dizendo-lhe: Que lhe parece? —Será turco, mas digo-lhe que o cavallo é tão christão como V. Exa. ou eu.

A MORD DURA.

Qual é a mordedura mais venenosa? *Ex fereis bestiis obtrector; ex cicuribus adulator.*

Dos animaes bravos, a do maldizente; e dos mansos, a do lisongeiro.

Tal foi a resposta de Diogenes.

O mundo, disse outro, e não com menor philosophia, é o mar, onde a gallé é a vida; o tempo o piloto; a esperanza o norte; a fortuna o vento; as tempestades a inveja, e o homem o forçado, que não tem mais porto, que a morte.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 72 e 73 do—
ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

ENSINO RAPIDO.

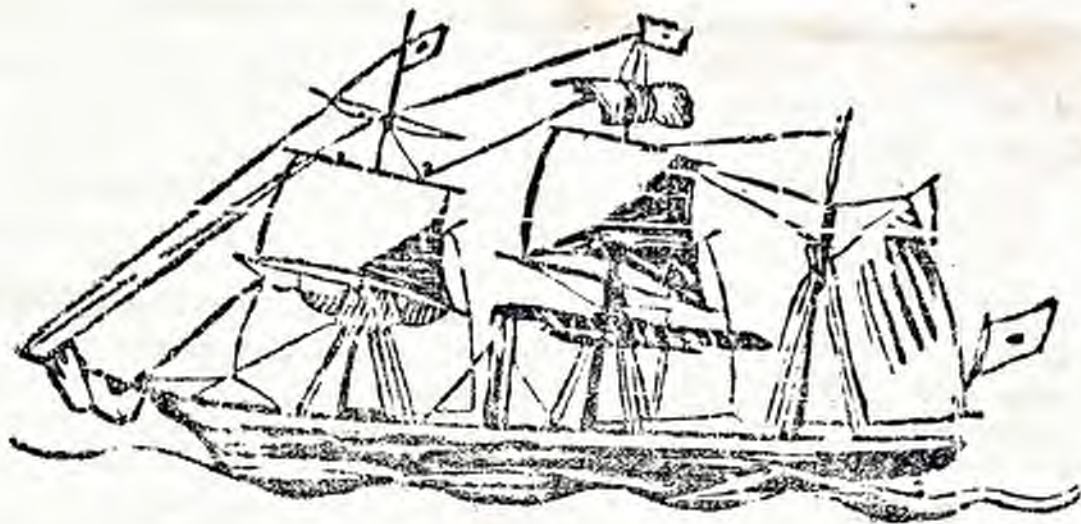
O bacharel em direito João Luiz Soares Martins, authorisado pela directoria dos estudos, da em sua casa, ao Largo do Terreiro e esquina do Maciel de Baixo, lições das linguas ingleza e franceza, responsabilisando-se a preparar em seis mezes os seus alumnos para exame.

Offerece-se tambem para dar lições nos collegios e em quasquer estabelecimentos de instrucção secundaria.

Compra-se uma casa do Campo Grande a freguezia de S. Pedro, de preço de 4:000\$ Nesta typographia indica-se o comprador.

Quem precisar de uma ama do cosinha, procure no Maciel de Cima, n.º 6.

Typ: de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Ano VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 34

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

14 DE AGOSTO DE 1869.

N. 537

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
13 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, submittendo á sua apreciação a presente communicacão que nos fazem:

Fallecendo D. Faustina Antonia de Carvalho Castro, moradora na Muritiba, libertou ao pardinho Lyeurgo, seu escravo; sem embargo do que, foi vendido e consta que achase nesta cidade como escravo.

Affirma quem fez a communicacão que muitos moradores daquelle arraial sabem deste negocio.

Sempre que ha uma queixa de oppressão da liberdade, a authoridade não perde seu tempo procurando descobrir a verdade e por isso, confia-se, S. S. empregará severa syndicancia para chegar-se ao conhecimento si é ou não exacto que a carta de liberdade do desgracado fô a su trahida.

—Ao Illm. Sr. director do arsenal de guerra, para que informe a respeito do seguinte:

Si é exacto que propondo-se a officina de sapateiros da casa de prisão com trabalho a fornecer cada par de sapatos por 1\$300 rs., S. S. dera preferencia a uma outra proposta de 1\$500 rs., accrescendo que a primeira se obrigava a promptal-os dentro de 40 dias, ao passo que a segunda exige o praso de 90 dias.

Além disso, havendo resolução do governo para que em caso de egualdade de preços, tenha preferencia os operarios da casa de prisão, deviam ser muito fortes os motivos que actuaram no animo do Sr. director para infringir uma deliberação superior, e sobrecarregar os cofres com um excesso de despeza em proveito particular.

E para que nem por sombra se nutra a ideia de que o patronato prendeu a semelhante acto, é que pede-se informações, na convieção de que S. S. esclarecerá as cousas de maneira a satisfazer.

—Ao Illm. Sr. professor do Curato da Sé, estranhando o procedimento dos seus alumnos, os quaes, quando Sm. solta a aula, andam pela rua do Saldanha e rua Direita do Collegio, a darem *petelecadas* uns nos outros, atirando pedradas para as casas, e soltando gritos nas escadas dos sobrados, e por fim re-unem-se no Terreiro, lugar proprio de vadios, a *pintarem a peruta*. Espera se que Sm. tome alguma providencia a respeito do travesso proceder de seus alumnos.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que va se ter com o proprietario de um sobrado á ladeira do Carmo e obrigue-o a concertar o cano que desagua pelo muro do lado da rua das Flores, e inunda a rua de excremento, o que é um verdadeiro flagello para os habitantes daquelle lugar. Cumpra.

—Capitão, por aqui propalaram que o ministro norte-americano no Paraguay ne

adhesão que prestava a Lopez procedia em desaccordo com o seu governo.

— Affirmou-se isso.

— Tire a duvida por aqui:

«Dizia-se que o governo dos Estados Unidos desapprovava o comportamento do ministro Mac Mahon, no Paraguay. A Republica de Montevideo publicou a seguinte carta do presidente dos mesmos Estados ao do Paraguay, e della vê-se o contrario.

Grande cousa é uma nação que se governa por si!

«Ulysses S. Grant, presidente dos Estados-Unidos, á S. Ex. o presidente da Republica do Paraguay.

Grande e bom amigo. — Estando prestes a retirar-se deste paiz o Sr. Martim T. Mac-Mahon, que por algum tempo residio junto do governo do Paraguay, com o caracter de ministro residente dos Estados-Unidos, ordenei-lhe que se despeça de V. Ex.

O Sr. Mac-Mahon, cujas instrucções tinham sido de cultivar com o vosso governo relações da mais estreita amizade, recebera ordem de transmittir a V. Ex. ao deixar o Paraguay a segurança do nosso sincero desejo de reforçar e estreitar as relações amigaveis que felizmente existem agora entre os dous governos, e assegurar aos povos de ambos os paizes a continuação dos beneficios provenientes dessas relações. *O zelo com que cumpriu suas instrucções, me faz esperar que executará este ultimo encargo por maneira agradavel a V. Ex.*

Dada em Washington, a 15 de março do anno de Nosso Senhor de 1869.

Vosso bom amigo, pelo presidente U. S. Grant. — *Hamilton Fish*, secretario de Estado.»

— O que é isto que V. está lendo, tão apurado?

— E' um annuncio de convite da direcção da Real Sociedade Beneficencia — *Dezeseis de Setembro.*

— Lêa alto que eu quero ouvir:

— La vac:

«A direcção da Real Sociedade portugueza de Beneficencia — *Dezeseis de Setembro* — convida a todos os Srs. socios a assistirem á missa que, em commemoração da idéa da creação do hospital da mesma sociedade, tem de ser celebrada em acção de graças a nossa Excelsa Protectora a Santissima Virgem, na capella do referido hospital no dia 15 do corrente pelas 10 horas da manhã.

Convida igualmente ao respeitavel publico a assistir a esse piedoso acto e a visitar o dito hospital que, nesse dia, estará franco, desde que seja finda a missa, até as 5 horas da

tardo! Bahia 11 de agosto de 1869. — O secretario; *Manuel Ferreira Barbosa.*»

— V. vac?

— Não sei!

— Vale apenas, pela commodidade de transporte que nos offerece a Companhia de Vehiculos Economicos.

— E' de crer que haja grande concurren- cia, ao menos pelo passeio.

— E' provavel.

— Então conte que irei tambem fazer minha pernal!

— E dous!

— E' horrivel! mas, é preciso que todos leiam as seguintes passagens de um patriotico discurso do Sr. Silveira da Motta:

«Ao passar por Humaitá, viu nos hospitaes cerca de 2,000 doentes, quasi todos de ferimentos. Ahi o que mais impressionou-o foi a má collocação dos hospitaes na vizinhança de um arroyo, onde desenvolvem-se febres intermitentes de mau character. Dahi as vivas instancias que faziam os doentes para obterem uma passagem para a corte, pois os medicos diziam a todos; «a cura depende de sahirem daqui.»

«Tal era, porem, a difficuldade de obterem passagem, que para conceder-se uma a certo official muito digno, que tinha quasi perdido a perna, foi necessario que o orador manifestasse o proposito de ceder-lhe seu bêliche, ficando em Humaitá.»

«Pede ao governo que se compadeça desses bravos que, mal feridos pelas balas inimigas, vão succumbir ás infecções paludosas naquelles hospitaes.

Nada, porem, tanto o impressionou como o specimem da justiça militar, que viu em Humaitá. Os factos são de tamanha gravidade que julga indispensavel acompanhar a exposição de documentos que, não se zanguem os nobres ministros, foram fornecidos pelo commandante do pontão, que alli serve de carcere.

«Esse pontão é um brigue muito deteriorado, e ja tem recolhido 263 presos nas tres cobertas. Quando o visitou, tinha cento e tantos em condições que ainda se horrorisa só de lembrar. O brigue fazia 43 polegadas d'agua por hora (oh! oh! O Sr. ministro da guerra sorri.)»

«Isto é para rir, Sr. ministro, é para chorar; salvo si quer duvidar do que informaram ao orador os empregados de bordo, e viu com os seus proprios olhos. A bomba não cessava de funcionar, e quando desceu no purão, a essa caverna sub marinha, onde tinham submergido dez condemnados á morte e vinte presos, não menos de meio palmo.

d'agua cobria o pavimento dessa masmorra.

« E em que estado achavam-se os infelizes ali sepultados em vida? Por honra da civilisação brasileira quizera occulta-lo, mas é necessario que o parlamento saiba como eram tratados os soldados brasileiros que alli cahiam.

« Tinham grossas chapas de ferro aos pés, correntes ao pescoco, e o que parece incrível, mas é verdade, estavam nus em pello!! (Sensação profunda, exclamações de horror.)

« Isto é barbaro! exclama o Sr. Sinimbú. — Lopez não faz peor, diz o Sr. Ottoni.

« Ainda mais, continua o orador, esses infelizes eram privados de pão, e bolacha e gordura! Felizes fornecedores!... O commandante do brigue que, por signal, era um major de cavallaria, asseverou-lhe que elles pediam-lhe muitas vezes que os mandasse fuzilar!! Não recebiam soldo, nem roupa, havia dois annos.

« Lê uma relação nominal dos presos que achou nus, entre os quaes contam-se os seguintes:

« Pedro Perêira, do primeiro regimento de artilheria, preso a 19 de janeiro de 1866, solto a 7 do maio, recolhido de novo a 23 do mesmo mez e anno, sem processo.

« Bernardo da Rocha Barros, 2.º cadete, preso a 26 de janeiro de 1867, tem 8 annos de serviço, não recebe soldo a dois annos e fardamento a quatro, como consta da petição que o orador entrega ao Sr. ministro da guerra.

« Francisco José Monteiro, preso em Uruguayana por ferimento leve, sem conselho de investigação nem processo algum, declarando erradamente o seu assentamento que elle cometera um roubo no Passo da Patria, quando é certo que ao tempo da passagem ja estava preso.

« Cadete Fontoura, preso por ausentar-se 3 dias do batalhão, a um anno sem soldo e fardamento.

« Entre esses presos do pontão havia 7 paisanos, dois indiciados em crime de morte, os outros suspeitos de espionagem, todos sem processos, mesmo sem nota de culpa.

« Não tem dados para contestar a justiça dessas prisões, mas em todo caso é injustificável o modo porque se tratam os presos e a demora do julgamento (apoiados.)»

—Depois disto digam todos, que papel fazemos nós, vociferando ridiculamente, todos os dias, contra as barbaridades de Lopez!

—O que dizem os jornaes a respeito da guerra?

—Vou fazer um extracto:

« No Paraguay o que haviam de sobejo eram banquetes e revistas.

« Quanto a feito de armas, continham os preparativos, havendo, porem, grandes difficuldades por causa dos fornecedores.

« Quanto ao decantado governo nacional, parece que vae-se com a breca!

« Os esforços dos commissionedos alliados para formar na Assumpção um governo provisorio tem esbarrado contra a hostilidade dos paraguayos que estão actualmente nos exercitos alliados. A vista das candidaturas levantadas pelo Brasil e pela republica Argentina, acreditava-se geralmente que a solução desta questão seria a formação de um governo militar.»

— Aquelles paraguayos são emperrados! Preferem o despotismo de Lopez ao doce jugo de um governo que o Brazil lhe quer impor, com o fim de *libertal-os*.

—Próva de que Lopez não é tão odiado pelos seus, como se diz.

—O que ha de mais é, que tendo o povo paraguayo direito livre de escolher a quem quiser para governal-o, não poderá com tudo eleger Lopez, *nem pessoa sobre quem elle possa influir.*

—So isso é que se chama respeitar o direito das gentes em toda sua plenitude!

Inimitavel systema de acatar o principio da soberania das nações!

—Segundo as ultimas noticias, diz o *Jornal do Commercio*, sabiu a canhoneira franceza *Decidé* da Assumpção levando todos os consules estrangeiros, que, ao que parece, recusam reconhecer o novo governo que vae formar-se.»

—Bom auspicio!

—Um corpo da legião paraguaya, apresentou-se armado no lugar onde a commissão se reunia, para oppor-se ás deliberações pela mesma tomadas, pelo que teve ella de retirar-se.

—Tudo isso é mais um sorvedouro para nossas finanças, porque, dado o caso que o incomparavel Sr. Paranhos consiga montar o governo provisorio, quem sustentará esse improvisado governo durante e mesmo depois da guerra? quem procurará consolidal-o no poder?

—O Brasil com seus milhões e exercitos.

—Admitta-se que o governo provisorio se estabelece, que Lopez é vencido.

Os exercitos, é evidente que voltem á suas patrias, uma vez que o fim dos alliados é depor Lopez e substituil-o no governo.

Mas quem pagará as despesas da guerra?

—O governo paraguayo que os alliados crearam não pode ser, por que este não é

inimigo o antes representa a causa dos aliados.

—Nesse caso quem pagará?

—Ninguém, está bem visto.

Á PEDIDO

—Capitão, ouça esta:

Na terça-feira desceia á cavallo, pela ladeira da Poeira, um celebre personagem, vinha em sua frente uma creoula, mulher livre como eu e V. Ex.

Mas como visse que o cavallo vinha sobre ella, foi procurando safar-se, pronunciando esta palavra—*diabo*. O cavalheiro julgou se resultado com a palavra—*diabo*, foi sobre ella e metteu-lhe o chicote que trazia para castigar o animal.

—Cil isto só se pratica n'um paiz de mouros!

—Pois o homem entendeu que tinha praticado uma acção de rosas!

—Sr. tenente, seu peito é um cartão de amostras de fitas.

—Ganhei-as no Paragnay.

—Talvez lá o Sr. não desenvolvesse tanta bravura.

—Sou o mesmo em toda parte.

—Mas isso não é valentia.

Chicotear uma fraca mulher, sua igual, publicamente, aqui na Baixa dos Sapateiros; é porque está nesta terra. Em outra parte não ficaria em sosso.

—E' uma atrevida.

—O que, Sr. *Theotoniol*!

Isto é uma acção vil; a mulher não o offendeu.

VARIÉDADES

ALFINETE E AGULHA.

Dois jovens irmãos, Alfinete e Agulha, filhos de pobres pescadores, acharam-se orphãos e sem recursos.

—Já que somos obrigados a procurar os meios de subsistencia, disse o Alfinete a sua irman, sejam os instrumentos de trabalho de que temos os nomes. Trabalhemos.

Assim fizeram e desde essa mesma tarde os dois irmãos acharam arrumação nos lotes d'um importante estabelecimento de modas, aonde no dia seguinte uma marqueza elegante, que tinha á noite de ir a um baile, os comprou para as necessidade do seu toilette.

Da loja de modas passou Agulha para as mãos da costureira da marqueza, que a achou doce, firme, espiritosa, mas um pouco picante. Todavia Amelia, que assim se chamava a costureira, tomou-lhe tanta afeição que nunca mais so quiz separar della.

Teve destino um pouco mais cruel o infeliz irmão de Agulha. Depois da marqueza ter regressado do baile, tirou-o com desprezo do lugar em que o havia collocado e atirou-o com má modo para seu

toucador, dando, no dia seguinte, o tomou a criada, que andava arrumando o quarto para segurar com elle o chaille. Mas sendo o tonro alfinete um pouco delgado para segurar bem o chaille, picou-a em um dedo, e olla furiosa contra o pobrosinho, e querendo vingar-se, arremessou-o por uma janella.

Passava nessa occasião por baixo da janella um velho usurario e avistando Alfinete, levantou-o e levou-o comsigo, para juntar com elle alguns documentos a um processo que trazia entre maos. Uma sobrinha que a noite ia a um coizé, nao tendo com que segurar umas fitas, foi-se ao processo, enquanto o velho dormia, e tirando o Alfinete, levou-o comsigo. No baile porém e na vertigem d'um galope, perdeu-se no chão, aonde foi pisado por mais de um pé, até que um estudante de medicina, que tambem alli se achava avistando o pobre perdido, o levantou e pregou com elle na lapella da casaca um ramo de flores que uma dama lhe tinha dado.

No dia seguinte o estudante estava no hospital e assistia á amputação d'um braço a um artista. Alfinete foi empregado na primeira ligadura do braço do infeliz artista, mas uma bella manhã Alfinete desapareceu, tendo sido arrebatado do seu emprego pelo enfermeiro, que nesse mesmo dia foi servir em um hospital de sangue, no campo de batalha. Ali, depois de uma memoravel acção, na occasião de recompensar o valor de alguns soldados, o enfermeiro apresentou a um official o alfinete, para aquelle pregar uma medalha no peito d'um dos mais bravos soldados.

Durante este espaço de tempo, a Agulha de Amelia era o instrumento com que a pobre rapariga procurava obter os meios de subsistencia para si e sua familia, Agulha tremia de dia e de noite entre os dedos calosos da triste costureira.

O bravo militar premiado no campo da batalha era o amante de Amelia e um dia em que estava trabalhando entrou elle pela porta dentro, cheio de orgulho com a sua medalha no peito. Com a força da surpresa, Agulha quebrou-se nos dedos da gentil costureira.

Todavia uma pequenina esfera deirada converteu em Alfinete a pobre mutilada, que principiou a trilhar no toucado de Amelia desde o dia em que esta foi a igreja unir-se com o seu bravo militar.

Desde então os dois irmãos, Agulha e Alfinete, viveram na mesma casa, debaixo do mesmo tecto, respirando o mesmo ar, que respiravam os dois namorados, e quando Amelia encostava a sua cabeça delicada ao peito robusto do soldado, os dois irmãos abraçavam-se e beijavam-se tambem, e eram tão felizes como os dois esposos. Envelheceram e morreram, e os dois amigos e confidentes acompanharam-nos á sepultura; mas a terra não os quiz para si. e em quanto que tudo o mais fenece e passa, Agulha e Alfinete ficaram para dar o exemplo de que a coragem e a esperança, unidos a uma vida laboriosa, são as unicas que fazem a felicidade do homem neste mundo de enganos.

DECLARAÇÃO

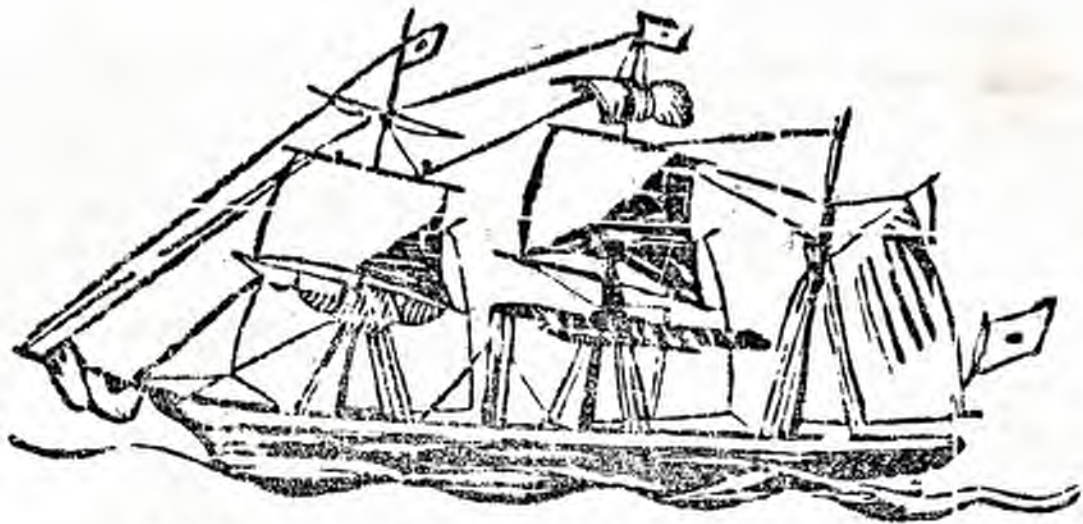
Distribue-se hoje as folhas 74 e 75 do—
ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Compra-se uma casa do Campo Grande á freguezia de S. Pedro, de preço de 4:000\$ Nesta typographia indica-se o comprador.

Quem precisar de uma ama de cosinha, procure no Maciel de Cima, n.º 6.

Typ. de Marques, Aristides e C.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 54

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

18 DE AGOSTO DE 1869.

N. 538

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
17 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que no dia 6 do corrente, commetteu-se um crime na obra dos trilhos da companhia de Vehiculos, o qual pela incuria das respectivas authoridades ficou impune até hoje.

O trabalhador de nome Paulo esmigalhou com uma pedra o craneo do pedreiro Pio, africano, o qual, cinco dias depois, falleceu.

O criminoso, consummado o delicto, retirou-se imperturbavelmente, por que não só dous agentes da força publica, que na occasião passavam, negaram-se a perseguil-o, como não foi possivel, encontrar uma authoridade policial para providenciar!

Este facto vem ainda uma vez confirmar que entre nós não ha garantia de vida, nem segurança de propriedade!

Mata-se publicamente, em alto dia, e o assassino retira-se impavido e tranquillamente sem que a policia dê accordo de si.

Consta que o Dr. Freire do Carvalho, cor-religionario politico de S. S., que presenciara o facto, se admirara do abandono em que vive esta cidade.

Espera-se que S. S., ao menos para repressão do crime, dê as convenientes determina-

ções para a prompta captura e punição do criminoso.

—Ao mesmo, communicando-lhe que no numero de pessoas escravas empregadas no especulativo meio de tirar esmolos, accresce o de uma preta velha, captiva de certa Sra. D. Joanna Navarro, o que se communica para, no caso de ter S. S. de tomar alguma providencia, contar com mais esta.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando lhe toda vigilancia sobre o caixeiro de uma vendola, ao canto do João de Freitas, de uma só porta, o qual logra sempre aos compradores nas pezadas que faz, como seja: tres quartas, por uma libra; uma libra e meia por duas libras, etc. etc. Ora, sendo sabido que certas vendinhas são sempre abertas por especuladores que querem extorquir o suor do pobre, que tem necessidade de nellas entrarem, conveni que S. m., ao receber esta, dê as providencias necessarias, afim de cohibir esse abuso e livrar os incautos dessa praga de extorquidores. Cumpra.

—Capitão, veja que sem razão.

—Estou ouvindo.

—Sexta-feira, subia a ladeira da Saule um menino conduzindo uma caixa de folha á cabeça.

Os raios do sol dando sobre ella, fez com que os reflexos reverberassem para dentro de uma tenda do marceneiro.

Isso foi bastante para que um sujeito que

ahi trabalha atirasse á creança um formidável pedaço de pau.

—Que desalmado!

—Esse sujeito soube depois que chama-se Firmino, é empalhador.

—Ja sei, um sargento do 6.º, passa por maluco.

—Quem é doudo vae para o hospital.

Mas escute o resto,

O menino perguntou-lhe que mal lhe tinha feito e si por ventura era seu escravo.

Só por isso enfureceu-se o homem, sahiu á rua e deu na creança desapiadadamente, não só com um junco, como com os pés e mãos.

—Para isso é que deviamos ter policia.

—V. Ex. sabe que eu osu o primeiro a clamar contra as travessuras dos moleques e meninos mal-creados. Mas tambem acho mau que um, que vae á mandado de seu mestre, de seu pae, ou de seu senhor, sem offender a ninguem, seja espancado cruelmente.

—Capitão, não posso ver mentir-se tão impudentemente!

—E quem lhe obriga?

—Veja o que escrevem daqui para o Rio:

«O regimento Argollo apenas teve 43 pessoas e o Duque de Caxias mais de 150, alem de uma companhia de operarios do arsenal, que, desojando marchar tambem como participante dos festejos, pediu para encorporar-se a elle: deste segundo regimento fizeram parte alguns negociantes e pessoas de posição elevada.»

—Deixe cada um vender seu peixe.

—Mas é preciso muito cynismo para fallar assim á verdade.

Quem não viu que o regimento Caxias era composto dos fiscaes da camara, capitaneados pelo Dr. Azevedo Monteiro, e o resto era meia duzia de creanças, e a tal companhia do arsenal que não pediu mais foi pedida para fazer numero.

—E eu direi mandada.

—E com os olhos vsgos de inveja accrescenta o tal correspondente:

«O palanque levantado no Terreiro foi grande e externamente bello, mas internamente pouco preparado; não tinha os necessarios adornos, era apenas alumiado por tres pequenos lustres que davam-lhe luz mortica de um carcere, nem os retratos do costume foram collocados; achei-o muito nú, era forrado de panno verde sem tapetes e continha apenas tres retratos, um dos quaes, o Sr. D. Pedro I, era sustentado por dous pedaços de pinho, que não so não eram pintados, mas nem ao menos tinham sido lavrados e ostentavam-se toscamente.

«Os claros entre os tres retratos eram somente occupados por duas *banquinhas velhas* e muito ordinarias, de quatro pés, com duas jarras sem flores: foi, lhe confesso, uma vergonha: mas assim o quizeram os liberaes por despeito e odio aos conser-

vadores estarem no poder: entretanto quando não estes os membros da commissão, ainda que estejam aquelles no poder, dão as festas todo o esplendor, como convem para conservar sempre viva a lembrança desses tempos heroicos e excitar-se o patriotismo nos conjunturas difficéis.»

Da-se maior desfaçamento?

Até nisso ha de entrar o rancor politico.

—Homem, deixe, vamos a ver o que fazem para o anno, os que acharam mau tudo que se fez neste.

«*Ratamplan, ratamplan, ratamplan!*»

—Como que ouço rufar de caixa?

—E' a noticia do espectáculo anunciado para hoje.

—O que vae á scenã?

—O drama em tres actos, intitulado—*No-breza*, pela segunda vez.

—L' bom?

—E' um excellente drama, um drama de mão cheia, como lá diz.

—Então, recomende ao respeitavel publico este espectáculo, ao menos para animar a empreza que se acha muito desanimada pela falta de concurrencial.

—Como foi no sabbado de sessão de spiritismo?

—Mal! Tinha muita gente de maneira que não pude apreciar bem a discussão.

—Então não colheu nada; sahiu *jejuando*?

—Ouvi apenas o Sr. Manoel Alves Ferreira fallar e retirei-me.

—Fallou bem?

—Em materia spiritica elle está versado.

—E o que disse a respeito?

—Disse que muito ja acreditou no spiritismo, e chegou ao ponto de ajoelhar-se nos pés da *medium* e beijar-lhe a mão, porque o Sr. Telles tinha evocado nella o anjo de Deus, e que como elle muitos personagens desta cidade ajoelharam-se!

—E' apenas o que sabe?

—Sei mais alguma cousa.

—Então siga.

—No correr de sua discussão, disse que esperava o comparecimento do Sr. C. Garcia, mas que elle não tinha comparecido, não obstante ter aceitado o seu convite, o que elle Ferreira sentia bastante, visto como queria que o Sr. C. Garcia lhe dissesse si não era verdade que o spiritismo teve a força de dizer que seu spirito ja tinha pertencido á um lord inglez! Neste ponto os espectadores deram uma gargalhada.

—Ainda elle não disse tudo; predisse-lho até o futuro.

—Sim, eim!

—Pois não; disse que elle ainda ha de reencarnar em um principe brasileiro.

—Ca... ca... cal Qui... qui... quil Ora isto so a risol

—Vamos ao resto do que colhi, chamo-lhe a ordem!

—E eu obedeço lhe.

—Um dos espectadores influencia o filho do Sr. Garcia para que dissesse alguma cousa, pois que elle estava presente e não devia deixar aquillo passar despercebido. O moço, influido, pediu a palavra e disse que seu pae não comparecia em reuniões de certa ordem de gente, porque descia de sua dignidade si isso fizesse!

—Oh! que espicharetur!

—Mas um dos espectadores deu-lhe uma resposta em regra, dizendo que o Sr. Ferreira tinha convidado muito boa gente para sua reunião; que aquella reunião era digna de qualquer homem que se preza, e por isso lá não tinha comparecido o Sr. C. Garcia, e o unico homem indigno que ali havia era o que acabava de medir por sua bitola aos caracteres distinctos que ali se achavam reunidos!

—Safa....

—.... do que elle não esperou tomar pelas ventas!

—Quem diz o que quer, ouve o que não quer, é manha do açougue.

—Foi uma resposta de *cachupeleta!*

—Acabam de atirar viva uma creancinha recém-nascida na Estrada Nova.

—Em que altura?

—Ao pé do edificio do azeite da cidade.

O innocente fructo, quem sabe? da crapula e libertigarem, foi jogado aos cães com todos os accessorios posteriores ao parto.

—E' a pagina mais hedionda da vida da mulher devassa!

Renegar o fructo querido de suas entranhas!

Esmaçar aos pés o diadema de mãe!

—Fazendo timbre do peccado, essas mercenarias da sociedade recusam-se a desempenhar a missão mais sublime que o Criador outorgou a mulher—a missão de mãe!

—E o innocentinho, gerado muita vez, ao tripudia das orgias, aos bafejos impuros dos labios profanos, como vai lhe estorvar as horas de entregar-se ao deboche, a libidinagem, é atirado aos cães!

—A origem de todos os crimes são os vicios e na extirpação destes está a destruição d'aquelles.

Esforce-se o governo para dar a todos os membros da sociedade uma educação acessivel e graduada segundo suas necessidades respectivas; procure animar as classes pobres, por meios de boas instituições ao trabalho, e ante de moral bem estar; facilite soc

corros de beneficencia á enfermidade indigente, á humanidade desvalida; imprima uma actividade salutar nas massas e esses crimes, que tanto depoem contra a civilisação, irão desaparecendo pouco a pouco da sociedade!

Á PEDIDO

Exm. Sr. capitão do *Alabama*.—Pelo respeito que tributo á V. Ex., por seus principios de moralidade e justiça, e por saber que V. Ex. detesta a falsidade e a mentira, não posso deixar de vir a sua respeitavel presença para declarar-lhe, em favor da verdade, que a historia costada no *Alabama* de 14 do corrente sobre o facto da rua da Poeira, resente-se sobremodo de inexactidão e pois passou-se em nossa presença da seguinte forma:

Subia pacificamente a dita ladeira, a cavallo, ao anoitecer do dia indicado, como pratica diariamente, em procura de sua morada fóra da cidade, não *um celebre personagem*, como por chincalhe ali se diz, e sim um simples, porem honesto e bem conhecido cidadão; e quando assim proseguia mansa e pacificamente em seu animal á passo de carga, sem offender a pessoa alguma, uma mulher de côr preta, e mal trajada, que tambem subia, e que elle não podia saber si era livre ou escrava, africana ou creoula, lhe dirigiu estas palavras—*que diabo vem atraz de mim? que diabo é este?* ao que lhe disse o cavalleiro—*mulher, porque profere estas palavras? não vê que vou passando tão distante? não continue nestas graças, que um dia pode lhe acontecer mal.*

Entretanto a tal mulher não satisfeita com o que ja havia dito, tão sem razão, encarando com o cavalleiro, com toda a coragem e desembaraço disse-lhe—*logo vi que era um malandê;* pelo que o cavalleiro, que é da tempera antiga, voltando-se para ella e depois da troca de algumas palavras, em que foi aceremente provocado, deu-lhe pancadas com o chicote que trazia, e eu, Exm. capitão, que tudo observava, lhe declaro sobre palavra de honra, que assim deu-se o facto, e não pela forma por que lhe informaram; e confesso á V. Ex. que não desapprovei o procedimento do cavalleiro, pois em verdade não se pode negar que esta nossa terra está perdida, e que qualquer pessoa, mesmo uma senhora, vê-se constantemente exposta aos descautos dessa casta de gente que não acata o decoro e a decencia; como o mesmo *Alabama* por muitas vezes tem levado ao conhecimento de V. Ex. solicitando providencias á respeito; e por esta occasião não será injusto que V. Ex. mande vir a sua presença o tal informante o lhe passe uma sarabanda para não faltar

verdade com tanta facilidade, abusando assim da boa fé de V. Ex. que não é de graças, com quebra da reputação alheia.

O amigo da verdade.

—Sr. capitão. No dia 8 de agosto, passando pela rua de Santo Agostinho, no Sangradouro, vi um ajuntamento numeroso em certa porta.

Indagando, soube que um sujeito recebendo uma desfeita retribuira com outra fazendo o seu violão em trinta pedaços.

Então o dono do pagode fingiu estar atacado de syncope por 5 á 6 minutos, isto é, em quanto reformava-se a meza do *piguá e urubita* e depois seguiu a pandega com *ipis e urrah*.

—Porem quem é author desse disfructe?

—Um celebre director de bailes pastoris, sobre quem tenho alguma cousa a dizer.

Depois do caso da ceia de 14 do corrente, principiarei uma historia desde os Curraes Velhos até o theatro do Bom-fim.

—Pois, quando quizer.

—Sim, senhor, heide voltar e desde ja fique V. Ex. sabendo que me chamo—o *Cumieira*.

—Capitão, temos obra.

—Explique se, e ponha isto em pratos limpos.

—Um nosso amigo, tachigrapho da camara dos *designados* latronopolitanos, mandou-me pedir a publicação do discurso de um dos designados do 4.º termo desta fextoria por occasião da discussão do voto de congratulação e eu quero que V. Ex. me attenda, fazendo-o correr impresso nas columnas do *Alabama*, por que na corte impediram a publicação delle.

—Ande lá, vejamos si é possível fazer-se este sacrificio.

—O Sr. *Cincero De antas*: (*movimento de curiosidade, silencio!*)—Meu pae, senhores, é o homem mais opulento do sertão de minha provincia, como bem disse no senado e escreveu nos *jornaes* o illustre *Bernardo Poia*, apesar dos embargos que a isto oppõe o Sr. das *Saraivas* quando fez o seu *fiasco* na camara alta.

Um Sr. fiel designado.—Não tem duvida—hoje ha de se ouvir a minha voz neste recinto: meu sogro é a *unica e verdadeira potencia* do norte de minha terra.

O Sr. *Cincero De antas*.—Peco ao nobre cunhado que não me interrompa, deixe-me *discutir*, preciso de me desabafar. Sr. presidente, meu pae não faz caso de ninguem, por que tem muito dinheiro, apesar de não ter coragem de pagar dividas velbas: isto é verdade; mas...

O Sr. *J. Gonçalves*.—Não insulte ao nobre pae, collega.

O Sr. *C. De antas*.—Não preciso dos seus conselhos, deixe-me continuar: o orador do senado que fallou na personalidade de meu pae, mal sabe que eu sou capaz de tudo, e até de fazer o vigario do Bom Conselho montar ainda que seja n'um boi manso, quando os Srs. *Figueredo Rocha* e *Assis* não constintam no boi brabo!

Um Sr. franco designado.—Que cascavel! misericordia!

O Sr. *C. De antas*.—O meu collega me chama cobra?!

O Sr. *Reptil*.—E julga-se melhor do que eu o meu collega de minas e bosques? Está enganado!

O Sr. *C. De antas*.—Sr. presidente, os apartes me desviam de tratar do projecto em discussão.

O Sr. presidente.—O Sr. *designado* ainda não se occupou da materia em discussão, e na corrida em que vae, em menos de meia hora alcançará o hospicio de Pedro II; pode continuar. (*hilaridade*)

O Sr. *C. De antas*.—E esta? Chamar de doido a um homem como eu? Protesto perante o paiz inteiro que vou-me embora para o meu engenho, e o meu partido será sacrificado á falta de meus bons serviços. (*Risadas prolongadas*)

O Sr. *Antão*.—Eu ja disse que se a briga continuar, cahirá tudo para nunca mais se levantar.

O Sr. *C. De antas*.—Vou terminar, Sr. Presidente, o meu discurso; estou muito fatigado e necessito repouso.

O Sr. *Afonso da Gameleira*.—Eu ja ia pedir a palavra pela ordem, para requerer o encerramento do seu discurso; estou desapontado!

O Sr. *C. De antas*.—Desapontado? Isto não se atura; retire a expressão, senão me damno.

O Sr. Presidente.—Atenção! Levem o homem para o Hospicio, que não está em estado de deliberar.

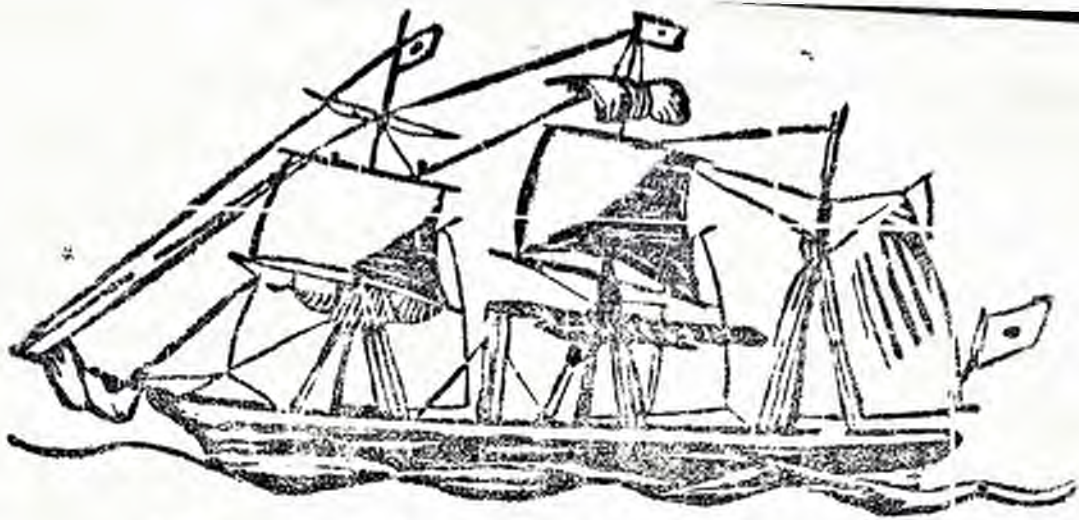
(Muito bem! Muito bem! *Applausos geraes das galerias*. O orador é conduzido ao Hospicio Pedro II. Dada a hora, levantou-se a sessão.)

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 76 e 77 do—**ROCAMBOLE**.

ANNUNCIOS

Pede-se aos devedores da Estrella do Oriente que venhão pagar o que devem no prazo de oito dias sob pena de verem os seus nomes por extenso nas folhas publicas.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 54

BAHIA

20 DE AGOSTO DE 1869.

N. 539

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
19 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que embarcou no dia 18 do corrente, no trem da estrada de ferro, uma creoula amarrada de pés e mãos com destino á Matta de S. João, dizem, que para ser ali castigada, por ordem de seu senhor, cujo nome ignora-se; mas julga-se conveniente levar ao conhecimento de S. S. afim de syndicar a respeito, visto como não se está mais no tempo em que os senhores tinham o direito de vida e morte, sobre seus escravos. Espera-se, em vista do que acima fica dito, embora em toscas palavras, que S. S. trate de syndicar este facto, e no caso que encontre provas de crime dê as providencias necessárias.

Portaria ao fiscal geral, ordenando lhe que, por conta da camara mande tapar a immunda bocca de lobo que ha Atraz da Se, defronte do consistorio da igreja, cuja bocca de lobo, si algum prestimo tem, é causar sensivel encomodo aos narizes transitantes e attestar a incuria dos incumbidos dos melhoramentos publicos. Cumpra.

—Chegdu o *Tocantins* hontem á tarde.

—Desenouvelle alguma cousa.

—Ainda desta vez não temos o prazer de... dar noticias importantes da guerra.....

—*Ejet caetera* é tal, sim senhor; isto ha bons oito mezes.

«Ah, guerra, guerra, guerra sem vergonha.

«Nem mesmo quero ouvir falla em ti!

—Capitão, por libello accusatorio contra as calamidades que soffre este paiz, diz o supplicante e si for necessario.

Provará—que a guerra continúa e continuará, graças ao *sapientissimo* governo imperial, e ao abençoado dinheiro que elle para la remette. Isto posto—

Provará que o patriotismo dos nossos generaes tem sido nesta campanha immenso, immensissimo, pois ainda não se viu nenhum recusar os seus vencimentos em favor das urgencias do Estado, e até é de suppor que esse patriotismo chegará a tal ponto que quando o governo disser: «*não ha mais dinheiro;*» responderão: «*tambem não ha mais quem sirva a patria!*» Por isso—

Provará—que, em quanto o paiz tiver no Paraguay um chafariz de libras sterlinas, a guerra continuará, porque ha ainda muitos potes vazios que é preciso encher desse deslumbrante metal, ante o qual o amor da patria é uma utopia. Em vista disto—

Provará—que o pobrepovo é o unico prejudicado com isso, porque ja não pode suppor tantos impostos e por isso tantos martyrios. Alem de tudo isso—

Provará—que os patriotas que foram *desig-*

nados pelo governo para representar os interesses da nação, votam com os olhos vendados todas as exigencias do governo, e na verdade seria grande absurdo, os caixeiros de uma grande casa commercial irem de encontro aos interesses de seus patrões. Sendo assim —

Provará—que breve ninguem poderá alimentar-se mais de uma vez por dia, sob pena de pagar imposto, pelas outras que o estomago appetecer, obrigando assim o desditoso povo a desacostumar-se do vicio de—*comer*. Por estas razões:

Provará—que não ha dinheiro que chegue para levar-se ao thesouro e elle sempre exhausto, por causa da guerra que muitos fazem a elle: Nestes termos—

Provará—que vamos cada vez a mal e não ha salvaterio para a nação brasileira, mergulhada no mais tenebroso abysmo pela falta de patriotismo de seus representantes passados e presentes.

Acho de justiça; e por isso mando que seja recebida sem custas.

A VIDA DO PERALTA.

Comecemos por defini-lo. E' todo aquelle individuo, que leva vida de vadio, sem officio ou beneficio, tendo por emprego, cuidado e occupação, o embonecar-se para namorar, penteiar mil vezes o cabello, botar pós de arroz e carmim no focinho e torcer os competentes bigodes, d'onde se segue que —peralta, namorador e tollo são tres palavras distinctas, mas synonymas.

Quem vir um sugetiinho sem parente, adherente, protector, ou conhecido. sem industria licita, andar com a calcinha de caze-mira muito estreita, com casaca e colete sempre a moda, com o chaspellino sempre a banda, e com grandes penderucalhos na corrente do relógio, com os cinco dedos de cada uma mão cheios de anneis d'ouro e brilhantes verdadeiros e falsos, passeadores incessantes, e quasi que moradores nas esquinas e hotequins, levando manhans e tardes ja n'uma botica, ja n'uma loja, não tem que perguntar —é um *cujo dos cujos*.

Ainda as modas estão na cachola do diabo mais velho, ou na imaginação prodigiosamente creadora dos *petit-maitres* de Paris, ja o nosso-cujo as advinha, e principia a buscar tréas para fizar um calote no Daumerie, Pinelle, e outros alfaites de tom *em quem poder não tem a morte*.

Não acha graça nem bondade nas obras o nos officiaes seus patricios, e tudo que não é estranja lhe desagrada é o faz lançar olha-

res de desprezo. O cabelleleiro estrangeiro lhe corta os cabellos, prepara-os, ensaba-os, e a ponteia em mil maneiras, ja se sabe por um bom cobre, porque não ha de vir um pobre homem la das Europeas, atravessando o Atlantico, soffrendo enjões e rapando o susto do mar para penteiar e pôr cabelleiras a troço de Padre Nosso, Ave Maria e Gloria Patri.

O nosso *peralta*, gamenho ou como melhor nome tenha, quando se vê assim com as suas melenas de sagui, coça-se todo como macaco, remeche-se, julga-se um Narciso em belleza, um Napoleão em conquistas, e diz todo enfatuado—« Qual será a belleza que resista este todo? » e eu diria se ouvisse:—« Qual será á senhora de juizo que se occupa com este tollo? »

Enfia a escovadissima casaca, aperta a mão do *Lanat* com os dois dedos, sahe da loja a passos curtos e apressados, ou de cão perseguido á pedra, levanta os hombros, por que pensa que isto lhe dá graça, e torna-se mui parecido com um capão molhado e tiritando de frio, curva os braços em attitude de tocador de rabeça, brinca com a bengalinha, enfia um enorme charuto nos beiços e inclinando um pouco a cabeça eil-o,—a correr todas as ruas, a registrar todos os becos, e a olhar requebrado para todas as janellas, onde vê moça. A pouca distancia de casa pucha o lenço reescendendo de cheiros, deixa-o ficar um pouco de fora para vêr-se a rendinha ou o bordadinho, e quando quer que o lenço lhe sirva de telegrapho, traz um do tamanho de um lençol, com pinturas bem grandes de encarnado e de azul, e si por acaso a bella está na janella e vê tremular a bandeira concerta mais depressa o pente, prega mais um gancho, endireita um lenço, calça os sapatos, e si é das taes, esfrega o rosto com alguma pedaço de pannò de linho crú que ja tem ao lado para esse fim, apparece como por surpresa na janella, escarra, elle responde com outro, e com linguagem de cuspo vai se pondo ao largo, em quanto que a bella está ainda feito papagaio de janella, vendo as olhadellas que elle deita para traz até sumir-se.

Eu cá por mim penso que nem Pedro Paulo Rubens será capaz de pintar as olhaduras, maneios e tregeitos que escandalosamente faz o nosso *peralta*.

Si defronte da namorada ha uma loja de sapateiros, lá se encaixa o cujo. Tem logo encomendas que fazer, botins que remontar, chinellos, etc.; si ha loja de alfaiate, então gasta horas e horas discorrendo com o dono da loja, o sempre na porta, sobre a bondade de tal e tal panno, feitos do paletòs, elows, etc., o sempre com os olhos no anginho que

não arreda pe da janella, ainda que a enfesada e quiselenta da mãe grite.

E si encontra alguma botica? oh! felicidade! ali mora, porque passa todas as horas sentado na porta, chamando todos que passam, conversando com uns e com outros e em quanto vai estropiando o portuguez e francez tudo de cambulhada, não despega os olhos da Venus, para quem de vez em quando deita uma luneta de vidro sem grau.

E si o nosso homem pode fisgar algum cavallo por emprestimo! oh! que de mentiras não prega! a um diz que o rocinante lhe veio d'um seu engenho, que so elle conhece, a outro que lhe custou 400\$; a este diz que o tirou em uma rifa, a aquelle que foi aposta, e depois disto eis que tem muita gente de vertouros de palanque. Corre a galope para cima e para baixo, mette esporas no outro para obrigar-o a dar galões e fazer piruetas, e se tem de ir a passeio o pobre cavallo não pode mais soffrer tantas esporadas, chicotadas e carreiras, dá com o sujeito do selim abaixo, o que causa muita rizota, assovios e palmas.

Si apparece em uma roda de moças todas ellas tomam-no a sua conta. A uma elle compara a um alecrim por causa da cor, e vai dizendo outras asneiras iguaes a esta.

Toda a noite conversa em modas, critica esta moça, diz mal daquella, jaeta-se de ter namorado cincoenta e tantas e ter sido sempre constante, offerece o seu coração mil vezes, como si fosse coisa boa, não falla em casamento porque é moda do tempo antigo, pede cravos e outras flores, lamenta o tempo que corre depressa, bebe duas e mais chicharas de chá, come e enche os bolsos de bolinhos, e depois assoviando uma cavatina faz vispora.

Á PEDIDO

—O Sr. Luiz Zeesteira é intimado para ir entregar quanto antes a opa e a salva do glorioso S. Benedicto. Quanto as esmollas pode ficar com ellas, visto que a festa ja se fez

Sr. Redactor do *Alabama*.—Lendo uma portaria que sahiu no seu periodico de sabado, n.º 533, a 13 do corrente, ordenando ao fiscal da Sé, toda vigilancia a respeito da pesada de generos feita na taberna de uma só porta ao Canto de João de Freitas, e trazendo esta publicação um descredito, não só ao caixeiro como ao dono da casa, o abaixo assignado protesta contra a falsidade do individuo que se occupou em illudir a esta digna redacção e ao publico.

A mentira não prevalece em face da verdade.

Si o denunciante tem coragem para mandar anonymamente desacreditar uma casa de negocio por meio da imprensa, tambem deve tê-la para assignar-se; neste caso tratarei de historiar o facto.

Pergunta-se, um comprador que leva a encomenda de duas libras, e que, com pra uma libra e meia ficando com o importe da meia no bolso, que nome terá? que culpa terá o taverneiro para com a ladroeira do comprador? Creio que culpa nenhuma terá o taverneiro para ser taxado de falsificador de pesos.

—Foi isto o que se deu com um esperto que se quiz acobertar com a capa da honestidade comprometendo a quem de nenhuma sorte commetteu a falta de que é accusado.

Um que viu.

—Pois aquella senhora ja velha, mãe de filhos homens, presta atencção a um menino, sobrinho de seu marido? Pobre marido que sempre vivea illudido!

—Pois V. m. não vê que elle é parente da casa, pode entrar e sair quantas vezes quizer?

—Basta sim. agora acredito eu no que dizem os vizinhos e no que contam esmoradores da f.ixo.

—E de mais a mais o sujeito é pharmaceutico; si acontecer alguma cousa, arranja uma droga, e fica tudo encoberto.

VARIEDADES

Vou escrever, leitores, sobre toda a especie de caixeiros, começarei pelo de

TABERNA.

Haverá uma condição mais miseravel, e mesquinha do que a de um pobre cidadão,

Que para ganhar a vida,
Com o suor de sen rosto,
Está disposto

A ouvir mais de um insulto,
Dos negrinhos seus *freguezes*,
Quando ás vezes

Com o cerebro esquentado,
Por vapores d'aguardente,
Esta gente

Não respeita a seus senhores,
Nem o vergalho potente?

E' certamente um emprego para que me falta o *geito* e a *habilidade*.

Não sirvo para lidar com *queijos do paquete*, *carne secca*, *linguiças*, *paos*, e *comitante caterva* tabernaria.

Mas como o trabalho, qualquer que elle seja, não deshonra o homem, com tanto que

honestamente, ajunte fortuna, por isso longo o bem longe do lançar o desprezo sobre esta classe do gente que se dedica a tal negocio, pelo contrario, amo-os, como si fossem meus verdadeiros irmãos em Adão e Eva.

Porem muitos não pensam assim.

O caixeiro de taberna é, para certos *criticos*, uma entidade nulla, e que não merece consideração alguma.

Dizem que—

Alta noite negocia
Com a portinha fechada,
Comprando cousa roubada
A troco de *mel cõado*.

Não é tanto assim. Si algum pratica tão abominavel acção, não se segue d'ahi que os mais procedam do mesmo modo.

Nem todos foram moldados pelo mesmo cadinho. Não fica tudo neste ponto.

Inda tenho muito que *tagarellar*.

Os leitores hão de ter paciencia de aturarme; quem não quizer ouvir-me faça o que bem entender.

Si ha occupação que soffre as maiores privações, é a de que se trata.

Um pobre moço está sujeito a supportar descomposturas da plebe infame. Para viver em paz, vê-se na dura necessidade de agradar a todos, desde o escravo até o seu freguez mais bem educado.

Aosabbadolimpa as balanças, lava o balcão põe novos papéis de cõr, como enfeite ao candeeiro, para, ao domingo, a casa apresentar uma nova *prespectiva*.

Tendo parco salario, não pode ostentar a decencia que ostentamos; sua camisa de algodão, suas calças de linho ordinario, é a vestimenta mais propria para o genero do seu trabalho.

Obediente a seu amo, cumpre as suas ordens, ainda que ellas sejam em prejuizo dos compradores.

Falla-se na falsificação dos vinhos e dos pesos e medidas, e a culpa de tudo isso sobre quem recahe?

Sobre o desgraçado caixeiro.

E elle infeliz não tem culpal

O marinheiro dirige o rumo de seu barco, conforme manda o piloto.

Isto dizia, não sei quem.

Deixemo-nos portanto de escarnecer desses futuros negociantes de *seccos e molhados*.

—D'elles precisamos, porque, com o nosso dinheiro, nos dá aquillo de que necessitamos para alegrar o estomago.

Haverá bebida tão deliciosa—como o licor de Bacho? Quantas vezes no fundo de uma garrafa,—cheia do saboroso succo da uva, não está a ideia de um grande poema?

Sem vinho—estou bem certo—os *pspoet* não teriam aspirações.

O vinho dá enthusiasmo á musa, e vigor aos membros, e prepara uma boa digestão.

Pão, sem manteiga, faz mau paladar, e segundo um filho de Esculapio, é cousa optima para a creação das *lombrigas*.

O queijo e a cerveja—são os melhores utensilios para por-se dentro da pança—as *onze horas*.

A carne secca, o feijão o toucinho, as linguças, os paios, os presuntos, sabemos o gostinho que teem, porque *de tudo* ja provamos.

A aguardente serve tambem, tomada com cautella, para conservação da saude.—Os medicos a receitam como remedio poderoso—para certas e determinadas molestias.

E aonde encontramos o que agora foi dicto? Na taberna.

E quem *nos faz o favor* de vender?

O caixeiro da taberna.

Por consequencia refliciamos melhor.—

E a classe caixeiral,

Quer seja—*secca*—ou *molhada*,

Seja por nós bem tratada,

Com alguma distincção.

Assim o espero, e desde ja dirijo os meus agradecimentos, misturados com dous abraços e meio, e tres quartos de beijos, ás pessoas que, como eu, pensam, e acham *justa e muito* justa a defeza que acabo de fazer a aquelles, cuja sorte não lhes foi bastante propicia.

Quem quizer encarregar-se da accusação, encarregue-se na certeza de que não terá replica.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 78 e 79 do—**ROCAMBOLE**.

ANNUNCIOS

Quem precisar de uma—**AMA DE LEITE** procure na travessa do Cruzeiro n.º 7 C.

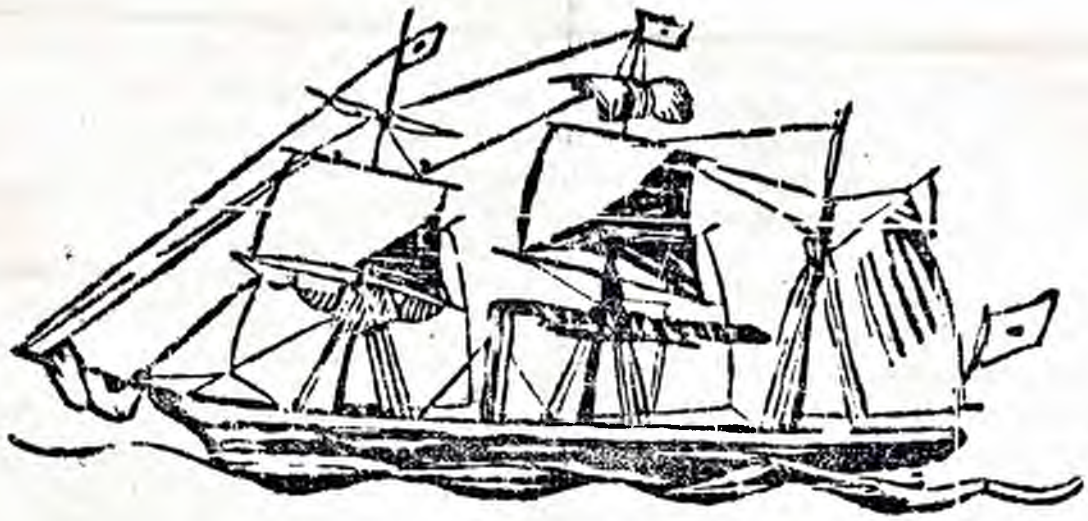
VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moído puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude, na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.

AULA DOIS DE JULHO.

—Nº 9— RUA DOS ALGIBEDES —Nº 9—

Neste estabelecimento acha-se funcionando um curso-nocturno da lingua franceza, e do 1º de setembro em diante tambem haverá outro de portuguez, as 8 horas da noite.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 55

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

21 DE AGOSTO DE 1869.

Ns. 540 e 541

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
20 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, ponderando lhe que, no interesse da causa da liberdade, não deve S. S. levar a mal qualquer informação que lhe possa ser ministrada.

Neste proposito, é que se transmite a S. S. a seguinte communicacão recebida:

D. Anna Telles de Menezes, senhora da fazenda Bananeiras, no Soure, libertou sua eria Maria, na idade de dez annos, cuja carta, consta, acha-se hoje em poder do procurador Teixeira de Freitas.

Crescendo Maria, produziu os seguintes filhos, os quaes foram reduzidos á escravidão — Izabel, Querino, Elias, Antonio e José.

Querino foi vendido para o Rio Grande, Izabel, comprou a sua liberdade e os outros tres disputam-na, para o que vieram a esta cidade.

Faltando, porem os meios para occorrerem ás despesas judiciaes, teve Elias de ir ao Soure adquirir recursos e la chegando adoeceu, alem de encontrar suas plantações deterioradas e toda creação extraviada, o que veio contrariar o negocio e de todo paralyzal-o. Entretanto, Antonio e José foram presos pela subdelegacia de Brotas, por mera denuncia de um sobrinho dos inculcados senhores, sendo

Antonio remettido para as Bananeiras, pertencentes hoje a José Telles de Menezes, Diogo Telles de Menezes e D. Constancia Joaquina de Carvalho e la se acha sujeito a duros tratos, em quanto José geme nas masmorras da Correccão

Entregando á justa aprecciação de S. S. a presente communicacão tal qual foi ella remettida, cumpre acrescentar que, a ser exacta, é realmente de pasmar que ainda nesta epocha haja quem tenha o audaz intento de pretender reduzir á escravidão uma familia iuteiral S.S., com os meios que a lei põe a seu alcance, chegará facilmente ao descobrimento da verdade e fará o que for de justiça.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando que, ao receber esta, dirija-se a casa do Sr. Lefevre, alfaiate imperial, ao largo do Theatro, examine o pateo de sua casa e o da contigua, e faça, tanto o Sr. Lefevre, como o dono da casa immediata, observar a postura afim de serem mais acceiados e não encomodarem com a fedentina que se exhala d'esses pateos os moradores das casas visinhas. Cumpra.

—Visivelmente inclinava-se este paiz para o abysmo!

O Sr. conde d'Eu, consta, pede ao illustre sogro mais 10,000 homens.

—Isto é, mais 10,000-victimas para serem immolados no matadouro do Paraguay, aos loucos caprichos de sustentar uma guerra de inercia!

—Mas onde não buscal-os?

Esta guerra já não tem o caracter popular que teve a principio, e nestas circumstancias se por excessivas violencias se poderá arrancar do paiz tão crescido numero de homens.

—O que não é muito prudente.

—Demais, os cofres publicos estão exhaustos e não podem supportar as despesas que viriam augmentar com a organização de tal contingente e seu transporte para o theatro da guerra.

—E que tempo se levaria para levantar hoje entre nós 10,000 homens, disciplina-los, envia-los ao Paraguay e poll-os em estado de entrar em acção!

—Quando se conseguisse organisal-os, á custa embora de immensos sacrificios appareceria nova precisão de outros 10,000 homens, para supprir os estragos que durante esse tempo tivesse feito a morte por meio das molestias e dos combates.

—E é preciso notar o que diz um correspondente que são precisos *pelos menos* 10,000 homens, e isto mesmo attendendo a *inferioridade numerica do inimigo*.

—E desta sorte, esta guerra continua a ser, como tem sido, um nunca acabar!

—Ao passo que Lopez, o homem desesperado pela falta de recursos, está em condições de resistir por muito tempo.

Attenda:

«O nosso fim não pode ser outro senão occupar os campos que envolvem a cordilheira, onde se acha o inimigo; isto é de sital-a.

«O contorno dessa cordilheira é de 25 leguas, mais ou menos, e os allia-los contam apenas 25,000 homens, si tanto. Para que nessa immensa extensão conservem as nossas forças as devidas relações estrategicas, afin de não serem batidas em detalhe, precisamos de, *pelos menos*, mais 10,000 homens, e isso mesmo attendendo á inferioridade numerica do inimigo, á sua desmoralisação e á vantagem de podermos bem fortificar as subdivisões do nosso exercito.

«Ao governo compete fornecer este reforço que imperiosamente exige a empreza, que confiou ao principe.

«Saiba o governo que Lopez pode sustentar por *muitos annos* o seu pequeno exercito na extensa e fertil cordilheira que occupa, e que, si for forçado, pelos esforços que fizessem de frente, a abandonar-a, é preciso não deixal-o passar para a segunda, porque nesta se manteria por outro tanto tempo, e assim se defenderia successivamente até o extremo norte da republica.»

—E quem pode assegurar a desmoralisação que, inculcam, vaé pelo exercito paraguay?

—Será uma noticia como tantas outras a respeito das forças de Lopez, o qual foge em um dia com 90 homens e apresenta-se no outro com um exercito de 10 a 12,000, equipadado e municiado?.

—O que é real é que o sangue dos brasileiros se derrama em borbotões no territorio paraguay, que as nossas finanças se arruinam de um modo assustador, e a fome e a miseria ameaçam comprometter seriamente o futuro deste paiz.

—É uma calamidade que condemna a duras privações desde nós até nossos netos.

EMANCIPAÇÃO SERVIL.—Lê-se no *Diario de Pernambuco*:

«A Sra. D. Ignez Thereza de Jesus, moradora no engenho Matawizinho, da comarca de Nazareth, acaba de dar liberdade á dez escravos seus, sendo seis do sexo feminino e quatro do masculino. Acções destas não admittem commentarios, e devem ser narradas apenas porque o seu elogio está em si mesmas.»

«Os Revs. padres Lino do Monte Carmello Lima, Candido e Ernesto Ferreira da Cunha, querendo melhor commemorar a festa da protectora da ordem a que outrora pertenceram, Nossa Senhora do Carmo, deram carta de liberdade, aquelle e seus irmãos á preta Victorina, de 42 annos de idade, pelos relevantes serviços prestados, e estes a duas crias, suas Henrique e Maria, menores de 4 annos.»

—Emquanto tem a Misericordia dinheiro para importar da França nesta cidade uma chusma de irmans de charidade, falta lhes para enterrar suas irmans e as manda conduzida na carroça onde mandam os desvalidos!

—Ja vem V. com historias!

—Não são historias, são factos reaes.

—Quasi todas as historias são tiradas de factos verdadeiros.

—V. Ex, pelo que vejo, quer obrigar me a trilhar pelo terreno das historias, antes de chegar á minlia?

—Deus me livre, isto era um nunca acabar..

—Então dá licença que prosiga?

—Pois não!

—V. Ex. deve ter ideia de duas velhinhas irmans, que moravam na rua dos Capitães, em um sotam de uma propriedade da Misericordia, deffrente da casa do Sr. Galeão.

—Umas velhinhas que sempre ouviam missa na egreja da Sé, e andavam uma segurando na outra, não?

—Justamente. E' dessas velhas de quem vou tratar.

Essas velhas eram irmans da Misericordia, e eram pensionadas por esta Santa Casa, que até lhe deu o sotam para morar. Uma dellas

não quiz recolher-se, quando doente, ao hospital e morreu na casa de sua residencia; pelo que a Misericordia fez-lhe o enterro; mas a outra recolheu-se ao hospital, ali falleceu, e seu cadaver foi mettido dentro da carroça em que vão o cadaver dos pobres para ser sepultado no cemiterio da Santa Casa, e ha quem assevere que até não foi para os carneiros e sim para as sepulturas em que são inhumados os indigentes.

—Oh! oh! ao passo que esbanja-se tanto dinheiro com as irmas de charidade! Isto é impossivel, eu não creio!

—Pois pessoa insuspeita asseverou-me a veracidade deste facto.

—E' porque essa pessoa quer desconceituar a meza da Santa Casa.

—Está V. Ex. enganado; a mulher morreu no hospital e as irmas de charidade a mandaram metter na carroça, pois ellas ali governam mais que a meza da Santa Casa.

—Ah! si é assim, está bona.

O CAXORRO E' MAIS FELIZ DO QUE O HOMEM.

Em algum tempo dizia um certo philosopho— que o caxorro era mais feliz do que o homem, e provava demonstrando que o homem com a chamada civilisação, ou vicios da sociedade, tem adquerido um milhão de necessidades, e exigencias que lhe tornam a vida pezáda e incommoda, ao passo que o caxorro conservando o seu systema de vida tal qual desde a era primitiva, passa os dias satisfeito, e sem cuidar do futuro até que chega lhe o ultimo instante e morre; porem morre sem cuidados. Mas esse homem, que assim dizia, nem por sombra lhe occurria que havia de apparecer uma ordem para se darem bollas envenenadas e cortar a existencia dos pobres caxorros, emblemas da amizade e constancia. E dizia o homem: o caxorro não necessita de roupa; por que se acostumou a andar sem ella, e por isso tem de menos um grande dispendio e incommodo, e vejamos a differença.

O caxorro acorda, sacode o rabo, levanta-se, e vai para onde quer sem chapéu. sem sapatos e sem roupa; o homem levanta-se da cama; e, si si não tem um criado, é preciso que vá mesmo abrir as portas e janellas, depois disto, vestido ligeiramente, com o rob-xambro e xinellos cuida em limpar o corpo. segundo manda a lei da sociedade, isto é. fazer a barba, arear os dentes, lavar o rosto. pentear-se, e depois toca a vestir o buneco de seu corpo.

Veste a camisa, abotôa pelo menos meia duzia de botões, si é quebrado deita a funda, e o suspensorio antes; depois veste a ceroula

ali vão mais botões; veste a calça, mais botões; veste o clete, mais botões; de sorte que, ainda não está composto e ja teve a massa-da de abotoar mais de vinte cazinholas; calça as meias e os sapatos, e si são umas botas apertadas ainda melhor, amarra o lenço ao pescoço vai ao espelho amansa o cabello, veste a cazaca, falta-lhe o lenço de tabaco, tira o relógio do prego onde está pendurado, dá-lhe corda, porque parou, toma a caixa de rapé, pede a bengala, e a criada não ouve, por que está na cozinha fazendo o almoço para entupir a barriga, este sumidoro de dinheiro, procura-se o bastão, e não se acha, pois os meninos estão fazendo delle cavallo no quintal, e ainda lhe faltam os papeis da demanda de que vai tractar. Pede a mulher a chave da gaveta, a mulher diz que não sabe onde deitou, ali temos questão, de sorte que, quando põe o chapéu e dá o primeiro passo na rua está cansado e aborrecido de tanta impertinencia. Não fallemos na barba, ou raspação da cara que isso é uma massada bem fastidiosa, principalmente quando a navalha está mais disposta a cortar inhame do que cabellos.

E caxorro?! Nada disto tem, e entretanto vive e diverte-se.

Ora, acresce que ha dias (e não poucos), que os antigos chamavam aziagos, em que parece que a sorte anda contraria e de proposito persegue ao homem para affligil-o neste valle de lagrimas logros, e miserias, motivo porque um celebre poeta fez o seguinte—soneto: —

Acorda a gente cheia de ramella,
E' preciso lavar logo o focinho,
E si o quarto é escuro, no caminho
Vai dando uma topada na gamella.

Zangado vai tomar fresco á janella,
Da logo com a carranca do visinho
Que lhe pele emprestado o molequinho,
Para ir comprar leite pa panella.

O homem quer salír, não tem almoço;
Com tudo sahe na janta esperançado,
Mas vem pezo de carne que é só osso.

A' noite fica tsoo endiabrado,
A mulher a chorar fallando grosso:
—Isto é triste viver de cão damnado. —

LA VAE VERSO. RECITATIVO.

AS FLORES D'ALGIBEIRA

Storlinas libras que dominam bellas,
ail amarellas, do tão linda cor:

tem atractivos e são convincentes,
são eloquentes expressões do amor.

A meiga libra sobre nós derrama,
lucida chamma, sem o ardor que mata,
tê-la no bolso é dos montaes a gloria,
pois a victoria com primor retrata.

Que amenidade, si nas algibeiras
tinem fagueiras, alentando as fibras!
si ha oeu na terra, si ventura ha n'ella,
na face bella se achará das libras.

Filhas do ouro, bem como o ouro puras,
de mil venturas corretoras bellas,
si á sorte grande me sahisse um dia,
ai! que folia me não davam ellas!

Si desgraçado pelo amor trahido,
ja tens sentido pela vida o tedio,
ai! não te mates, comprarás cautellas,
nas amarellas acharás remedio.

Pobre viuva, em soluçar dôrido,
vendo estendido seu marido morto,
embora a dôr lhe despelece as fibras,
herdando libras logo tem conforto.

La quando a morte resfriar meu couro,
cubram-me d'ouro meu gelado collo,
na tumba escura ja eu seja, embora,
saltando fora, dançarei um sólo.

À PEDIDO

— Capitão, tendo sido eu o informante do logro que inpinge o caxeiro da vendola ao canto de João de Freitas, e vendô um artiguito no periodico de V. Ex. sobre a tal vendola assignado—*um que viu*, entendo de meu dever dizer-lhe porque lhe dê aquella informação.

—E eu o censuraria se assim o não fizesse.

—Pois como quero livrar-me da censura de V. Ex., lá vai a cousa tal qual se deu.

—Sou todo ouvidos.

—Mandei um moleque comprar duas libras de assucar nessa vendola, e como viesse o embrulho muito pequeno, mandei pezal-o e tinha, não uma libra e meia como disse V. Ex., mas uma libra e uma quarta. Fui em pessoa á venda, disse-me o caxeiro que jastamente era aquella a porção de assucar que o moleque tinha pedido. Chegando em casa quiz castigal-o; mas a prudência é a melhor conselheira, não o castiguei, e mandei por uma pessoa estranha, comprar na venda 40 rs. de rapé. Disse comigo, elle deve dar quatro oitavas, vamos a ver agora com esta experiencia si o grillo foi do moleque.

A Providencia não dorme!? O sugeito, em lugar de mandar quatro oitavas, mandou duas. Mandei regeitar o rapé por faltar no pezo, e

elle não teve remedio se não restituir o que faltava.

Depois disse-lhe eu que, si elle não deu o pezo do rapé exacto, estava provado que tambem não deu o assucar. Elle teve tanto susto, que restituiu as tres quartas de assucar, dando mais 80 rs. de uma garrafa de gaz, que elle mesmo confessou haver vendido ao moleque por 560 rs., pois que os outros vendem por 480 e 440 rs.

Eis capitão, a verdade descarnadamente.

—Então o tal *um que viu*, nada absolutamente viu, estava de peneira nos olhos.

—Em vista d'isso continuo a pedir a V. E. que chame a attenção do fiscal da Sé para esses cavalheiros de industria!

—Fica em meu cuidado, vá descansado.

—As suas ordens!

—Muxingueiro, si vires por ahi um velho pretinho de opa e estampa de S. Francisco de Paula, traze-o para bordo.

Quero perguntar a esse cangalho, si atraz das portas é que se dá o Santo á beijar.

—É um descredito para a religião essa alluvião de maltrapilhos pedinchões, que com pé da esmolla introduzem-se nas casas para praticar bandalheiras.

—Ja houve um cachaçudo franciscano, que pedia beijos por S. Francisco onde encontrava moças bonitas.

O devasso tartaruga apesar dos oitenta jineiros que lhe pezam no costado, entende que a capa lhe dá direito para fazer das suas na ladeira da Conceição.

—O Sr. faz-me um favor?

—Pode dizer, Sr.

—Onde é a delegacia da policia?

—Vm. é de fora?

—Moro na capital, meu amigo.

—E como ignora então que a delegacia de policia é por baixo da repartição da mesma, a rua do Bispo?

—Venho de lá mesmo, mas disseram-me que mudou-se!

—Mudou-se-se! Ora está nma com que eu não contava.

—Ha boas duas horas que batto com a cabeça sem acertar.

—Na verdade, esta terra é das macaqueações!

Tão depressa o presidente mudou o recolher para a Graça como si li estivesse o palacio do governo, que tambem o Dr. Americo carregou com a delegacia para o seu escriptorio.

—Para que ha de ter V. esse genio tão perverso?

Não sabe que é uma malvadez envenenar a criação alheia?

—Sou juiz de *bulha* dos *sanhaços* com alçada sob todas as aves.

—É mesmo obras de *Pedro mal-as-artes!*

Estou vendo que si fosse algum *leitão* seria melhor aproveitado.

—Talvez.

—Pois olhe; o melhor é refrear a sua malvolencia; mesmo para evitar que a cousa se torne peor.

—O *Caboclo* é rapaz de gosto;

—Tem geito para viver.

—No dia em que por aqui passou o duque de Saxe tirou o pé da lama.

Metteu musica no botequim.

—Qual dellas?

—A dos menores.

—Assim é que se inventam cousas.

O *Paranhos* foi com os seus meninos *tomar alguma cousa*, e mandou a musica bater para mostrar o seu adiantamento e ja V. dizendo que era o *Caboclo* que tinha musica em casa.

—Não sabia.

Tambem não sei aquelle homem onde ha de levar mais aquella musica.

Até pelos botequins!

—V. gosta de gallinhas gordas?

—Porque pergunta?

Quer me fazer presente de algumas?

—Quero lhe indicar a *Fonte de Santo Antonio* e dizer-lhe que procure ter amizade com certos moradores que gostam de fazer caçadas nos quintaes alheios, pegando as gallinhas de seus vizinhos.

—Doe-lhe as canellas por isso?

—É muito; estou vendo mudar-me para S. José, á ver si me escapam uns *pintós*; pois que sendo lá os quintaes *quadrados* e murados, estão mais seguros.

—Não precisa, agarre-se com santa *Henriqueta* que é santa que faz milagre.

Illma. Exma. Sra. D. *Delphina Maria dos Anjos*.—Havendo pessoas minhas desaffectedas espalhado, com o fim de desconsiderar-me, que eu nasci escravo; vou pedir-lhe que me declare ao pé desta, si é verdade que eu fui nascido em sua casa e em que condições. V. Ex. me permittirá que eu faça de sua resposta o uso que me convier.

Bahia 20 de agosto de 1869.

Faustino de Oliveira Costa.

O Sr. *Faustino de Oliveira Costa* nasceu e criou-se em minha casa, mais não escravo, o

que não só affirmo, como sabem muitas pessoas. Bahia 20 de agosto de 1869.

Delphina Maria dos Anjos.

—Capitão, cheguei.

—E a barca no Rio.

—E trago carga pesada.

—Um fardo inutil e avariado; fica muito bem atirado no fundo do mar.

—Aqui tem este tratante, refinado velhaeo, capaz de enganar o sol antes de nascer.

—Ha figuras que, á primeira vista, dizem logo quem são; a deste patife é uma dellas.

—Não está vendendo menos que um ladrão; o mais audaz da quadrilha do *Caes Douro*.

—Podia tirar o diploma de chefe.

—V. Ex. não se ongana, porque realmente elle é o chefe.

—Vamos aviar o bicho.

Primeiro que tudo, um par de machos aos pés, e gargalheira ao pescoço.

—E como introdução umas cem calabrotadas, não será bom, capitão?

—Antes da culpa formada?

—Para elle conhecer logo o regimen de *Bordo*.

—Pois seja assim.

O' *Muxingueiro!*

—Prompto.

—Mette mãos á obra, semeia umas cem por conta no costado deste quadrilheiro.

—Obrigado, capitão; eu estava mesmo aborrecido á falta do que fazer.

Vira as costas, cão rafeiro!

«—Perdão; por quem é, capitão.

—Este tribunal é inexoravel com os ladrões; estão dadas as ordens, executa; muxingueiro!

—E' ja, capitão.

Lepo!...

«—Ai!... ui!... pelo amor de Deus!...

—Toma *putitana*, bruto!

Uacho!...

«—Valha-me a intercessão de Santo Antonio, socorra-me o inelyto S. José.

—Toma!

«—Quem me vale!... oi!... oi!... devagar. Sr. muxingueiro.

Maldicta hora em que a pata de minha mãe me poz entre moitas de *silvas*, como parem as vacas em *Braga*, para vir hoje aqui soffrer tão duros transes.

—Quando fazes teus gamados, não te lembras que mais cedo ou mais tarde has de cair na infallivel justiça do capitão do *Alabama*?

«—Si o crime é roubar... ui!... ui!... não dê mais deste lado... rouba muita gente de gravata lavada.

—E tu queres imitar os de gravata lavada?

—E si eu não fizesse assim, meu capitão, eu lhe confesso, apesar das dores que estou soffrendo, não tinha hoje meus cobrinhos avantajados!

—Que cousa sem pudor! Apanhando e sem pejo fazendo alarde dos crimes!...

Completou as cem, muxingueiro?

—Ja, continuo?

—Basta por em quanto.

—Ai, meu Deus! uil... não me valeu a pelle encobrida que tenho, o Sr. muxingueiro tem força de gigante.

.....
—Agora, vamos a biographia deste salteador.

—Sr. capitão, me dá licença?

—O que queres?

—Tenho reflexionado que não devo soffrer só.

—Queres então denunciar teus cúmplices?

—Contarei si V. Ex. permittir, a vida de certos patifes, que tem inteira analogia com a minha.

—Mas o que é que pretendes contar?

—Por exemplo, narrarei os episodios da vida de um velhaquete, caxeiro que foi de hotel que recebia todas as *nações*; apresentarei um calendario de roubos e alicantinas, as empalmações que esse ladravaz pregava nos freguezes e no patrão, e por fim de contas, o motivo de tal milagre sahir do hotel.

Depois passarei aos *altos feitos* de um personagem, um sujeito á laia de rato de armazem, esclarecerei, com fiel minuciosidade, a historia de uma tratantada, que ia dando com o cujo na ratoeira. Mas como o diabo sempre protege os que lhe pertencem, elle teve tempo de amolar as canellas até a Armação.

Entrarei em seguida no fundo da vida de um taverneiro sebo e porco no corpo, unhas com parecença de ave de rapina e gestos de faccinora.

Ha na vida deste bargante um capitulo importantissimo, que vem a ser o negocio do roubo de uma porção de zinco, em grande quantidade, que elle comprou a um saxeirista.

Aqui cabe um addendo.

Estes roubos são comprados aos enforcados e vendidos aos necessitados. Isto é, o que vale cem, elle da vinte.

—Entendo.

—E desta sorte, com qualquer bagatella, elle fica com objectos que lhe dão grande lucro ao depois.

—Assim como o negocio do zinco.

—O negocio do zinco teve seus *ques*.

—Sahiu-se mal?

—O diabo dessa vez abandonou-o e elle espirou p'ra alli *tin-tim* por *tin-tim*, para

não fazer morada na casa de cachorro.

Terminando essa historia, que ha de ser bem cumprida, entrarei em outra, cujas phases são bem interessantes.

—Queres então fazer como a escrava que, para abrandar a cholera do sultão, foi lha contando historias *mil e uma noites*?

Mas, emfim... como promettes descobri tantas melgueiras, va.

A outra história, qual é?

—É nada menos a historia de outro taverneiro, astuto que uma rapoza não o vence; uma especie de noctivago.

Este morego é o proprio que conduz os roubos dos depositos para sua posilga.

Em certa occasião foi, alta noite, grudado quaddo ia atravancado com quatro mantas de carne a cabeça!

Era o terceiro ou quarto caminho que dava quando foi filado.

Os soldados, de *judeus*, deram lhe justamente o officio que lhe cabia, o de cangueiro!

Obrigaram-no a carregar a carne até a correção.

—Que ladrão descarado!

—Este facto, como o do zinco, supponho, existem nos assentamentos do carcereiro. V. Ex. fará bem mandando-os vir, para provar minha verdade.

—Vou mandar informar ao Custodio.

—Finda esta, si V. Ex. estiver disposto, hade de ouvir a de um gutuno, terror dos armazenistas e trapicheiros, pela ousadia e destreza que desenvolve para arrombar um trapiche e a tenaz actividade que emprega nos roubos de assucar e algodão, *cinzando* a mais severa vigilancia.

Nesta tratantada entram os escravos do finado José Corta-Unha de Guimarães, comparas inseparaveis deste novo Lucas da Feira.

V. Ex. ha de conhecer que ha quem esteja soffrendo innocente, em quanto o verdadeiro criminoso anda impune, e para cumulo de iniquidade é elle o proprio que fornece accusações contra suas victimas.

Este indomito salteador, principal cabeça de um arrombamento, que não ha muito se deu em Latronopolis, carregou a culpa sobre pobre miseraveis que não tem onde cahirem mortos, poz-se fora da raseada e anda *sanfando*.

(Continua.)

FESTIVIDADE

POR OCCASIÃO DA CHEGADA DE S. M. SATANAZ.

Meia noite soon na floresta,
No relógio do sino de pau;
E a velhinha rainha da festa,
Assentou-se n'um grande giraf.

Junto della um *vermelho* diabo
Que sahira do antro das tocas,
Pendurado n'um pau, pelo rabo,
No borrarho torrava pipocas.

Taturana, (uma brueha amarella)
Resmungando com ar carrancudo,
Se occupava em fregir na panela
Um menino com tripas e tudo.

Gitirana, com todo o socego,
A caldeira da sôpa adubava
Com o sangue d'um velho morego,
Que ali mesmo com as unhas sangrava,

E a velhinha com as mãos reseguidas
O signal por tres vezes foizando,
A cohorte das almas perdidas
Desta sorte foi toda clamando;

«Vinde filhas do ôeo do pau,
Lagartinhas do rabo *vermelho*;
Vinde, vinde, tocar marimbau,
Que hoje é dia de grande apparelho.

«Gallo preto da torre da morte
Que te aninhas em leito de brazas,
Vinde um pouco alliviar-ves da sorte,
Vinde em torno arrastando as azas.»

Mil duendes dos antros sahiram,
Batucando e tocando matraca,
E mil bruehas uivando surgiam
Cavalgando cumpridas estacas.

Tres diabos vestidos de roxo,
Se assentaram ao pé da rainha,
E um delles que tinha o pé coxo;
Começou a tocar campainha.

Campainha que toca, é caveira,
Com badalo de unha de burro,
Que no meio da treva agoureira
Vae fazendo medonho susurro.

Capetinhas trepados nos gallios
E de rabo enrolado no pau,
Uns agitam sonoros chocallios,
Outros põe-se a tocar marimbau.

Crocodilo roncava no papo,
Com ruido de grande fragor;
E na inchada barriga de um sapo
Esqueleto tocava tambor.

Da careca de secca defunta
E das tripas de um velho barão,
Uma bruxa, engenhosa e bestunta,
Armou logo feroz rabeção.

Ja resoam timbales e rufos,
Ferve a dança e o caterité,
Taturana batendo os adufos,
Sapatela cantando—olelé!

Gitirana bruxinha tarasca,
Arranhando fanhosa bandurra,

Com tremenda umbigada descasca.
A barriga de um velho caturra.

O caturra era um velho papudo
Com dous ebifres *vermelhos* na testa,
Era elle a despeito de tudo,
O rapaz mais patuseo da festa.

A um grito rouquenho do rei,
Acabou-se a festança infernal;
—Aos antros todos! volver!
Disse a velha em seu tom magestal.

E sumiram-se pela floresta,
Cada qual procurando seus fôcos
E de braço os *taes reis* dessa festa,
Atraz foram dançando de socos.

VARIÉDADES

UMA VINGANÇA.

Era a mulher de D. Miguel moça e formosa, e vivia em companhia de um seu cunhado, que era solteiro e pupillo. A formosura da cunhada prendeu tanto o coração do mancebo que, rompendo respeitos humanos, a reduziu a sua vontade. Porém esse crime foi tão pouco escondido, que feu fé uma criada, a qual participou ao marido. Este poz-se em cautella, sorprendeu-os, e arrancando o punhal para os matar, apenas levemente os feriu e fugiram. Foi tamanha a paixão da offensa recebida, que, pondo-se a pista do irmão e da mulher fugitiva, os queria matar fosse como fosse, e sabendo o irmão que elle jurara a sua morte, escondeu-se por tal modo, que por muitos annos mallogrou os seus intentos, e D. Miguel desesperado por não se poder vingar quasi que morre.

No entanto chegou o jubileu do anno de 1500, e na terra em que estava D. Miguel fizeram-se procissões, penitencias, predicas pelos crimes commettidos, e muitos odios se apagaram de parte a parte, e congregaram-se muitas pessoas e D. Miguel mostrou-se disposto a esquecer todo o rancor, e voltar-se as cousas de Deus. E o irmão por mais protestos que elle fazia não o acreditava, e no fim do anno santo resolveu-se D. Miguel, depois de o ter consumido em penitencias, a deixar o mundo completamente, e fez-se noviço em um convento de frades descalços, e, feito o noviciado, pronunciou os votos solemnes. Mandado pelos superiores em diversas partes da Hespanha, e tendo ido a Roma estudar theologia, tornou-se doutor afamado, e, voltando á patria com perfume de santidade, os religiosos conferiram-lhe o sacerdocio. Disse a missa nova com aquella pompa e frequencia de novo, amigos e parentes do costume, e acabando a missa, e voltando á sacristia poz-se (tal é o costume) com a casula aos hombros e vinham os parentes successivamente beijar-lhe as mãos e abraçal-o.

Antes disso, todas as vezes que pôde lastimava e odio nutrido tantos annos contra o seu irmão, e muitas vezes dizia que o seu maior desejo era alcançar inteiro esquecimento do passado, e, como servo do Senhor, humilhar-se primeiro. Nesta occasião solemne, apertado pelas supplicas dos parentes, enfim resolveu-se o irmão a vir com elles, e quando chegou a sua presença, e começava a fallar-lhe modestamente, e no momento em que o sacerdote o apertava nos braços, a cabeça abaixou-se, os joelhos tremeram, cahiu por terra dando um grande suspiro, e o sacerdote brandiu no ar um punhalsinho subtil que n'aquelle abraço lhe tinha enterrado no coração, beijou a lamina sanguentada, calçou aos pés o cadaver, e disse;

«Enfim alcancei-te!» e desapareceu.

M. D'AZEGLLO

Uma viuva escrevendo uma longa carta a uma sua amiga, acrescentou no fim em post-scripto: —Esquecia-me de dizer-vos, meu marido morreu hontem.

Estando os juizes de um tribunal para sentenciar um grande criminoso, o relator depois da leitura do processo exclamou: —Qual será o castigo digno de semelhante delinquente? A morte é pouco. Conxeria fazer-lhe passar toda a vida em continuo tormento. —Então cazemol-o, respondeu o presidente.

Uma senhora de distincção reprehendia seu filho pequeno do seu acanhamento deante das visitas, e lhe recommendava que cumprimentasse a todos.

—E o que lhe hei de eu dizer? replicou o pequeno.

—Perguntar-lhes pela saude das mulheres e filhos, que isso é o costume de todos.

O menino decorou bem a leção; e como succedesse que a primeira visita que veio foi o parochio da freguezia, chegou-se o pequeno a elle, e perguntou-lhe pela saude da mulher e dos filhos. Este cumprimento desconcertou um pouco a gravidade do parochio, o qual todavia replicou:

—Que diz, meu menino? Pois os padres tem mulheres e filhos?

O pequeno atrapalhado 'pela replica', acrescentou promptamente:

—Isso é o costume de todos, que assim m'ò disse a mamã.

ENIGMAS.

Sou agradável, sou pura,
Nada tenho de fingida,
Sou alimento da vida
Para toda creatura;
Sou tambem na agricultura
Quem as plantas dá vigor;
Faço o vegetal dar flor,
E' vir o fructo abundante,
Concorro quasi incessante
Em favor do lavrador.

A solidão serve de alivio ás almas apaixonadas.

As perseguições no mundo são para os sabios, e não para os tolos.

É mais temivel do fraco a traição, que do forte a valentia.

UMA BOA LECÇÃO

Um facto que não deixa de ter seu interesse, diz um jornal, nos é assim contado pelo *Standard*, e nós o contamos por nossa vez, não somente a nossos padeiros, mas tambem a todos aquelles que vendem por peso.

Eil-o:

Um marceneiro tendo uma molestia que o impedira de trabalhar por algum tempo, indviduou-se com o padeiro em umas duas duzias de vintens pouco mais ou menos.

Tendo pago sempre à vista, admirou-se que o padeiro recusasse dar-lhe um dia o seu pão — e recebeu dois kilogrammos, sob pena de augmentar a conta que ja estava crecida.

—Esteja certo, disse o marceneiro, que d'aqui tres dias começo a trabalhar, e em recebendo a quinzena dar-lhe-hei o que puder por conta.

—A quadra é má, replica o padeiro. E' necessario que Vm. pague à vista tudo quanto comprar de hoje em diante.

O pobre marceneiro tirou seu unico dinheiro e pagou o pão; mas d'ahi á uma hora volta á padaria munido de um papel.

O padeiro, supondo que elle vinha pagar-lhe o atrasado, apparenta, como é costume, todo o desinteresse.

—Ora Sr. B. para que se incommodou? Não era preciso essa pressa! Estava amanha!...

—Perdão, responde B. temos que ajustar contas.

—Pois ja que assim quer, vamos a isso.

—Eis-aqui, acabo de mandar pesar o pão que vendeu; pedi a tres pessoas de criterio, e estabelecidas, que certificassem este meu acto, e foi verificado, que faltava cem grammas no peso; tenho de tudo isto uma autentica nos termos da lei. Ora, ha cerca de dez annos que Vm. é meu fornecedor de pão, e como é muito provavel que tenha havido a mesma differença nesse periodo, avalio o meu prejuizo em 10⁰⁰ reis, conta redonda. Pague-se e passe para ca o restante, quanto antes; pois a quadra é má. Ciso não esteja por isto, en voa d'aqui ja á autoridade competente, e então veremos quem tem garrafas vazias para vender.

Depois de longa discussão, o padeiro, para evitar algum inquerito em que elle se sahiria mal, esteve por tudo quanto o marceneiro exigiu, pedindo somente que lhe desse o compromettedor certificado.

EPIGRAMMA.

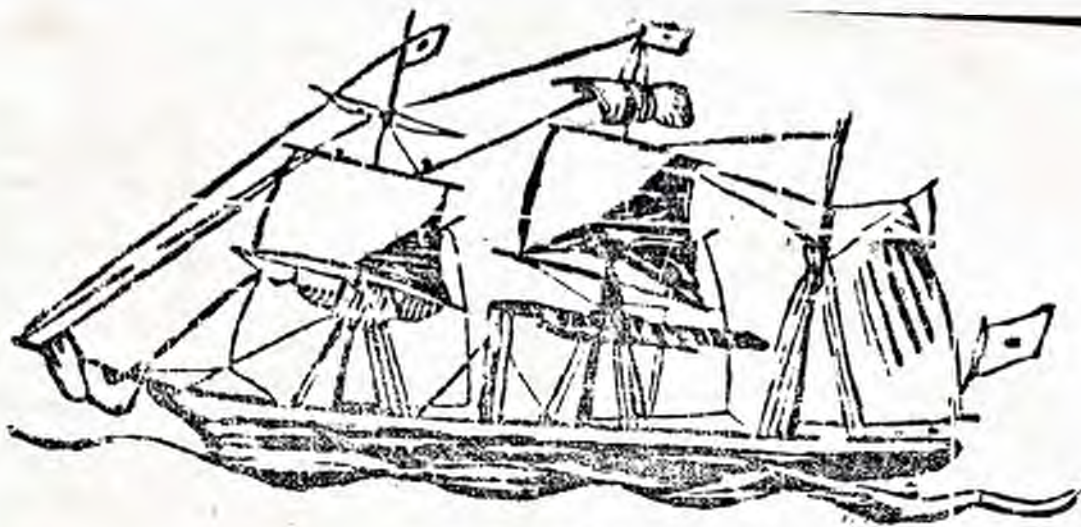
Homem de genio impaciente,
Tendo uma dor infernal,
Pedia, para matar-se,
Um veneno ou um punhal.

Não, (lhe disse um seu visinho,
Velho que pensava bem,)
Não ha veneno nem punhal,
Mais o medico ali vem.

Para curar febres podres,
Um doutor se foi chamar,
O qual, feitas as cerimoniaes,
Começou a receitar.

A cada penada sua,
O doente arranca um ai!
Não se assuste, diz o medico,
Lada desta vez não yae.

Ai, senhor, torna o coitado,
Como quem seu fado espreita,
Da molestia não me assusto
Mas me assusto da receita.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 33

BAHIA

25 DE AGOSTO DE 1869.

N. 542

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
24 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pondo debaixo de suas vistas um africano agregado á companhia do olho-vivo, o qual desempenha nella o papel de *explorador* e serve de intermediario para com os de sua nação, a quem conduz para certa casa á ladeira de S. Miguel, ponto da companhia onde são os ditos africanos despojados do que levam por meio de advinhações artificiosas de dedaes e cartas. O referido africano é o mesmo que ja teve a astucia de vender um barril com areia por manteiga, cobrindo apenas a superficie do mesmo com esse genero para illudir ao comprador, ao qual, seja dito de passagem, foi bem castigado com o logro, para não gostar de comprar roubos.

Espera-se que ainda esta vez S. S. justificará a sua reconhecida actividade.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que tenha em vista o que allegam diversos moradores da rua do Saboeiro contra o pessimo costume do visinho do primeiro andar da primeira casa, o qual faz do quintal commua, e sem cerimonia atira pelas janellas o que não pode ter em casa guardado, pelo que deve ser admoestado a não continuar, assim como obrigado a limpar o dito quintal, para

que seus visinhos não continuem a soffrer tão penivel incommodo. Cumpra.

—V. conhece o Gaudencio?

—Pelo nome não.

—Um velho policial, que anda ás ordens do inspector da saude.

—Sim, sim, ja sei. Gosto até d'elle.

—Pois, coitado, no sabbado quasi fica esmirrado na ladeira do Tabão.

—Por que forma, homem?

—Pelo adoudamento de um carroceiro, que entalou-o entre a parede da casa onde tem loja o Angelo de Andrade e as rodas do carro.

—Parece que é mal sem cura. Por mais que se clame contra o pouco cuidado dos carroceiros, os casos desagradaveis vão se dando!

—Atraz dos apedrejados correm as pedras. As agoas do Queimado diminuem; fecham-se os chafarizes, supprimem-se as pennas d'agoa e o povo sofre, como quebra de tantas mortificações, mais esta difficuldade!

—E' uma das cousas que me faz andar a cabeça a roda!

Tem havido verões rigorosos, houve a calamitosa secca de 1860, ainda o anno passado o inverno foi esquivo e as agoas do Queimado não baixaram, ou ao menos não foi preciso lançar mão de meios extraordinarios.

Esto anno, em que o inverno embora não tenha sido regular, não tem de todo se mostra.

do escasso; em quozem chovido mais ou menos, em que nos mezes de junho e julho houveram chuvas abundantes, os diques da companhia do Queimado sentem falta sensivel d'agoa!

—E' difficil de encasquestar!

—A voz publica vaõ explicando a cousa de maneira a crer que a carencia das agoas não é devida a causas naturaes.

—Ha quem affirme que foi uma evasiva da empreza para acabar com as pennas d'agoa particulares, que lho distrahiam do bolso uns 10:000 \$ rs. annuaes.

—E ha logo quem aponte a casa do Sr. Fulano ou Sierano que continuam a ser abastecidas pelas taes pennas.

—Os mais maliciosos commentam a cousa por outra forma.

—E o povo soffre, alem do augmento de preço, a demora, pois que as pretas habitadas a carregarem no chafariz, preferem esperar uma hora para encher um barril ao irem a qualquer fonte publica.

—Tambem pelo estado dellas!

—O *Jornal* diz que é excellente.

—A Fonte Nova, por exemplo.

—Veja que desespero para o pobre que tem necessidade de sahir pela manha!

—E que detrimento para os hoteis e estabelecimentos!

—O que será dos pobres doentes da Santa Casa?

Si no tempo da abundancia tinham de ração um caneco d'agoa para o dia e outro para a noite, quanto mais agora!

—No meio desta calamidade, sirva ao menos de consolo a esperanza que dá o *Jornal da Bahia* affirmando que a crise não pode deixar de ser passageira.

—Terá elle por ventura recebido *inspirações*... do ceu para predizer a marcha dos elementos?

—Assim, meus badernistas!

Quem acha, encaixa.

Graças á benevolencia policial, estão vocês fazendo exercicio equestre nas columnas do gaz.

—Mesmo que as tres da madrugada ja se foram e só os pandegos transitam á estas horas. Ora a policia não é neahum zumbi para andar vagando.

—Até porque nas noites de sabbado para domingo não convem perturbár a rapazeada em seus destinos.

—Estes bigorrilhas não encontram logar que mais lhes quadre para suas barganterias do que a egreja?

—Se á taca semelhante canalha!

—Si estivessem no theatro, parece que se portariam com mais decencia?

—Veja só aquelle desfaçado garoto!

—Está quasi deitado sobre a banquetta.

—Ja ouvi um companheiro de deboche chamar-o *Quinquim*.

—Eis aonde a policia fazia bella colheita de moleques de casaca para o exercito.

—Sem respeito dão as costas para o Secretario e viram se para as moças a dar largas a seus genios essencialmente dissolutos com escandalosas impunidades.

—Os altares servem para descanso dos chapens e encosto das elibatinhas!

—Não eu que censure mais quando vir separação para homens e mulheres na egreja.

—Olhe com que desgarrro está aquelle outro biltre a cheirar um cravo sem tirar olhos daquella moça.

—E aquelle pelintra que se encosta no altar de não se contenta de uma vez por outra bater com a mão nas costas da moça, pede-lhe tambem o leque para se abanar.

—Não se admire que ali está um que faz vezes de mulher refrescando-se com o leque que trouxe.

—Eu não saber os nomes de toda esta corja!

—Como é este mundo! Em quanto censuramos os desmandos dos outros, commettimos por nossa vez o peccado da marmuração!

—Pois então retiremo-nos, que eu prometto não vir mais ás novenas em S. Domingos.

—Si policia não quer candomblés, como consente-os em suas barbas?

—Manda os soldados caçar-ospelos mattos e permite-os aqui dentro da cidade, no becco do Açouguinho!

Esta está bem boa!

—Por sete noites ferveu a *brincadeira* em suffragio da alma de tia Maria.

—E hoje, segunda feira, principiou desde que appareceu a luz do dia.

—Esta policia tem exquesitices!

—Entende aquelle menino que deve remover parte das telhas que cobrem a torre da Sé, para a praça de D. Izabel.

—Encarapita-se no telhado e vaõ praticando a operação.

—E nem o podem taxar de ocioso, visto que procura alguma cousa que fazer.

—Tambem concordo; a culpa é de quem não o emprega mais utilmente.

RAZÃO

PORQUE SE METTE AS MAMAS NAS BOCCAS DAS
CREANÇAS.

Mundus a Dominó constitutus est, et autem condito mundo factus est homo; mas. Logo que se foram nove mezes, Eva que, como nós sabemos, estava para ficar por tia, deu á luz sem parteiras, banhos e fomentações de mentrasto, um lindo rapagote que chamou-se Caim, sem ir na pia. Esta creança em uma noite de S. João, sentindo fome começou a chorar; digo mal, berrava tanto, que a pobre mulher chamou Adão que ressonava.

Eva pediu-lhe então que fosse ao paraizo e que de lá trouxesse alguma fructinha pequenina e doce para metter na bocca do menino. Porem Adão achando-se so de carapucas e em fraldas de camisa, disse-lhe que receiava ir ao campo com aquella noite, porque podia constipar-se, e, alem disso, sendo rendido, podia-lhe muito bem descer a quebra-dura; e assim que tapasse com outra cousa a bocca do filhote. Eva tapou então com as mãos, mais os gritos sahiram pelos yãos dos dedos. Tapou com o cobertor, com a coleha de damasco e os gritos atravessavam os tecidos de linho. Quiz amarrar a bocca com os cordões da cernala do marido, foi peor; até que por fim desesperada, unindo-a ao seio, succedeu que a mama esquerda entrasse na bocca do filhinho.

Dito e feito!

Tudo foi silencio.

As grandes, descobertas, leitor, são quasi que todas assim devidas ao accaso. O certo é que as outras mães seguem a receita.

 À PEDIDO

O promettido é devido,
Quem deve tem de pagar,
Eu que lhe fiquei devendo,
A conta venho saldar.

Fallando do Bous de Julho,
Lhe prometti, capitão,
Vendo tudo quanto houvesse
Lhe descrever a funeção.

E' isso, excellentissimo,
Que eu agora vou fazer,
Vou narrar-lhe o que vi,
Sem lhe ficar á dever.

A cousa vem muito tarde;
Dirá vossa excellencia,
Já se publicou no Rio,
A rocha correspondencia.

Vou cumprir, meu capitão,
Aquillo que prometti;

Pois no *Jornal do Commercio*
Muitas mentiras eu li.

Foram tres dias de festa,
Tres noites bem concorridas,
Que, por chuva não haver,
Tornaram-se mui luzidas.

Na primeira houve theatro,
Mas eu não fui, capitão,
Preferi somente ir ver
A bella illuminação.

O palanque esteve bello,
Todo illuminado á gaz,
Foi uma festa solemne,
Como ha muito não se faz.

Dizem que o presidente,
P'ra o palanque não quiz dar,
Os retratos de palacio
So p'ra funeção não brilhar.

Vi somente um apparato
De mais de duzentos guardas,
P'ra abafar revolução
Não precisa tantas fardas.

Não pegam as bixas mais,
Não se presta o povo a nada;
Pois todos tem na memoria
Ainda a sabinada.

O povo quer o trabalho
Para ir ganhar o pão,
Somente especuladores
Souham com revolução.

Vi um rancho de menores
Do arsenal, passeando,
Atraz ia o director,
Muzica na frente tocando.

Domingo fui assistir
A festa á ordem terecira,
Que n'alguns tempos passados
Nesta terra foi primeira.

Com effeito esteve boa,
A musica excellente,
Pregando o frei Raymundo,
Um sermão optimamente.

Mas as moças para a posse
Não quizeram concorrer,
Entre o *habito* do fraileco
Não foram culto render.

Porem é do compromisso
Da *santa religião*,
Para ganhar indulgencia
Irem beijar o cordão.

Estes frades tem lembranças...
E ha carollas qu'os defendem!!
Encontram nescios, por isso
Tantos embustes nos vendem.

Basta de festa; sigamos
Com a nossa descripção

Acabemos de narrar
Do Dous de Julho a funcção.

O batalhão do Caxias,
Que é nosso veterano,
Não foi muito concorrido
Do nobre povo Bahiano.

Tantos bccorios que haviam,
E que tanto blasonaram,
Nem se quer o batalhão
Do duque acompanharam.

O regimento Argollo,
Talvez pela sympathia
Que inspira esse nome,
Marchou em boa harmonia.

O Minerva, os Lyceistas,
A União Brasileira,
Levavam mui pouca gente
Nesta funcção, á primeira.

E assim foi o caboclo
Com a cabocla ficar
Dentro do seu barracão,
Até que os vão buscar.

Mas antes de terminar
Vou lhe contar, capitão,
Que o Dous de Julho de Brotas
Esteve uma boa funcção.

A policia e oitavo
Foram tocando na frente,
Debaixo mesmo de chuva
Marchava o povo contente.

Ali mais livre é o ar,
Tem-se mais ardor ali,
Por entre as verdes campinas
A liberdade sorri.

Admirei de poetas
Uma chusma recitando,
E sempre no fim da obra
Vivas e mais vivas danilo.

Tambem o de Itapagipe,
Atraz não lhe quiz ficar,
Foi um rico Dous de Julho,
Digno de se apreciar.

E aqui eu faço ponto
Nesta minha descripção,
Me aguardando desta vez,
Para outra occasião.

MOTTE.

Casa de rato é buraco

GLOSA.

O boi no açougue é vacca,
Sebo de carne é gordura,
Rasgão em panno é rotura,
Jaqueta d'aba é casaca;
Mãe de saguim é macaca,

Pedaco de pote é caco,
Fumo moido é tabaco,
Penna de porco é presunto,
O homem morto é defunto,
Casa de rato é buraco.

Geraldo Cardoso de Miranda, zelador de S. Francisco de Paula, declara que si deua es-tampa a beija-atraz da porta, é porque en-controu nella uma preta que andava fugida de casa de seu senhor.

VARIEDADES

Certo homem ao entrar uma noite em sua casa, encontrou no seu quarto a esposa, e com ella um sujeito que elle não conhecia. Então este bom marido diz com bastante do-çura á sua mulher: «A que vos espoades, lou-quinha?! Porque não fecha a porta?! Si um outro, a não ser eu, vos tivesse surprehendi-do, não terieis que dar a fallar a todo mun-do?!... E fechando a porta, deixou-os tran-quillos.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 80 e 81 do—
ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moi-do puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saúde, na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualida-des. Pode ser procurado na padaria do Sr. Mal-tez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.

ATENÇÃO.

Vende-se uma taverna com todos os uten-cilios, armação muito nova e com bons com-modos, á rua do Tijollo n.º 10 B; quem pre-tender, dirija-se a mesma venda que achará com quem tratar.

TRAÇOS E SOMBRAS

OU PEQUENO ESBOÇO DAS BELLEZAS DA BAHIA.

Poema satyrico por um pintor brasileiro.

Primeiro quadro.

Acha-se a venda, pelo preço de mil reis cada exemplar, em casa dos Srs:

Catilina, á rua Nova do Commercio n. 11.

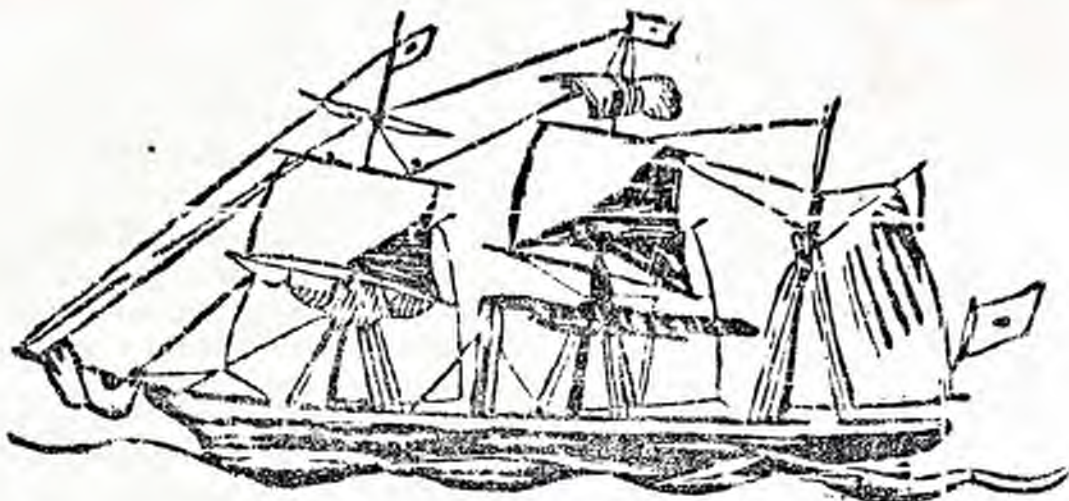
F. Queirolo, idem idem, n. 21.

Firmino, rua direita de Palacio n. 39.

Laurentino, idem idem, n. 41.

Ludovico, Atraz da Sé n. 16.

Typ. de Marques, Aristides



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quinta da rua do Collegio n. 17.

Serie 33

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

23 DE AGOSTO DE 1869.

Ns. 543 e 544.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
27 de agosto de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe que mande chamar as moradores do 1.º e 2.º andar do sobrado n.º 12, a ladeira da Misericordia, as quaes vivem constantemente em sambas e algazarras, o que bastante incommoda os moradores vizinhos. Una destas noites houve nesse sobrado um sarceiro de capadocios, que ahi se reúnem, que por milagre de Deus não houveram mortes, em resultado das cacetadas que rolaram. Espera-se que S. S. energico como é, dê promptas providencias, que ponham cobro a essas destabanadas mulheres.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que se dirija ao Porto do Bomfim e procure um Sr. Macedo, velho ja tocando a babaquara, e diga-lhe que é em extremo a indignação da vizinhança que lhe fica fronteira em consequencia da pouca vergonha com que se porta uma parda sua escrava, que toma conta da casa com um escravo do finado major Manoel Caetano, advertindo-o de que no caso de que não tenha a necessaria força para fazer conter essa libertina em seus desvios, a deverá remetter para bordo onde so lhe applicará o conveniente correctivo. Cumpra.

—Ha sarceiro na Estrada Nova.

—Eu lhe conto o que é.

Aquelle marreco é professor publico e tenente da guarda nacional; as duas horas, foi á uma preta em Santa Barbara, comprou diversos generos e impingiu-lhe uma nota de duzentos mil reis, sem valor, uma estampa recolhida ha mais de dez annos. Recebeu troco e se havia de empinar-se ahi por Santo Amaro de Ipitanga a fora, ficou na cidade até á tarde. A Maria, tal é o nome da lesada, deu pelo logro e foi-lhe ao encaço.

O cujo sendo encontrado no Taboão largou-se a correr; porem meninos é gente de quem o proprio diabo se teme, pozeram-se nas pegadas do cujo e pegaram-no.

—Que vergonha!

—O cujo vendo-se em apertos entregou 50\$ reis que ainda tinha, deu um capota que levava por conta, obrigou-se a entregar uma peça de madastro, e um homem, que assistiu ao negocio, coberto de pejo, responsabilizou-se pelo dinheiro que faltava.

—E' o que se pode chamar um mestre modelo, um educador que deve dar lecções mui proveitosas a mocidade.

—A vista do que, veja si é capaz de negar que o olho vivo está dissimulado por todas as classes.

—As agoas do Queimado estão miraculosamente crescendo.

Amanhan ou depois, abrir-se-hão mais cha

farizes, por terem subido as agoas, annuncia o *Jornal da Bahia*.

—Dar-se-ha que o Sr. Paulo Pereira Monteiro tenha adquirido para as suas agoas o dom prodigioso da fonte milagrosa do Caldas Cariri?

—Cousa assombrosa! Com a mesma singularidade com que diminuiram de chofre de um dia para outro, eil-as que commecam ellas a crescer em menos de oito dias, sem que a estacão soffresse a menor alteracão em sua marcha!

—Andaria por lá a varinha de Moysés?

—Emfim... queira Deus arredar este impedimento que veio exclusivamente sobre a empresa do Queimado, para que o publico não continue a ser o bode expiatorio.

—Ja soube que houve um rapto e deffloramento?

—Agora é que estou sabendo.

—Deu-se no districto dos Mares?

A raptada foi encontrada em casa do raptor.

—Que naturalmente deve estar em calças pardas.

A policia actual tem-se mostrado rispida com os seductores.

—Pelo contrario, anda fanfando na rua.

—Não gosto disso. Santo para uns, diabo para outros.

—O Sr. Victorino Sepra Nogueira, morador ao Engenho da Conceição e pae da defflorada, dando por falta da filha, recorreu ao subdelegado, o qual cercou a casa de Antonio Cardoso Burgos, tenente do 8.º batalhão da guarda nacional, onde foi ella encontrada.

Mas não sei de que forma arranjou-se os molhos que o bom do homem anda frescando!

—Porem a moça é menor?

—De 16 annos.

—E' incomprehensivel semelhante controversial!

A lei é uma so, e cada authoridade a amolga a seu geito.

Em quanto o subdelegado de Santa Anna assenta que Virissimo Vicente da Silva deve cazar com uma moça de 26 annos, que se diz por elle deshonorada, ou ser recrutado, o dos Mares entende que o Sr. tenente Burgos está no seu direito levando para casa uma menina de 16 annos e passando com ella a noite, podendo no outro dia mostrar-se impavido na rua?

—Mas é que todos reconhecem no Sr. Burgos uma qualidade especial.

E' homem dos extremos... ou galanteia as viúvas, ou seduz as donzellas.

—Misericordia! Por tal forma aquelle homem mata o outro!

—Ambos desembarcaram de um saveiro e pegaram-se.

—Dar assim, so para matar.

—Sem receio da guarda do Commercio aqui tão perto do caes!

—E' bem criminoso o procedimento do saveirista por trazer á terra dous homens com o fim de espedaçarem-se.

—Acrescente que depois de 11 horas da noite, em que é prohibido atracar saveiros ao caes.

—O que vale é que aquelle outro saveirista que acaba de desembarcar uns pretos que estiveram trabalhando no vapor do Benn, esforce-se para alliviar o que está por baixo do peso dos herculeos pés do furibundo aggressor.

—Com tudo accete uma observação.

—Qual é?

—Que não é nada lisongeiro o estado de segurança n'uma cidade onde se espanca tão brutalmente nas ruas publicas.

—Capitão, eis aqui um *equicoco* bem singular!

—Alguns engano leonino, alguma partilha de Caim?

—Uma estrovenga, que si não for bem ventilada, pode redundar em prejuizo da liberdade individual.

—Troque-me isso em moeda corrente.

—O africano Urbano, escravo da companhia das alvarengas, um negro moço e robusto, tendo dinheiro para sua liberdade, mandou por um seu conterraneo, Adão Cyriaco, saber do Sr. Manuel Gonsalves da Costa, gerente da dita companhia, o preço por que poderia desembaraçar-se dos grilhões do captivo, e o Sr. Manuel Gonsalves affixou a liberdade do africano em 1:500\$ rs., quantia que recebeu e deu recibo.

—Até aqui as cousas marcham em sua ordem natural.

—Acontece que o Sr. Manuel Gonsalves tem um escravo de sua propriedade, também de nome Urbano, um preto velho.

Passada a carta e entregue a Adão, tratou este immediatamente de registral-a em notas; mas quando foi no acto de dar-se baixa na capitania do porto, visto que o preto era embarcado, reconheceu-se, pelos signaes que o Sr. Manuel Gonsalves trocara as bolas. Isto é, por algum descuido involuntario, passou a carta ao seu escravo velho Urbano, deixando captivo o Urbano, moço da companhia.

—São enganos que não me servem.

—O caso foi levado a alçada da policia.
—E por tanto vamos a esperar pelo que surge.

—Lê-se na *Opinião Liberal* de 31 do passado:

«IDADE DE OURO.

«As noticias da guerra reduzem-se a bailes, jantares, theatros, passeios, revistas e-- musicos vestidos a capricho.

«Aqui o Sr. Itaborahy entretém os amigos com os seus invariaveis bailes sabbatinos, ao som da musica de menores do arsenal e o Sr. Muritiba dá bailes em outro dia da semana. Finalmente, para completar a geral satisfação, o Sr. D. Pedro II deu hontem nos paços de S. Christovão um esplendido baile, no qual expandiu-se em regozijo e amabilidades com as suas camaras e grandes de sua côrte, tomando nelle parte as celebridades estrangeiras.

«São passatempos a Luiz XIV.

«E este povo de pobretões a queixar-se que estamos em epocha de privações e calamidades! Insolencia!

«Paga os impostos! Que maior felicidade queres do que contemplar os regios passatempos das côrtes de Pirajá e Rio de Janeiro?»

—Si a policia podesse se distrahir um pouco de seus arduos affazeres e lhe sobrasse tempo para estender a vista até o largo do Theatro teria que mirar-se naquelle bonito quadro!

—Arrel parece que a casa vem a baixo!

—São seis a oito individuos que sabem de cacete sobre um.

—E ha um que traz enferrujada bayoneta n'um páu para sangrar o contendor.

—E va ver que o motivo daquelle berreiro é alguma cousa bem simples.

—*Algum jogo...* de palavra, sem duvida.

—Que em todo caso é negocio em que a policia se devia metter se não andasse atarefada em negocios mais serios,

— Ora, forte estupidez!

— Com quem falla V?

— Com certos mestres cuja crassa ignorancia ou brutalidade os encasqueta de que a força de castigos rigorosos conseguirão fazer que os discipulos comprehendam o que lhes ensina.

— Quod natura et dare et negare potest.

— Da laia destes é um Sr, Romão marce-neiro, ao Taboão, um homemzarrão, que assenta de dar em um discipulo como se o miserando não fosse formado de carne e osso.

— O que não se consegue com docilidade, menos com rigor.

— Um dia destes o desalmado atirou em corpo e alma o menino ao chão e montou aquelle corpanzil sobre elle, dando-lhe de tal sorte que a pobre victima dava signal de vida apenas pelos gemidos abafados.

— Eis um thug perfeito.

— O verdugo foi preso e solto immediatamente com a escapatoria de que procedia tão brutalmente por ordem do senhor do aprendiz.

— E' atrocidade inaudita! O individuo nenhuma culpa tem de que a natureza seja mesquinha com elle negando-lhe os dotes da comprehensão.

— Porem os brutos entendem que podem constringer as vocações, torturar a intelligencia!

— Si elles encontrassem repressão não seriam tão deshumanos.

— Capitão, ouça um pedacinho de ouro.

— O que é isso?

— Um trecho do discurso do senador Zacharias, na discussão de fixação de forcas: versa sobre a legitimidade do governo provisório estabelecido no Paraguay.

«Disse S. Ex. que, desde que organisou se em Assumpção um governo beira-rio, Lopez deixou de ser nas cordilheiras governo legitimo. A isto responde: Si é assim, mande o governo acabar a guerra, porque o direita internacional so reconhece guerra de potencia a potencia e não de potencia a subdito de outra nação, embora este tenha alguma força de que disponha para incommodar o governo legitimo do paiz. Guerra, quer dizer luta por meio da força entre potencia e potencia, e não entre uma potencia e subditos de outra potencia.

Quando o mal que vem a uma nação é causado por um subdito de outra, o governo offendido dirige-se, não ao offensor, mas ao governo a quem pertence o rebelde e pede satisfação: si o governo tem força, repelle, constringe ao dever o subdito rebelde, si não tem força para compellir a obediencia o rebelde, o offendido toma vingança por suas mãos prescindindo do concurso do governo, que em tal caso mostra-se impotente.

A logica manda, portanto, que o nobre ministro, desde que proclama a legitimidade do governo paraguayo de Assumpção, dê por finda a guerra contra Lopez. Não ha guerra contra um cidadão que rebellou-se, que não obedece ao governo legitimo do paiz. São questões muito importantes e por isso não se devem aventar a esmo. A guerra que fazemos a Lopez é muito legitima, porque é o chefe de uma potencia; mas, si o governo declara que Lopez deixou de ser o chefe dessa potencia, se reconhece em Assumpção um *governicho* revestido de soberania, então entenda-se com este, e despreze o rebelde. Mas esse rebelde é tudo, é forte, impõe respeito; logo, tal *governicho* é nada, é sombra-de governo, nada mais.»

O VERBO SURRIPIO.

N'um tempo em que tudo se tem visto não será muito que o verbo *surripio* tambem faça um artigo de gazeta, mas para seguir uma regra comecemos pelos grandes e somente fallemos d'aquelles que habitam o nosso paiz.

Antigamente aquelles que occupavam os altos cargos serviam longos annos e morriam na pobreza; taes foram os Andradas, visconde de Cairú e outros; porem hoje serve até de pasmo, ver os servidores do estado quando apraz ao Creador atirar-lhes com a vida nos estrepitosos abyssos da eternidade, com deixam no mundo um sem numeros de contos.

Nunca tiveram herança, não tiraram sortes grandes, eis por tanto um enigma e este enigma uma só palavra o decifra—*Surripuerunt*.

Admira-se de certos vestidos de beca o extraordinario tractamento que os tentam! Não cazaram com viuva rica, não sonharam com panella de dinheiro, e aonde acharam tanta opulencia?

Não nos esqueça dizer que uma nova forma de conjugar-se este bom verbo ja foi descoberta e vem a ser as apostas.

Vê-se um grande numero de estrangeiros com immensa riqueza, procure-se saber quaes são os meios porque conseguiram tão excellentes resultados e saber-se-ha, que pertencem a illustre sociedade propagadora da moeda falsa e para que todos saibam que são optimos conjugadores do verbo *surripio* trazem ao pescoço uma cruz, mas não entenda alguém que esta cruz é semelhante áquelle que trazem os negros fugidos, ainda que muitos com elles se pareçam.

Entremos pelo fóro e acharemos ahi uma eschola de habeis aprendizes onde cada qual é mais distincto na conjugação do referido verbo do novo methodo do interesse pessoal, com preferencia sempre nos tempos presentes e desde o canal que se procura até a ultima instancia.

Apparece um grande capitalista, chama-mol-o logo ao tribunal da nossa curiosidade a sabermos a origem do seu capital e depois de replica e treplica sahe absolvido o homem, porque não teve crime—*surripuit*.

Olham-se muitos vigarios sustentarem grandissimo luxo não só comsigo, como com a reverendissima familia; a congrua, dizem os intrómettidos, é pequena, para nada chega, de onde é que elle tira? Tambem conjuga o verbo com sua differença que os outros *surripiam* dos vivos e pelos vivos e elles *surripientes mortuorum* e n'este *surripientes* entram tambem os homens que se alegram com a

morte dos outros: armadores, musicos e ecclesiasticos.

Figurões ha que vivem do *surripio* nas cartas, mas d'elles nada por ora dizemos porque lhe preparamos um artigo.

Ha outros que o fazem nos seus subditos. Aqui os nossos leitores perguntarão talvez onde está o exemplo? Respondemos nós, alguns commandantes da guarda nacional que são o agente do verbo *surripio*. Mas como e em que? dirão ainda. Nas propostas que fazem, nos contribuintes da musica e nos outros accusativos continuados e de referencia no sobre-dito verbo.

Nem fique no esquecimento aquelles que aprenderam-o com o mestre Hypocrates, os quaes muitas vezes estão matando e conjugando o verbo; nem tão poucos aquelles que vendem palavras e que de penna na mão bem desempenham seu papel declinado, por escripta o amavel *surripio*. Vão tambem aqui as harpyas dos cofres publicos apezar que d'ellas nada é mais preciso dizer-se; recebam a parte que lhes toca.

Os thesoureiros de muitas irmandades que sem terem receios *surripiam* as cousas sagradas e nem ha outro modo com que se possa explicar o grande numero de candidatos que aspiram a estes logares; porem nem todos conjugam com destresa o verbo de que se falla, e d'aqui vem occuparem uns grandes cargos na sociedade e outros gemerem nas prisões, estes recebem o castigo de sua molleza, aquelles á corôa de seus esforços, e na verdade n'uma escola, ainda que todos queiram ser bons estudantes, a natureza não dá a mesma capacidade a todos; concluimos pois o nosso artigo depois que *surripimos* o tempo a quem o lêu e posto que não personalisamos a ninguém, com tudo das carapuças, que ahi ficam talhadas cada um se sirva conforme sua cabeça e para não deixarmos de citar algum auctor, como é uso agora, terminamos dizendo, com um sabio e eloquente orador, que este mundo é um covil de ratos.

 Á PEDIDO

—Capitão, sempre que o funcionario publico, no desempenho de seus deveres se torna credor, de elogios parece que não se lhe faz nada de mais prestando a homenagem devida.

—E' uma verdade incontestavel.

—O Sr. alferes Marinho, commandante do destacamento do Pilar, pela moderação e prudencia com que se tem guiado na commissão de que está incumbido torna-se digno de encomios.

—São maneiras de pensar, outros dirão o contrario.

—A par da energia, quando é preciso lançar mão della para fazer respeitar a ordem, emprega a brandura accomodando e aconselhando.

Acatando a lei tem cumprido suas obrigações sem crear descontentes.

—Acredito-lhe piamente.

—Incansavel e vigilante tem se mostrado em procurar conter que os soldados sob seu commando se excedam.

—Safal V. parece que quer fazer aqui a apologia do homem.

—E' que eu ouvi dizer que ia ser mudado e Sr. Marinho e como morador do Pilar, não o desejava em vista do desvelló que elle tem mostrado pela boa ordem da freguezia.

—O que eu estou quasi crendo é que V. é intimo do homem ou tem algum interesse na estada delle lá.

—Nada, capitão é justiça que reconheço; rendo um preito a verdade.

—Como queira; mais se tem interesse, em que o homem fique, va ao chefe de policia e exponha-lhe o conteúdo.

—Meu amigo, queria alguma cousa?

—Venho expor a V. Ex. um factó que merece censura.

—Praticado por quem?

—Pelo alferes de permanentes *Peixe do mar?*

—Sente-se e falle.

—Este official, está governando o *ponto* do *Segura Parede*; no dia 25, entron pelas seis horas da tarde abruptamente em casa do cidadão *Agosto minino* Ferreira Torres da Silva e penetrou não so no primeiro como no segundo andar brindando a familia com pachuchadas proprias de um alquilé creado em taverna.

—Mas que motivo teve elle para isso?

—Nenhum.

—Porventura teria o homem alguma cousa extranha na cabeça?

—E' o que está me parecendo.

O que lhe asseguro é que não é a primeira vez que faz disso.

—Não obra bem.

O pote tanto vae a fonte até que se quebra.

—Em que rua foi, sabe?

—Pois V. Ex, não vê logo que não podia deixar de ser no Caes do Ouro? O logar predilecto dos absurdos:

—Em que casa?

—Nº 73.

—E' lamentavel que se dê toes abusos por parte daquelles que devem dar o exemplo de circumspecção e moderação.

—Muitos mais quando seus superiores não o authorisam a toes desmandos.

—E de certo, reprovam semelhantes excessos.

—De sorte que os prepostos d'authoridade, as agentes incumbidos de velarem pela manutenção da ordem, convertem-se em cego instrumento de qualquer quidam, que a força de querer vencer demandas insolitas, commettem quanta torpeza podem inventar e quando as vê merecidamente perdidas, assentam de tirar vinganças com os mais.

—Visto isso, sua opinião é que elle presta-se a cevar caprichos de alguém.

—E nem Santo *Antonio* será capaz de me acapacitar do contrario; a tal respeito sou inabalavel como a *rocha*.

—Tem razão, Sr. Farofa, vou mandar chamar-o pelo *Billéncourt* e advertil-o que não se deixe levar pelas labias de alguma *D. Feliz menina*.

—E neste intervallo é bom pôr de sobreaviso o muxingueiro.

AJUDA DE CUSTO AOS BISPOS QUE FOREM AO CONCILIO EM ROMA.

Poucos dias ha, os jornaes desta cidade deram em suas columnas o discurso *masculo* do bacharel João José de Oliveira Junqueira. Lemos com todo interesse, principalmente quando era recômmendado pelo *cavaco* de um catholico.

Nossa surpresa foi grande a todos os respeitos: o que seja um concilio, o dever do Estado mandar os bispos a Roma e até enviar um embaixador, a utilidade da ida dos bispos ao concilio, os bispos que devem ter ajuda de custo, sua religiosidade e sua politica, tudo nos pareceu uma balbardia, um acervo de considerações sem nexo oratorio, a par de erros os mais graves como iremos mostrando.

I.

O QUE SEJA UM CONGILIO.

Os escriptores que se tem occupado dos concilios ou assembléas clericas os tem definido—«uma assembléa de pastores da igreja para decidirem questões que dizem respeito aos costumes e a disciplina.» Os concilios tem sido devididos, em provincial, nacional e ecumenico.

O ecumenico representa toda a igreja, é a igreja que falla e por isso se chama geral, e é presidido pelo papa ou por um legado seu: o nacional pelo primaz e o provincial pelo metropolitano.

Passemos rapidamente os olhos pelos principaes concilios que tem havido. O de Jerusalem, tido no primeiro sculo (50 D C) pelos

Apostolos, com o fim de privar que os gentios evangelistas seguissem as ceremonias prescriptas aos judeus pela lei de Moyses. O de Nicea (325) convocado pelo imperador Constantino teve por missão condemnar a Ario que sustentava que Christo não é Deus no sentido de *Adonai* dos judeus. O do Constantinopola (381) teve por fim, mas não conseguiu, afastar do seio da egreja os chamados schismaticos.

O de Epheso (431), onde se-reuniram mais de dous mil bispos, seu fim especial foi declarar que a Santissima Virgem é mãe de Deus e condemnar a Nestorio bispo de Constantinopola que sustentava ter Christo duas naturas, e por tanto, em quanto Deus ter pre e não ter mãe, e em quanto homem ter mãe e não ter pai.

O concilio de Chalcedonia, convocado por Leão, condemnou a Eutychio e a Dioscoro bispo de Alexandria porque sustentavam que em Christo só havia uma natureza. O segundo concilio de Nicea (787) condemnou as doutrinas dos iconoclastas e restabeleceu o culto das imagens, base da egreja papista. O quarto concilio de Constantinopola (869-870) condemnou a Phocio e seus partidarios. O primeiro concilio da Basilica de S. João de Latrão (1122) pela voz de trescentos bispos fulminou o tratado de Worms a respeito das *investiduras*. O de Vienne, em França, presentes trescentos bispos e tres reis (Philippe IV de França, Eduardo II. de Inglaterra e Jacques I de Aragão) teve por missão tratar dos erros e crimes dos Templarios, Beguardos e Beguinios, de uma expedição a *terra santa*, da reforma dos costumes do clero e da necessidade de se estabelecer nas universidades o ensino das linguas orientaes. O de Constança (1414) condemnou as doutrinas de Wicief e João Huss: este concilio fez queimar vivos a João Huss e a Jeronimo Praga. O de Bourges (1438) redigiu a famosa *Pragmatica sanção* que depois (1515) foi abolida pela concordata de Leão X e Francisco I. O concilio de Latrão (1512) reuniu-se por causa de um schisma incipiente, discordia entre Luiz XII de França e o papa Julio II e emfim reformar o clero. O concilio de Trento convocado por Paulo III pela bulla de 1 de novembro de 1542 e funcionou de 1545 a 1563. Este concilio, conforme dizia a bulla tinha por missão «a extirpação das heresias, a reforma da disciplina ecclesiastica e dos costumes; e o estabelecimento de uma paz solida em toda a egreja».

Os legados do papa na abertura do concilio disseram que o fim deste era pôr termo «às funestas divisões que ha tanto tempo affligem e atormentam a egreja». Mas o papa em verdade procurava paz e a desejava com sinceri-

dade? Os legados escrevendo-lhe a respeito do modo pelo qual todos opinariam no concilio, elle respondeu que seguissem o exemplo do concilio de Latrão e acrescentou: «que tratassem dos pontos de religião condemnando a má doutrina sem tocar nas pessoas e não tratasse a *Reforma* nem antes nem com os dogmas porque não era o fim do concilio.» Porém que doutrina má era essa? De duas uma: ou a reforma era doutrina boa ou era má. Si era má o concilio devia tratar della e tanto que tratou logo na primeira deliberação a respeito dos livros canonicos, uma das grandes questões do lutheranismo. Si a reforma era doutrina boa, para que condemnal-a?

O cardeal Polus, o mais moderado que tinha assento no concilio, ataeando a um bispo que queria sustentar uma opinião sua e alias sensata e cheia de verdade, assim se exprimia enfadado: «O turbilhão lutheriano que tem abalado a egreja, de que caverna sabiu senão dessa audacia de atacar o original e a versão dos livros santos que a egreja reconhece como o fundamento destas doutrinas?».

Ora tudo isto denuncia que a paz não era o fim deste concilio, porquanto as primeiras decisões atearam mais a gurra entre os papistas e protestantes.

Sem entrar na apreciação das decisões dos concilios, nem si Christo falla á humanidade por elles ou pela bocca dos papas, porquanto «os papas tem sempre regeitado o decreto do concilio de Constança (1414) que ensina que o concilio geral recebe sua autoridade immediatamente de Jesus Christo e que por isso os soberanos pontifices devem se sujeitar as suas decisões,» decreto que depois foi confirmado pelo concilio de Bale (1431), diremos somente que o Sr. Junqueira não provou que «um concilio geral e ecumenico é uma especie de congresso de paz». Outro erro manifesto é suppor que um concilio geral é diferente de concilio ecumenico ou por outra que um concilio pode ser geral sem ser ecumenico, ou vice versa.

Quem não sabe que o papismo, abalado profundamente pelo espirito de liberdade e livre exame, procurou, principalmente no longo concilio Tridentino, firmar suas doutrinas e salvar a causa da egreja do occidente, cujas bases eram-lhe minadas tanto ao noroeste como no oriente? Entretanto se afirma com facilidade que «o papa tinha em vista antes do que questões religiosas, as questões politicas» porque vê-se que no concilio Tridentino «Paulo III tinha muito em vista acabar com as dissensões que infelizmente existiam entre Francisco I de França e Carlos V rei da Hespanha e imperador da

Allemanha.» Si o papa tinha alguma cousa principalmente em vista era exactamente as questões religiosas, por quanto Lutero atacando a regra de fé e a disciplina do papismo, é muito natural que este se levantasse para disputar o terreno que lhe fugia debaixo dos pés.

Depois de ter dito contra toda a verdade historica que o Tridentino tinha por fim uma reconciliação entre dous monarchas, continúa: «era uma reunião solenne em que se ia tratar ao lado dos altos interesses religiosos, egualmente de altos e poderosissimos interesses em bem dos povos que se dilaceravam em guerras inuteis.» Contradição manifestal De duas, uma: ou o concilio tratando «ao lado dos altos interesses religiosos egualmente de altos e poderosissimos interesses em bem dos povos» não fez o que o papa tinha muito em vista, isto é, acabar com as dissensões» entre Francisco e Carlos e por tanto desobedeceu ao papa; ou então se attribue ao papa o que nunca lhe passou pela mente.

Com effeito, ao se apresentarem em scenas os dous rivaes, Leão X entre elles figurou de traidor, ora a favor de um, ora a favor de outro: Paulo III subindo ao solio pontificio (1534) ja encontrou a Reforma. Carlos V guerreou o protestantismo, mas não conseguiu aniquilal-o, por quanto elle ficou consolidado pela convenção de Passau. (1552) que burlou os projectos de Carlos V. Quanto aos planos de Henrique VIII e Francisco I, quem não sabe que acharam termo em 1547 com a morte destes dous monarchas?

Naquella epocha duas guerras portanto se se agitavam: A guerra religiosa na Allemanha e a guerra de interesse mundano entre os dous rivaes, mas o triumpho do mais forte decidira o pleito e então o papa dirigia a espada de Carlos V contra os sectarios de Lutero que como diz Levi: «atacou os sacramentos, a hierarchia, os votos dos religiosos, o poder, a jurisdicção e riqueza dos padres e o poder papal». Uma guerra que tinha por fim restabelecer na Allemanha o imperio do papa era por ventura uma guerra inutil, era inutil aos interesses do povo? Ou aquillo que é do real interesse dos povos não será da vontade de Deus e dos papas? Si isto é assim para que dizer-se que o concilio Tridentino ia tratar dos «interesses em bem dos povos que se dilaceravam em guerras inuteis»? A historia protesta contra semelhante proposição por isso que não descobre os inculcados interesses nem vê a paz sahindo do recinto desse concilio no tocante aos negocios da Reforma: o concilio Tridentino foi convocado em 1542, mas somente installou se em 1545 e suas primeiras decisões atearam mais a

guerra entre protestantes e papistas: Si isto é assim, como insistir ainda no erro de que «era uma especie de congresso de paz» o concilio Tridentino segundo o qual o papismo para accender as fogueiras da inquisição só lhe falta o *poder* na frase de um illustrado advogado fallando por occasião de apreciar a questão Bigot?

(Continúa.)

VARIÉDADES

PETIÇÃO DE GRAÇA.

DE UM AMANTE A SUA AMADA.

Gentil senhora—

Diz um certo pretendente
Dessa tua formosura,
Que quer gosar a ventura
De te fallar brevemente,
Mas como não é decente
Que murmurações se dê—

P. humildemente que
Lhe marque hora e lugar
Em que te possa fallar

E. R. M.

DESPACHO.

Hoje mesmo a meia noite,
No fundo do meu quintal,
Pula o muro, que te espero
Na sombra do laranjal,
Não receies pois te juro.
Que ninguem te fará mal.

CARTA AMOROSA.

Paranisa acrisolada.

Os luminosos raios de teus rutilantes olhos acommetteram-me, isto é, atravessaram, quero dizer, penetraram os reconditos dialectos do meu alcantilado peito, onde tem o seu habitaculo o famigerado coração.

Sim, adorada Minerva, apenas esses teus execrandos olhos se voltavam para os meus, não tive mais garantias, e a minha jurisprudencia se viu escravizada nos ferros de teus attrativos. A ingratição, dizia um philosopho, que era cousa ruim; quanto mais em uma deidade cathgorica, sympathica a anodina?

Não penses, bella Coriféi, não imagines, querida preopinante, que em minha alma se matricule o fosforico sentimento da immoralidade actual e do effectivo crime.

No altar primitivo de Hymineo, guiado pelos preceitos formosos do Deus vendado a quem adoram até as veloses borboletas, e que anhele render te holocaustos sobre a ardente pyra dos affectos immortaes. Embe-

ra a tyrannia de teus pais indifferentes, e os acerrimos direitos da natura, pretendam aristocratizar os sentimentos cordeaes e antiphlogisticos, pondo barreiras inconcussas aos nossos laços; debalde se insurgirão contra mim os Céus, a terra, os elementos e até a propria ebua, nada será capaz de apagar-te da minha Muemosine o que é o mesmo que a memoria, e nas nitidas azas do Cupido subiremos ás nuvens da felicidade.

Ah! D... quando encantadora Serpa, terei a gloria, a dita, ventura de ver-me em teus apologeticos braços! Quando d'esses labios viperinos ouvirei o fatal nome de teu esposo posthumo? Nada temas, furibunda Venus; raios, coriscos, trovões, tudo desafio e tudo postergo por maneatar o teu bellicoso coração. A preta M... que vende pepinos será a mensageira d'esta, e te conjuro a resposta o teu desadora-amante e mavioso idolatra

F....

EPIGRAMMAS.

A UM MEDICO

Em prolongar as molestias
Consiste o nosso saber;
Si de prompto nós curamos
Não teremos que comer.

A UM JUIZ USURARIO QUE TINHA DE PROFERIR UMA SENTENÇA.

Ja ouvi o seu contrario,
E devo ouvil-o tambem;
Mas perceba o que lhe digo—
Quem mais der, mais rasão tem.

BIOGRAPHIA HUMANA.

Na e-lade de 3 annos gosta-se da mãe.
Na de 6, gosta-se do pae.
Na de 10, gosta-ee de rir e brincar.
Na de 16, gosta-se de modas.
Na de 20, gosta-se de namorar.
Na de 25, gosta-se da mulher.
Na de 40, gosta-se dos filhos.
Na de 60, não gosta a gente sinão de si.

Questionando dois soldados no meio de uma praça, pucharam pelas espadas e começaram a bater-se desalmadamente. Um camponez que ia passando, movido de compaixão, quiz separal-os; porém a recompensa dos seus bons serviços foi receber uma cutillada na cabeça que o deitou de pernas ao ar. Chamaram logo um cirurgião, e querendo este ver si os miolos tinham sido offendidos: «Alto lá! lhe disse o rustico: isso é cousa que eu

não tinha, quando me fui meter em semelhante desordem.»

Tendo uma senhora examinado o Diccionario de Mr. Johnson, e louvando-o muito por não ter posto na sua obra palavras des-honestas, elle lhe respondeu:—Pelo que diz a senhora, vejo que as andou procurando.

Fazendo o duque de York os necessarios aprestos e preparos para uma expedição importante, um de seus mais intimos officiaes lhe perguntou quaes eram os seus planos.

—Sab-is guardar um segredo? lhe perguntou e duque.

—Sim, senhor, respondeu o official.

—Pois tambem eu.

O autor de uma obra moderna sobre viagens, depois de referir o modo como durante uma tempestade foi lançado sobre uma costa para elle desconhecida, conclue com estas palavras: «Havia andado onze horas sem achar siquer vestigios de ente humano, opprimido pela necessidade e cansaço começava já a desesperar, quando fui agradavelmente suprehendido pela vista consoladora de um homem pendurado n'uma forca. Difficil fora esprestar o prazer que me causou este grato espectaculo, pois logo me convenci de que estava n'um paiz civilisado!»

DECLARAÇÃO

Principiou-se a distribuir hontem as folhas 82 e 83 do—ROCAMBOLE, e, por engano do paginador, sahiu o n.º 82 na folha 83, e na numeração das paginas, na primeira pagina da mesma folha 83, em lugar do n.º 329, sahiu—229, enganos esses desculpaveis.

ANNUNCIOS

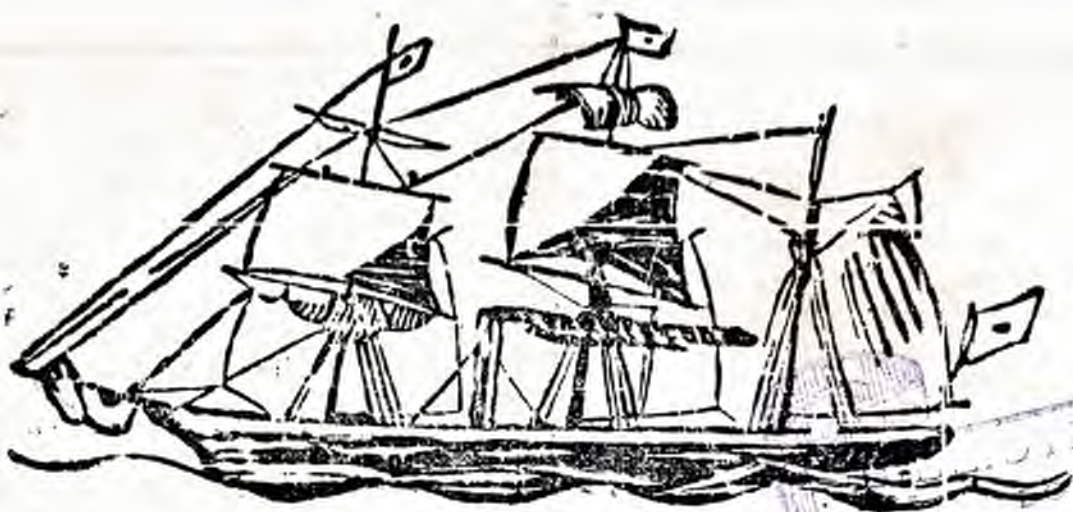
Nas Portas do Carmo, loja n.º 6, precisa-se de um piston ja usado.

Quem precisar de uma pessoa para zelar de crianças para o que tem as precisas habilitações, procure no Terreiro, casa n. 27 —G.

Pede-se aos devedores da Estrella do Oriente que veulhão pagar o que devem no prazo de oito dias sob pena de verem os seus nomes por extenso nas folhas publicas.

ATTENÇÃO.

Vende-se uma taverna com todos os utensilios, armação muito nova e com bons commodos, á rua do Tijollo n.º 10 B: quem pretender, dirija-se a mesma venda que achará com quem tratar.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 33

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

30 DE AGOSTO DE 1869.

N. 545.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
29 de agosto de 1869.

Officio á Illma. camara municipal, participando-lhe que nos communicam que no matadouro publico ha duas balanças, uma das quaes pertence a essa Illma., sendo a outra de propriedade particular e que entre ambas ha uma differença enorme nos pezos, o que vem a ser mais um gravame para este pobre povo, pois que sendo, como é, a carne para o consumo pesada na que apresenta differença para menos, é claro que os cortadores, já tão sem consciencia, procurarão resarcir o prejuizo nas costas do publico, em vistado que espera-se que a Illma., no intuito de alliviar o povo de mais este tributo, tomará providencias para que sejam as mencionadas balanças afferidas e corrigidos os vicios que apresentam.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, representando-lhe sobre a inconveniencia de andarem os marinheiros americanos armados em terra com a faca de que usam no mar, o que pode trazer algum caso lamentavel em vista do immoderado uso de bebidas a que se dão quando desembarcam.

—Capitão, tive noticia de mais um desflo-
ramento.

—Apre! Como andam esfaimados esses ceifadores de honra!

—E desta vez o caso é grave.

—Va desembuchando.

—Uma authority policial, supplente de subdelegado, cujo districto não é o *primeiro*, firme no proposito de desvirginar uma donzella, raptou-a no dia 25, e, correndo mais ligeiro que as rodas de um carro para certa *solidão*, consummou a obra.

—E' mais uma que entra para o rol das perdidas.

—E que tal a moralidade do subdelegado que faz isso?

—Fraquezas humanas.

—Eu chamo depravação.

—Exigencias da carne.

Si for a se procurar um homem incorruptivel para *subdelegado*, eu creio que só *Santo Antonio* descendo do ceu.

—Capitão, V. Ex. foi vez as comedias que representaram no sabbado, em Itapagipe, em casa do Carrascosa?

—Não; mas soube que as comedias deram por fim em comedias de barulhos, desordens e cacêtadas, entre os espectadores.

—E' verdade; choveu pauladas *por borra!*

—E a policia o que fez?

—Ora, V. Ex. sabe que o centro da cidade não é policiado, quanto mais Itapagipe.

—Então os espectadores escovaram-se a faltar, não?

—Ja se vê que não havendo policia, elles estavam a sua vontade.

—Ora, conego, pois V. todo jesuita como é, capellão de um convento, *galanteando* as freiras desta maneira escandalosa, entrando a todas as horas, affrontando assim a moralidade?

—E que tem la isso?

—Nada, meu jesuita.

—Eu entendo que o conego quando anda pelas *villas*, não faz mal praticar dessas *bous accões*.

—Valha-me Nossa Senhora das Merez com esse seu cynismo!

—Capitão, V. Ex. conhece o *Gordinho*?

—Pode ser, mas não me lembro.

—Conhece, pois não! Um rochunchudo velhaquete que traficou em trapos, no *Corpo Bento*, e depois deu-se de quebrado e arribou para a *estrada de pau*, onde vivia entre *silvas agrestes* a tomar *camuecas*?

—Não me recordo.

—Pois não; foi até chamado á presença de V. Ex. pela indecencia que praticava de deitar-se nu na estrada quando estava chilrado.

—Decididamente não me lembro.

—Ora essa! Um mandingueiro que não sei porque artes levantou a quebradura e está outra vez no *Corpo Bento* traficando?

—Tudo isso nada adianta. Diga o que interessa.

—Esse vampiro no dia 27 estuprou uma menina, irman de outra que por elle já tinha sido deshonorada.

—Onde se deu o caso?

—Na ladeira do *Tiro*.

—Como andam elles!

—E me ia esquecendo de dizer-lhe que o abutre de donzellas é proprietario de uma immensidade de casinholas na dita ladeira.

—Não vem ao caso.

—A menina ficou maltratadissima.

—Em que ficou isso?

—Em nada.

—Não houzeram providencias?

—Neahumas.

—Vou ja mandar communicar tudo ao chefe de policia, e espero pelo resto.

—Entrou o vapor americano.

—E dizem que traz noticias importantes da guerra.

—Abra esse *Jornal do Commercio* para ver.

“QUINTA FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 1869.”

“Na camara dos deputados, hontem, logo depois da leitura do expediente, o Sr. ministro da marinha obtendo a palayra, disse:

“Senhor presidente, acabando o governo de receber mui faustas noticias do theatro da guerra, julgei do meu dever communical-as á camara dos Srs. deputados na convicção de que ellas serão recebidas por esta augusta camara, assim como por todos os brasileiros, com o interesse que inspiram. (*Muitos apoiados.*)

Pecó licença a V. Ex. para ler o telegramma recebido ha pouco por via da cidade de Porto-Algre:

“Legação-imperial do Brasil em Montevideu, 19 de agosto de 1869.—Illm. Exm. Sr.—Apresso-me a levar ao conhecimento de V. Ex. para que se sirva transmittir pelo telegrapho ao Exm. Sr. barão de Cotegipe, ministro da marinha e interino dos negocios estrangeiros, o seguinte telegramma do Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos:

“Ao Sr. Carvalho.—Assumpção, 15 de agosto de 1869.—Hoje prestaram juramento e tomaram posse os membros do governo da republica do Paraguay com solemnidade religiosa e civil.

No dia 12 do corrente pela manhan S. A. o Sr. conde d’Eu, á testa das forças do 1.º e 2.º corpos do exercito brasileiro e de 1,000 argentinos, que foram incorporados ás ditas forças, obteve uma esplendida victoria para as armas alliadas, tomando por assalto a cidade de Pirabebuy, terceira capital de Lopez, que se achava cercada de largos fossos, trincheiras e canhões de grosso calibre.

O ataque foi intrepido e vigoroso, praticando brasileiros e argentinos feitos de bravura, que foram logo remunerados pele principe. Sua Alteza dirigiu em pessoa a acção, e foi victoriado entusiastamente pelos seus commandados. O inimigo perdeu mais de 1,000 homens entre mortos e feridos. O commandante da praça, que era o general Abarrado, succumbiu. As perdas dos alliados foram mui inferiores em numero, mas augmentam-se com a perda do general João Manuel Menna Barreto, que morreu como um bravo dos bravos á frente da columna esquerda, atravessado por duas balas.

Em Pirabebuy encontraram se archivos e objectos de valor, bem como provisões e roupa de meza de Lopez. Sua Alteza marchava sobre Caacupé, flanqueando no mesmo tempo o inimigo para cortar-lhe a retaguarda pelo norte.

Em consequencia deste movimento o inimigo abandonou o ponto da subida de Cerro León, por onde os nossos ja se communicavam com Pirajú.

Até aqui o telegramma recebido, o qual foi interrompido pelo máu tempo. Esperamos pelo vapor, que deverá chegar amanha, o resto das noticias. (*Muito bem.*)”

26 DE AGOSTO.

GAZETILHA.—Noticias da guerra.—Recebeu-se hontem a conclusão do telegramma expedido de Porto-Alegre sobre os ultimos movimentos dos exercitos alliados no Paraguay. Diz assim:

«Communicavam com Pirajú; por ali tem vindo ja cerca de mil familias paraguayas que se dirigiam a Pirajú; o numero destes infelizes vae crescendo de dia em dia e vão ser um dos maiores cuidados do governo provisório.

«O general Mitre com o grosso das forças argentinas e o general brasileiro Auto, que opera com aquelle á testa de 5,000 brasileiros das tres armas, seguiram do acampamento argentino de Juasshirá, para o valle de Pirajú no dia 9. No dia 12 forçaram a subida das Cordilheiras que conduz aos Altos. Encontraram alguma resistencia que foi vencida com pequena perda de parte a parte.»

Outro telegramma do Desterro, extrahido de uma folha deixada pelo Santa Cruz, diz:

«No dia 14 soube-se por communicação do general Auto que as suas forças e as do general Mitre tratavam de envolver o inimigo ao norte das suas posições, procurando unirse ás do commando immediato de Sua Alteza. De um momento para outro esperam-se noticias importantes »

O PASSAR A VIDA.

Todos vivem, todos passam—diz o povo—porem o como passam é que precisamos saber; porque uns passam vida de santo, outros de demonio; uns vida de gente, e outros de caxorro.

Vida de continuado prazer não ha ninguém que possa gozar, porque ainda sendo muito rico e poderoso para ter continuamente tudo quanto ha de melhor no mundo, em pouco tempo está infastiado, desejando variar até para peor.

Todos vivem, todos passam, e todos apparecem com a mesma cara na sociedade, porem o que vai lá por dentro no coração, ninguém pode saber, senão a propria pessoa.

Vemos um homem ricamente vestido, ostentando luxo é fallando com muita doçura e jovialidade, contando até casos de moralidade, entretanto é um malvado que não dormiu a noite anterior! porque vellou apunhalado dos remorsos que o pensamento lhe apresentou na consciencia para o flagellar em castigo de seus crimes.

Vemos uma senhora em um baile enfeitada de brilhantes e ornada com ricas sodas fazendo cõrtezas; e toda maviosa e derretida

inculcando que passa uma vida de rosas, mas tudo aquillo é para disfarçar o odio que tem ao marido pelos maus tratos e bofetões com que a hospeda continuamente.

Vemos um homem muito serviçal offerecendo todos os seus prestimos, sua casa, e seu dinheiro, dizendo continuamente que tudo está as nossas ordens, e pelo contrario elle está mesmo com isto estudando meios de illudir e roubar o mais que puder em qualquer negocio que por desgraça fizermos com elle.

Ora estas são as vidas do diabo que está incessantemente planejando a malvadez para della tirar partido.

O militar, o carniceiro, o moedeiro falso, o assassino da estrada, esses passam vida de monstros. e não obstante andarem sem corrente entre nós, são peiores que as feras mais bravias das mattas escuras.

Vida de caxorro passa o pobre homem, que por infelicidade se casa com mulher de mau genio, e corrupta, que alem de aturar os desaforos e palavradas que ella continuamente solta pela boca, leva cabelleira que lhe cobre a cabeça até as orelhas, e quazi sempre por brio e por timidez do publico o desditoso vae roendo calado este terrivel osso da desgraça. Ah! A mulher que assim pratica não sou de opinião que se mate; por que o poder de tirar a vida só compete a Deos, porem deve ser curada com um banho de alcatrão no corpo todo, e uma surra de urtiga todos os dias demanhan cedinho.

Vida de santo passa a creatura de alma bem formada, que occupa os seus dias em curar caridosamente os doentes nas enfermarias, e que do dinheiro que ganha com o suor de seu rosto reparte com os pobres desvalidos.

Vida de porco passa o frade que, fardando-se de um timão preto e raspando a cabeça, passa os dias a comer e dormir quando devia estar com uma enxada na mão, para cultivar a terra, e desengrossar o caxasso que engordou nos vicios libidinosos.

Vida de morego passa o usurario que tira sua subsistencia do cruel negocio de juros e premios extorquidos, das quantias que empresta aos miseraveis, e no que se parece mais com o morego é em estar ordinariamente a noite fazendo as contas, e conjecturando como hade chupar mais sangue.

Vida de pirú passa o estúpido, impostor e soberbo, que, cheio de vaidade de sua entufada importancia olha para todos com desprezo e tudo lhe fede, neste mundo, sendo apenas o seu regozijo encher-se de soberba, e olhar para si mesmo como uma raridade digna de ad-

miração. Para estes, fomentação do escremento de gato pelos narizes, e muitos banhos de desprezo.

Vida magica e especulativa passam alguns cavalheiros de industria, que se aproveitam de certos motivos muito triviaes para terem meios de desfructar sem trabalho o dinheiro alheio. Por exemplo: um aproveita-se de ter cazado uma filha ou parenta com um homem rico, e inculcando se de conselheiro mete-se em casa a titulo de visita, e vae ficando de morada; outro manda as filhas para consolarem a viuva que perdeu o marido, passam os oito dias de nojo, ficam mais quinze para ajudarem as costuras do luto, e mais uma semana, e outra semana, e ahi temos agregados permanentes na casa comendo sem trabalhar.

Outros passam a vida em conversar nas boticas e levar novidades de uns para outros lugares, e quando sabem de ladroeiras pedem dinheiro para calarem a boca.

Muitos passam a vida com os pingos, e pexinxas das egrejas, porque, alem das pratas que são para os maiores, ha os tocós de velas, roupas de defunto, colxas etc., etc., que chegam para todos.

VARIEDADES

REGRAS DE EXPERIENCIA

Não ha bacharel novato que não procure ser delegado.

Não ha partido fora do poder que não seja facção.

Não ha padre partidista que não metta politica nos sermões que prega.

Não ha batalhão da guarda nacional que não tenha contribuintes para a musica.

Não ha ministro que não tenha um procurador de sua amizade.

Não ha estudante sergipano que não blasonse de ser filho de senhor de engenho.

Rarissimo é o presidente de provincia que não é eleito deputado.

MOTTE.

*Quem tem falta de dinheiro
Passa vida de cachorro.*

GLOSA.

E' qual um magro sendeiro,
Que anda sempre estafado,
Constantemente esgalgado,
Quem tem falta de dinheiro;
Lança de si um tal cheiro
Que qualquer que o vê diz—corro;
A pobreza sempre em jorro
O persegue em toda parte

E o misero desta arte
Passa vida de cachorro.

EPIGRAMMA.

A UM BOTICARIO.

Pelo preço da receita,
Não deixo o freguez sair,
Porque sei com geito e arte
As drogas diminuir.

E' mais difficil livrar uma mulher do diabo, do que um homem, porque o diabo quando se apodera da mulher sente que está com a sua gente.

Existe na Laponia uma lei antiquissima, na verdade bem singular, e a qual parece ser feita com o fim de animar a caçada dos ursos, que tantos estragos fazem no paiz. Esta lei dá a todo o homem casado, que houver apresentado a pelle d'um urso que tenha morto, o direito de viver separado de sua mulher por espaço de duas semanas.

Dizia um philosopho que uma actriz bonita é o páraizo dos olhos, o inferno da alma, e o purgatorio da bolsa!

DECLARAÇÃO

Principiou-se a distribuir hontem as folhas 84 e 85 do—**ROCAMBOLE.**

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHOES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer empréstimos sobre qualquer penhor, tambem como prata, ouro e joias.

Nas Portas do Carmo, loja n.º 6, precisasse de um piston ja usado.

TRAÇOS E SOMBRAS

OU PEQUENO ESBOÇO DAS BELLEZAS DA BAHIA.
Poema satyrico por um pintor brasileiro.

Primeiro quadro.

Acha-se a venda, pelo preço de mil reis cada exemplar, em casa dos Srs:
Catilina, á rua Nova do Commercio n. 11.
F. Queirolo, idem idem, n. 21.
Firmino, rua direita do Palacio n. 39.
Laurentino, idem idem, n. 41.
Ludovico, Atraz da Sé n. 16.